

CARINA AMORIM DUTRA

**O PODER SIMBÓLICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:
TERRITORIALIDADES CONFLITIVAS NAS RELAÇÕES HOMEM E
NATUREZA NO DISTRITO DE LAVRAS NOVAS-MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Maestre Science*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

D978p
2012

Dutra, Carina Amorim, 1983-

O poder simbólico das representações sociais :
territorialidades conflitivas nas relações homem e natureza no
distrito de Lavras Novas-MG / Carina Amorim Dutra. –
Viçosa, MG, 2012.

xii, 163f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui apêndice.

Orientador: Klemens Augustinus Laschefski.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 138-142

1. Meio ambiente. 2. Turismo. 3. Representações sociais.
4. Territorialidade humana. I. Universidade Federal de Viçosa.
II. Título.


CDD 22. ed. 333.72

CARINA AMORIM DUTRA

**O PODER SIMBÓLICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:
TERRITORIALIDADES CONFLITIVAS NAS RELAÇÕES HOMEM E
NATUREZA NO DISTRITO DE LAVRAS NOVAS - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.


APROVADA: 26 de junho de 2012.



Leonardo Civale



Marcos Antônio Pedlowski



Klemens Augustinus Laschefski
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

As representações as quais acreditamos que sejam unicamente nossas, certamente as incorporamos com o a vivência de outras pessoas ao longo da nossa trajetória de vida. Logo, se eu quero me situar em meio a um emaranhado de idéias e informações que hoje eu tenho como minhas, eu preciso remontar àqueles que me ajudaram durante todo esse processo. Desejo aqui expressar a minha gratidão àqueles que fizeram parte dessa árdua caminhada que é a pesquisa acadêmica e que me ajudaram a torná-la menos difícil. Não por uma convenção ou respeito a um papel social eu gostaria de agradecer à pessoa que mais me ensinou na vida, a minha mãe, tudo o que eu quero ser quando eu crescer. Também agradeço ao meu pai, que do seu jeito meio ‘torto’ sempre me deu muito apoio nas decisões que eu tomei. À minha sobrinha Isa, com quem eu tenho tido sucessivas lições de vida dia após dia. À minha irmã Carola, por quem eu tenho um amor que eu nunca vou conseguir expressar em palavras. À minha prima Duca, uma pessoa incrível, aquela que sempre terá uma palavra de otimismo. À minha tia Nenega e ao meu tio Vicente pela presença constante na minha vida como verdadeiros pais. Ao carinho e atenção do Lau que muito me ajudaram nesse último ano de caminhada. Ao meu ex-namorado e sempre amigo Leo, pelo apoio durante os momentos difíceis que eu passei durante o mestrado, por suas tentativas, quase sempre frustradas, de me mostrar que as coisas assumem a importância que nós damos a elas. Agradeço aos meus companheiros de jornada e grandes amigos, juntos desde 2004, J.J. Lelis, Joelcio Zóboli Bissaco e Paulo Antônio Marciano, pessoas geniais que fazem parte da minha vida. Ao meu querido amigo Adriano Carlos de Almeida que sempre me ajuda nas minhas confusões teóricas. À Jordânia Isis, minha companheira de república e grande amiga, pelos momentos de descontração, por ela fazer tanta diferença na minha vida. A todos os meus colegas de mestrado principalmente a Maria Simone Euclides, Jairo Barduini, Aline Guizardi e Nathalia Thais, com quem pude ter discussões muito produtivas sobre o meu tema e diversos temas da vida. À comunidade de Lavras Novas pelo acolhimento, pela amizade e pela imensa ajuda na construção desse trabalho. Ao meu orientador Klemens Laschefski, que foi muito atencioso e paciente, sempre me ajudando com as rupturas, reconstruções e as diversas crises existenciais que enfrentei ao longo desse caminho. À minha professora e co-orientadora Sheila Maria Doula e seus choques de realidade que me permitiram uma outra visão da vida. Agradeço ao programa de mestrado em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa e aos professores que fizeram parte do meu aprendizado nesse período, pela oportunidade de expandir meus horizontes e partir para uma nova etapa na

minha vida. Agradeço também à CAPES pelo apoio financeiro sem o qual esse trabalho não teria sido possível. Creio que deixei de mencionar muito nomes, então, agradeço a todos que ajudaram a construir as visões de mundo que hoje eu assumo como minhas, mas que certamente tem um pouco de cada um que passou pela minha vida.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	vii
LISTA DE FIGURAS.....	viii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	xi
Capítulo 1	
INTRODUÇÃO	12
1.1 Problema de pesquisa	12
1.2 Materiais e métodos.....	22
1.2.1 Revisão bibliográfica.....	23
1.2.2 O delineamento metodológico da pesquisa.....	23
1.2.3 As categorias de análise.....	24
1.2.4 População e amostra.....	25
1.2.5 A coleta de dados.....	29
1.2.6 O roteiro semi-estruturado.....	32
1.2.7 A análise dos dados.....	35
CAPÍTULO 2	35
Marco teórico conceitual	
CAPÍTULO 3	56
O distrito de Lavras Novas: contando um pouco da história	
CAPÍTULO 4	69
As representações sociais e as relações no/com o campo: o 'Eu' e o 'Outro'; o 'Outro' e o 'Eu'	
4.1 O espaço social de Lavras Novas: um olhar sobre as representações sociais.....	71
4.1.1 Lavras Novas: um espaço, múltiplos olhares	72
4.1.2 Diferentes visões sobre a natureza: as representações sociais dos grupos quanto aos recursos naturais.....	84

4.1.3 Entre o dito e o feito: as representações sociais da comunidade de Lavras Novas em relação ao poder público municipal.....	88
4.1.4 O 'Eu' e o 'Outro': as relações fronteiriças em Lavras Novas.....	93
4.1.5 O turismo: a " <i>salvação da lavoura</i> ".....	96
CAPÍTULO 5.....	102
Representações sociais: tensões ambientais em movimento	
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
7 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	50
APENDICE.....	155

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Representações sociais sobre o distrito de Lavras Novas.....	62
Quadro 2	Posicionamento dos entrevistados diante das festas do Carnaval e do Réveillon.....	73
Quadro 3	Representações sociais dos grupos sobre a infra-estrutura local.....	83
Quadro 4	Análise das representações sociais quanto ao incentivo ao turismo por parte do poder público.....	84
Quadro 5	Turismo e representações sociais.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do Município de Ouro Preto e do distrito de Lavras Novas.....	60
Figura 2: Vista da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres.....	65
Figura 3: Vista parcial da área central de Lavras Novas.....	65
Figura 4: Vista parcial do Alto do Campo.....	70
Figura 5: Vista parcial da área central do Distrito. Residências de nativos.....	70
Figura 6: Divulgação Novas Lavras Turismo.....	71
Figura 7: Divulgação Novas Lavras Turismo.....	71

RESUMO

DUTRA, Carina Amorim, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, Junho de 2012. **O poder simbólico das representações sociais: territorialidades conflitivas nas relações homem e natureza no distrito de Lavras Novas-MG.** Orientador: Klemens Augustinus Laschefski.

A presença de atividades econômicas não agrícolas marcam o novo rural brasileiro. Entre elas ganha espaço o turismo, cuja exploração desordenada tem causado ao campo impactos ambientais, sociais e culturais diversos. O turismo enquanto política pública teria como foco amenizar as tensões produzidas pelo atual sistema de desenvolvimento econômico, entretanto, paradoxalmente, a atividade vem intensificando contendas sociais. A paisagem que deu origem a nossa pesquisa foi o distrito de Lavras Novas – MG, o qual se encontra inserido no percurso da Estrada Real, regionalização de uma política pública nacional a qual tem como objetivo colocar o Brasil entre os espaços mundiais de turismo. O distrito de Lavras Novas está em constante transformação devido à intensificação da exploração da atividade nos últimos vinte anos. Grupos “*neo-rurais*” de origem urbana se dirigem para o distrito para a exploração econômica do turismo ou mesmo em busca de paz e tranquilidade oferecidas pelos pequenos vilarejos. Por meio da Teoria das Representações Sociais, buscamos compreender as concepções distintas de meio ambiente em jogo no campo social do turismo, procurando investigar se existem potenciais de conflitos ambientais entre os atores envolvidos com a exploração da atividade. A pesquisa de campo ocorreu entre os meses de outubro e dezembro de 2011, quando realizamos os levantamentos. Como método de coleta de dados lançamos mão de entrevistas semi-estruturadas, as quais apontaram a existência de tensões diversas entre os grupos sociais. Ficou claro que a população local está satisfeita com os ganhos em infra-estrutura. Porém, enumera os vários problemas surgidos do desenvolvimento desordenado da atividade, dentre eles a contaminação de cursos hídricos por esgoto sanitário. O potencial de conflitos ambientais evidencia-se ainda na perda da autonomia nas decisões por parte dos nativos para o grupo de empresários “de fora” que tomam para si as determinações. Esses grupos neo-rurais são dotados de capital cultural, social e econômico diferenciados o que lhes permite ocupar uma posição privilegiada na estrutura social do campo e assim, ditar as regras e as representações sociais imperantes. Diferenças sócio-culturais marcantes organizam as formas de apropriação dos recursos naturais representadas por propostas de exploração divergentes daquelas que estão ao alcance da população local. Percebemos que mais um foco de conflito está na discrepância dos imaginários sociais quanto

à imagem assumida pelo distrito entre os grupos. A configuração de territorialidades resultantes das visões de mundo tem movimentado os grupos no distrito em busca da hegemonia pelas representações sociais dominantes. No campo social existe ainda a posição do Estado com suas expectativas e responsabilidades quanto à política pública e enquanto mediador do conflito. O posicionamento do Estado frente às contendas é, por vezes, um agravante para as tensões. Portanto, o que verificamos é que são diversos os interesses envolvendo a paisagem rural em Lavras Novas, confrontando anseios e modos de vida de grupos sociais diversos o que nem sempre coexiste de forma pacífica.

ABSTRACT

DUTRA, Carina Amorim. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June of 2012. **The symbolic power of social representations: conflictual territorialities in the relation between man and nature in the region of Lavras Navas - Minas Gerais.** Advisor: Klemens Augustinus Laschefski.

The presence of non-agricultural economic activities impacted the new rural Brazil. Tourism in particular has become more important, and its unmanaged exploitation were the cause of various environmental, social and cultural impacts. Tourism as a public policy, should have released the tensions produced by the current system of economic development, however, paradoxically, the activity has intensified social strife. The landscape at the origin of our research was the region of Lavras Novas - MG, which is inserted into the path of the Estrada Real, regionalization of a national public policy whose goal is to position Brazil among the important places for tourism in the world. The region of Lavras Novas is constantly changing due to the intensification of exploration of this activity in the last twenty years. "Neo-rural" groups coming from the cities are moving to the region to live from the tourism or sometimes only in search of the peace and tranquility offered by small villages. Through the Theory of Social Representations, we try to understand the different conceptions of the environment at stake in the social field of tourism, and investigate whether there are potential environmental conflicts between the actors involved in this activity. The field research took place between October and December 2011, when we conducted the surveys. The semi-structured interviews that we used as a method of data collection indicated the existence of tensions between the different social groups. It appeared clearly that the local population was globally satisfied with the progress made concerning the infrastructures. However, they also listed various problems that arose from the unmanaged development of the activity, including the contamination of water resources by sewage. The potential for environmental conflicts is also manifest in the loss of autonomy in decision making by the natives in favour of the group of entrepreneurs "from outside" who make the decisions for them. These neo-rural groups are endowed with a differentiated cultural, social and economic capital, which allows them to occupy a privileged position in the social structure of the field and thus dictate the rules and prevailing social representations. Important socio-cultural differences organize the forms of appropriation of natural resources represented by proposals for exploration diverging from those that are within reach of the local population. We noticed that another area of conflict is in the discrepancy between the groups of social imaginaries about the perception of the

region. The configuration of territoriality resulting from these different views have moved the groups in the region in search of hegemony by the dominant social representations. The State is also involved in the social field with its expectations and responsibilities in terms of public policy, and as a mediator for the conflicts. Its positioning sometimes comes as an aggravating factor for tensions. So what we find is that there are several interests surrounding the countryside in Lavras Novas, confronting expectations and lifestyles of different social groups that do not always coexist peacefully.

Capítulo 1

Introdução

1.1. O problema de pesquisa

O ponto de partida do nosso trabalho é uma “*Invitation au voyage*”¹, retomando o poeta francês Charles Baudelaire (1985). Esse convite objetiva, na verdade, a busca por uma pesquisa mais reflexiva com vias a tentar um entendimento da nossa realidade bem como daquela vivida pelo ‘Outro’ ou pelos vários ‘Outros’ em suas vidas diárias. O tema aqui tratado serão as representações sociais que podem vir a colocar em movimento tensões ambientais derivadas de políticas públicas que incentivam o turismo no meio rural. Vale mencionar que a nossa escolha pelo tema partiu de motivações internas. O que já rompe com um pretenso ideal de neutralidade do pesquisador no campo científico. Partimos para esse campo de estudos por considerarmos que as representações sociais nos convidam a ver o mundo além do nosso próprio, a entender as ações humanas a partir de nós mesmos, porque é nos enxergando que podemos ver o que está a nossa volta. Estudar o outro se justifica pela importância que promove para o entendimento da nossa cultura, de nossa identidade. O processo reflexivo é parte central desse exercício de busca pela alteridade. Os seres humanos vivem uns com os outros em agrupamentos sociais. Isso nos aponta para a existência de subjetividades distintas convivendo entre si.

O espaço geográfico é, portanto, o resultado do encontro de um “*conjunto de saberes*” (PORTO GONÇALVES, 2010), isto é, reflexo de um emaranhado de lugares e relações. Esforços acadêmicos vêm sendo feitos para entender as sociedades no interior das suas teias de significados e coerências próprias (GEERTZ, 2008). Nesse mesmo percurso observamos caminhar as pesquisas voltadas para a temática ambiental (LASCHEFSKI, 2005; ZHOURI, 2005; ACSELRAD, 2004) as quais têm nos direcionado para o entendimento do espaço geográfico como um reflexo das relações entre de diferentes lógicas e sensibilidades no seu

¹ O poema é encontrado no conjunto da obra “*Les fleurs du mal*” que tem sua primeira edição realizada no ano de 1857.

processo de apropriação. O que as pesquisas vêm nos apontando é que tratar de questões ambientais vai muito além da esfera dos recursos naturais. Aliás, essa dicotomia há tempos alimenta a ciência e a sociedade de uma forma em geral, situação que nos encaminha para a separação filosófica entre o “*ser e o ente*” que, de acordo com Leff (2001), são partes integrantes de um mesmo processo. O autor trabalha a dicotomia que se construiu em torno da relação Homem-Natureza, como sendo o ponto de partida dos resultados ambientais catastróficos enfrentados pelo mundo moderno e com os quais, em geral, arcam aqueles que menos têm culpa por eles. Leff enfatiza que quando tratamos da relação entre sociedade e natureza não é possível fazer a distinção entre o social e o natural. Para o autor é essa distinção que causa a fragmentação na relação Homem-Natureza, principal causa da crise ambiental atual na qual se encontra o planeta; uma crise que o grande capital não pretende enxergar e que ocorre porque o homem não consegue se enxergar enquanto ser natural, logo, parte integrante do sistema natureza.

Os embasamentos da ciência positivista foram construídos a partir do reducionismo dos fundamentos do iluminismo, que se pautava no progresso técnico em conjunto com um exercício de reflexão sobre os fundamentos da ciência, a um mero racionalismo mecanicista. Nesse momento, o movimento de reflexão sobre os objetivos filosóficos da ciência se perde, restando apenas um ideal instrumentalista que se volta para o objeto real, puramente, como resposta às inquietações científicas por si só (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Essa dicotomia, apesar dos esforços acadêmicos de ruptura, ainda está muito presente no meio científico. Baseada nos fundamentos do positivismo é de se esperar, contudo, que essa segmentação na relação Homem-Natureza ainda oriente as ações dos indivíduos. Entretanto, o que percebemos com o avanço dos estudos na área ambiental (LASCHEFSKI, 2005; ZHOURI, 2005; ACSELRAD, 2004) é que falar de meio ambiente vai muito além de menções aos problemas ambientais; tratar da problemática requer entender o meio ambiente com um encontro entre sociedade e natureza no espaço geográfico. Portanto, ao trabalharmos com a relação homem e natureza estamos lidando com símbolos importantes da cultura dos grupos sociais. Se nessa relação estamos nos voltando para elementos de confrontação de universos simbólicos distintos precisamos, então, ter um olhar atento para as motivações que norteiam a prática social no espaço geográfico. Trata-se, portanto, de colocar em diálogo tanto questões instrumentais, que orientam a vida prática do ser humano, como a questão da sobrevivência, por exemplo, quanto aos elementos subjetivos as orientam, isto é, o porquê das decisões tomadas pelos indivíduos.

Os estímulos por detrás das ações humanas na transformação do espaço geográfico há tempos vêm sendo objeto de questionamento das ciências. As discussões a respeito do que direciona o ser humano, suas atitudes, sua visão de mundo, seu comportamento individual e coletivo estão assentadas no secular dilema da relação entre a ação e a estrutura na conformação do que chamamos de modos de vida. Portanto, para analisarmos as ações humanas no espaço temos que entender quais incentivos estão por trás delas. Esse exercício é válido para apreendermos as transformações que o ser humano promove no planeta. Lógicas distintas direcionam ações igualmente diferentes. Essa relação é central para a análise das questões ambientais e, principalmente, dos conflitos que se desenrolam em torno delas. É nesse ponto que enxergamos no trabalho com as representações sociais mais uma tentativa de romper com a dicotomia entre homem/natureza. Isso porque ao lançarmos mão dessa teoria, levamos em consideração que o espaço material é resultante de um conjunto de motivações simbólicas. Portanto, tratamos as construções humanas como andando de mãos dadas com a Natureza.

O que motiva os grupos em suas ações diárias pode ser explicado pelo entendimento dos seus universos simbólicos de referência. O confronto entre os grupos que disputam representações sociais legítimas em torno do meio ambiente acontece influenciado por universos de análise e classificação do mundo diferentes que em determinado momento se encontram no que se configura em um território. O que pretendemos aqui é propor um diálogo entre as esferas do objetivismo e do subjetivismo para entendermos os imaginários sociais quando os atores voltam o seu olhar para um mesmo objeto que se torna, então, elemento de disputa entre os grupos. Os universos simbólicos que se chocam em busca da legitimação da visão de mundo a direcionar a classificação do espaço estão no cerne das tensões ambientais e é sobre eles que vamos nos debruçar nesse trabalho.

Para chegarmos às relações conflituosas na gestão dos territórios precisamos primeiramente nos remeter a um conflito maior, aquele resultante da crise da sociedade capitalista. Não é novidade que o mundo moderno está assentado em tecnologia e produção. Temos consciência, contudo, que não há nada que o homem venha a produzir que não provenha de uma base primária de recursos; quaisquer atividades produtivas a serem realizadas necessitam de recursos naturais que, entretanto, não são infinitos. As contradições de um sistema que, mesmo tendo como base da sua sobrevivência a exploração da natureza, não se preocupa em repor a sua matéria prima têm modificado imaginários sociais com relação aos recursos naturais expressos em espaços territorializados, politizados, definidos com meio ambiente. O

ideal positivista de dominação da natureza para suprir todas as demandas do ser humano tem mudado o cenário atual sobre o problema. A questão ambiental se tornou um dos elementos centrais discutidos por diversos segmentos da sociedade. Estudos e debates referentes à temática têm sido realizados em muitos campos da ciência moderna. Isso porque a associação entre o crescimento - com o progresso tecnológico voltado para a eficiência produtiva - e a degradação do planeta tem sido uma constante no mundo moderno.

A discussão sobre a possibilidade de escassez dos recursos naturais, iniciada já na segunda metade do Século XIX se intensificou no Século XX e fez surgir iniciativas e discussões de diversos segmentos sociais a respeito dos problemas ambientais que a sociedade de consumo vem causando. O que se obteve com as discussões sobre o assunto nas conferências internacionais, no entanto, nos encaminhou para um processo de “adequação ambiental” a uma visão desenvolvimentista. Conceitos como desenvolvimento sustentável e responsabilidade sócio-ambiental surgem com o objetivo de conciliação dos conflitos gerados pela insustentabilidade do atual modelo. O discurso de subordinação-cooperativa com a teoria do desenvolvimento, acompanhado de propostas de intervenção no espaço trazem nas suas concepções uma pressuposição de acomodação da natureza e das populações locais aos programas hegemônicos de desenvolvimento econômico (LASCHEFSKI, ZHOURI & PEREIRA, 2005). Assim têm sido orientadas muitas políticas de intervenção social no espaço geográfico, entre elas o incentivo ao turismo no meio rural.

A pressão exercida pelo ser humano sobre os recursos naturais já preocupava os economistas europeus no século XVIII. No século XX, contudo, intensificaram-se os diálogos sobre a possível, na verdade, a real escassez dos recursos naturais. Diante da inquietação crescente tem havido uma movimentação nos imaginários sociais dos grupos sociais que passam a ser povoados pela idéia de finitude. Muito embora o problema apareça deslocado das suas causas efetivas e assentado em um discurso despolitizado e não relacional, os recursos naturais passam a ser representados pela idéia da escassez. Esse imaginário encontra respaldo ainda em um modo de vida desgastante, com muitas regras, deveres e poucos direitos reais, característicos do modo de produção capitalista. As representações sociais em termos de ações responsáveis para com a natureza passam compor de forma diversa o imaginário social. Agora, proteger a natureza se torna um novo diferencial de mercado. A importância da conscientização e da proteção dos recursos naturais ganha cada vez mais visibilidade, principalmente nos meios de comunicação. Ser ecologicamente correto se torna um modismo

reproduzido nos mais diversos discursos sem que isso, contudo, se reflita efetivamente em ações. Temos muito mais uma ordem discursiva que coloca em relevo ambiente, mas que se distancia do discurso quando se trata da materialização das ações no espaço geográfico.

As conferências internacionais como a Estocolmo - 1972, a ECO - 92, Rio + 10 e a Rio +20, contribuíram para fortalecer esse imaginário de escassez dos recursos naturais. Porém, também disseminaram a idéia de que os atores sociais são igualmente responsáveis pela exploração do planeta mascarando os reais motivos da degradação ambiental. No entanto, os valores não são universais. Os atores sociais não partilham das mesmas visões de mundo², o que significa que os grupos não se apropriam da mesma forma do espaço geográfico. Isso nos leva a constatar que os atores sociais não são responsáveis na mesma medida pela degradação do planeta. O espaço geográfico é simbolicamente construído por concepções distintas de uso e apropriação e são as visões de mundo que orientam as ações sociais sobre ele.

O Homem no seu processo de reprodução cria códigos para tornarem compreensíveis os elementos do mundo a sua volta. Cada sociedade, com base em elementos simbólicos e culturais constrói formas próprias de significação do espaço. As representações sociais de cada grupo estão ancoradas em diferentes modos de vida, que irão, por sua vez, orientar práticas distintas no espaço geográfico. A constatação de que universos culturais distintos resultam em posturas igualmente diferenciadas nos mostra que o convívio de subjetividades estanques pode resultar em uma disputa quando diferentes olhares se voltam para um mesmo objeto. O motor que coloca movimento as lutas entre representações sociais é a disputa de poder entre as formas de organização social do espaço que querem manter como hegemônico o seu modo de pensar e agir. Segundo Bourdieu (2008) os discursos partem de posições diferenciadas no espaço social³ no qual sujeitos politicamente constituídos buscam cada qual legitimar socialmente as próprias visões de mundo. Nesse sentido, Viégas (2009) menciona ser a questão ambiental amplamente conflitiva, pois no processo de reprodução social os grupos se confrontam com diferentes projetos de uso e significação dos seus recursos.

² Visão de mundo é entendida por Geertz (2008) como sendo os aspectos cognitivos e existenciais de um grupo, ou seja, um quadro elaborado por um povo a respeito das coisas como elas são na realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo e da sociedade e é nele que estão ancoradas as idéias a respeito da ordem social. São expressões de um modo de vida, portanto conformadas pelas representações sociais que os grupos sociais constroem ao longo de sua vivência social. A visão de mundo descreve dessa forma, um estado de coisas real.

³ Espaço social é entendido por Bourdieu (2008) como sendo um espaço de forças no interior do qual os agentes sociais se definem pela sua posição relativa.

Quando mencionamos o convite à reflexão no início desse capítulo, estávamos apontando ao leitor as falhas no processo comunicativo quando o assunto é o ambiente. Em grande medida os debates deixam de lado as representações sociais sobre a problemática ambiental descontextualizando o problema das ações humanas que lhes deram corpo (QUEDA, ALMEIDA JR. & HOEFFEL, 2008). Diante das múltiplas facetas assumidas pela questão é válido entender que em torno de determinados estados de coisas muitas interpretações podem ser possíveis. Partimos da idéia de que é na encruzilhada entre pessoas e idéias diferentes que existe a possibilidade da contestação do ambiente tanto em termos materiais quanto simbólicos (ACSELRAD, 2004).

Neste trabalho, o combustível que vai inflamar as sociais nos campo é a atividade turística ao colocar em contato grupos sociais que diferem entre si em modos de vida, interesses, expectativas e ainda, em termos financeiros. A posse de diferentes capitais e as novas propostas de exploração da Natureza desvinculadas da visão tradicional de rural apontam para possibilidades desiguais de apropriação do espaço entre os diferentes grupos sociais. Se temos em mente que são lógicas sociais distintas que resultam nas tensões é que o processo de retorno às origens sociais de um problema ambiental se torna essencial e esse movimento pode ser feito com o auxílio da Teoria das Representações Sociais. Ao tratarmos do ambiente não podemos desconsiderar o grupo social e suas ações sobre ele para não descontextualizarmos o fato das suas origens humanas. Esse é um processo reflexivo que nos mostra que para entendermos o texto proferido por um grupo, precisamos entender o seu contexto, como bem aponta Geertz (2008).

Nesse momento em que a Natureza surge ressignificada, novos valores alimentam o imaginário social dos grupos sociais que, na sua grande maioria, vivem em grandes centros urbanos. Ao campo é atribuída uma marca social, aquela que representa o oposto da realidade encontrada na cidade. Essa marca está fortemente articulada ao um contato intenso com à Natureza, à paz e à tranqüilidade oferecidas por essa proximidade. Com a supervalorização dessa relação, o campo ganha nova conotação e, com ele, o turismo rural. Para atender as novas demandas sociais, o turismo se embasa em uma visão do espaço natural como lúdico, prazeroso, calmo e belo que, representa, acima de tudo, a possibilidade de rompimento com um cotidiano estressante marcado pelas relações sociais de produção na cidade. Não obstante, essa proposta surge também articulada a uma nova possibilidade de exploração dos recursos naturais. O contato com a natureza, a paz e a tranqüilidade atribuídos ao rural, passam a ser

valorizados como mercadoria em um processo dialético que leva à exploração econômica dos recursos e que acaba por reproduzir a representação hegemônica de desenvolvimento. A atividade turística surge ainda como opção de emprego e renda para a população rural em um momento em que as atividades agrícolas vêm perdendo espaço (SOARES, 2007). Dentre as novas tendências econômicas do campo, o turismo desponta como uma atividade econômica bastante rentável ao transformar, nos termos defendidos por Carlos (1996), a Natureza em mercadoria. O que a exploração da atividade no aponta é que mudanças vêm ocorrendo no campo e têm alterado as fronteiras tradicionais entre atividades agrícolas e não agrícolas, promovendo a emergência de uma nova noção de rural bastante desvinculada das características antes associadas a ele (SOARES, 2007).

Diante da importância que a atividade vem assumindo foi elaborado pelo MTUR (Ministério do Turismo, 2004) o Plano Nacional do Turismo (PNT) que hoje já se encontra em sua terceira edição. Conforme apontam “As diretrizes para o desenvolvimento rural”, documento elaborado pelo MTUR, o objetivo dessa política é o reconhecimento da importância que o turismo rural assume para o Brasil (BRASIL, 2004). Também na PNATER (Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária, 2004) ligada ao MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), o turismo rural é reconhecido como uma possibilidade de melhorar as condições de vida da população rural. A atividade turística é representada no documento da PNATER (2004) como viabilizadora das condições de exercício da cidadania, e ainda como uma promessa de melhoria da qualidade de vida da sociedade (BRASIL, 2004)⁴. No texto elaborado pelo MTUR (2004), o turismo também é representado como atividade promissora no sentido de aumentar os postos de trabalho e a renda no meio rural, de valorizar a pluralidade e as diferenças regionais, de consolidar produtos turísticos de qualidade, bem como de interiorizar a atividade turística. Por meio de ambos os documentos públicos o Estado confere grande poder à atividade turística enquanto fomentadora do desenvolvimento do campo.

As políticas públicas apontam o turismo rural como uma atividade sustentável em termos sociais e ambientais. Isso pode ser notado nos vocábulos ‘cidadania’, ‘trabalho’, ‘renda’, ‘pluralidade’ que pudemos perceber na leitura desses documentos públicos (BRASIL, 2004). Existe, contudo, uma distância considerável entre o que é expresso nos apontamentos que

⁴ Sabemos que outros órgãos estatais possuem políticas de promoção do turismo rural, no entanto nos ateremos, neste estudo, às propostas e definições do MDA e do MTUR.

regulam as políticas públicas e as ações efetivas para a implantação da atividade. O que se percebe na realidade é que o turismo se desenvolve de forma não planejada e isso vem desarticulando o espaço geográfico e logo, a vida social das comunidades receptoras em três aspectos principalmente. Primeiramente, o turismo no meio rural não contribui necessariamente para o desenvolvimento chamado sustentável. A degradação ambiental que é proveniente dessa nova forma predatória de exploração da natureza coloca em risco a sobrevivência das comunidades turísticas diante da falta de planejamento e de controle da ação dessas políticas. Em segundo lugar, a super valorização dos modos de vida da comunidade receptora engloba o risco de instaurar um processo de teatralização da vida rural que se torna um espetáculo para atrair os turistas. A população rural passa a encenar a sua própria cultura e a ver os seus conjuntos simbólicos de referência sendo invadidos por universos culturais estranhos que espetacularizam a vida no campo. Como reflexo dessa invasão de novos modos de vida, a cultura local passa a sofrer com as influências de diferentes visões de mundo já que o processo de valorização do modo de vida das populações receptoras apenas existe nos discursos, percebidos mesmo no documento que regula a política pública. Em terceiro lugar, vale mencionar que em se tratando da eficácia da política na tentativa de territorialização do capital no campo nos deparamos com duas situações. Por um lado, assim como também percebeu Soares (2007) os maiores investidores do turismo freqüentemente são as classes que dispõem de maior poder econômico. Por outro lado, a população rural local, para quem se destinaria a política, acaba se tornando mera assalariada vendendo sua mão de obra e mesmo suas propriedades para os grupos de neo-rurais que se apropriam do espaço rural para a exploração do turismo.

De imediato percebemos uma defasagem entre o discurso e a prática do Estado com relação ao que se propõe para o turismo e as populações rurais nos textos da PNATER (2004) e do MTUR (2004). Essa conjuntura coloca sob questão dois elementos principais, a sustentabilidade ambiental da política e a sua capacidade de territorialização do capital no campo já que os maiores investidores do turismo são grupos provenientes dos grandes centros. A falta de oportunidades de trabalho bem remunerado para a população local causa uma série de problemas, não somente em termos econômicos, mas em termos culturais ao impulsionar o êxodo de parte da população local. A situação se torna mais dramática entre os jovens que, diante das novas possibilidades que se abrem com as facilidades de acesso à formação profissional, não têm expectativas de trabalho na sua comunidade de origem por não aceitarem ser empregados dos empreendimentos turísticos. Embora a migração dos

jovens do campo para a cidade não seja reflexo da atividade turística, observamos que a ausência de melhores oportunidades de trabalho e remuneração acaba por impulsionar a busca por emprego nos grandes centros urbanos.

Quando tratamos de políticas públicas precisamos ter em mente que estamos lidando com um conjunto de ações idealizadas pelo Estado para promover a gestão de determinados territórios. Portanto, mencionar os problemas resultantes da falta de planejamento da atividade requer uma análise mais ampla que nos leva a buscar pelos elementos que embasam a construção e posterior realização do processo de intervenção no espaço. Isso porque é preciso considerar que o Estado também age embasado em um conjunto de representações, expresso em um aparato legal que legitima regras e normas criadas para regulamentar suas ações. Tais representações, no entanto, são construídas com base na visão de mundo hegemônica encabeçada pelo modo de produção vigente. É com base nessa visão que o aparato legal e as políticas públicas são construídos de forma generalista e homogênea sendo, portanto, constantemente atacados como socialmente injustos. Além disso, é freqüente que as representações sociais do Estado sofram com as pressões de grupos sociais variados. Muitas vezes as visões estatais se tornam contraditórias por atenderem a determinados interesses em detrimento de outros, podendo ser tornar foco de conflitos. Mas o que precisamos apontar aqui é que as políticas públicas em si, já são instrumentos preventivos e em alguns casos, mediadores de conflitos. As tensões são originárias das desigualdades sociais das quais sobrevive o sistema capitalista. O que essa colocação nos permite verificar é que mesmo o aparato legal que autoriza o Estado a impor suas visões de mundo é baseado em representações da Natureza de grupos hegemônicos, representações estas que são impostas a grupos sociais com práticas distintas de apropriação material e simbólica do espaço. Embasado nessa visão os próprios interesses estatais no espaço do turismo por vezes confrontam modos de vida. Ora, diante das colocações acima o que percebemos é que em torno do turismo estão envolvidos interesses diversos, os quais não partem exclusivamente do setor privado e da população nativa, mas do próprio poder público.

Em Minas Gerais a tentativa de atração dos turistas para o meio rural veio, principalmente, por meio do Programa Estrada Real que valoriza os caminhos de escoamento de metais preciosos durante o período colonial, rotas oficiais por onde o minério era autorizado pela coroa portuguesa a ser transportado. Associando história, cultura local e recursos naturais este programa vem atraindo grande número de visitantes para as vilas e cidades ao longo do

percurso, colocando em contato diário grupos sociais de origens diversas, muitos deles com interesses diferenciados, o que, em si, já demonstra um potencial de tensões ambientais. A proximidade entre atores com anseios diversos foi um dos motivos que orientou a nossa escolha pela paisagem de Lavras Novas distrito da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, como campo de pesquisa para o nosso estudo. Selecionamos o local, ainda, uma vez que a exploração da atividade turística vem se intensificando no distrito nas duas últimas décadas. Em conseqüência, ocorrem transformações de ordens diversas no espaço geográfico que vão desde a ampliação da infra-estrutura necessária para os serviços do turismo, freqüentemente, estimulados por agentes “de fora” do distrito, até mesmo a conformação de novas territorialidades resultantes do contato entre grupos sociais diferentes. Em nosso trabalho objetivamos identificar situações de tensão e disputas de poder (ACSELRAD, 2004; ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010) por meio da análise das representações sociais dos grupos. Isso porque no contato com o ‘Outro’ universos culturais se chocam e movimentam os grupos e seus imaginários sociais o que nem sempre acontece de forma harmônica. Tais disputas envolvem os grupos de neo-rurais no distrito Lavras Novas, os moradores locais e as instituições públicas que executam as políticas do Estado para o turismo rural como meio de estimular o chamado desenvolvimento rural sustentável. Procuramos em nossas análises entender como os grupos tentam materializar as suas visões de mundo, ou seja, suas representações sociais, no espaço do seu cotidiano. Da mesma forma procuramos identificar as representações sociais que se refletem nas ações do Estado, bem como o seu posicionamento diante de possíveis contradições e contendas resultantes das políticas públicas, já que ele é também mediador dos conflitos. Para entendermos como a situação se desenrola no espaço geográfico de Lavras Novas vamos lançar mão dos trabalhos de Jodelet (2001) e Jovchelovitch (2000). Embasados nos trabalhos das autoras analisaremos:

- as representações sociais da população local quanto à exploração do turismo e seus agentes que permeiam as relações de poder sobre o território lavranovense;
- as representações que o ‘Outro’ assume entre os diversos grupos sociais que lá convivem;
- as visões de mundo em torno do potencial de desenvolvimento rural a partir do turismo;
- as percepções do poder público local quanto ao turismo e, por último,
- as representações sociais quanto aos recursos naturais do distrito, entre os diferentes grupos.

Com base no que foi apresentado até então, objetivamos buscar respostas para algumas indagações. Quais as representações sociais de natureza ou meio ambiente assumidas em Lavras Novas pelos diferentes grupos sociais? Que tipo de ações têm sido orientadas por essas representações com relação à Natureza ou ao ambiente? Existem novos sentidos construídos em torno do território local devido às transformações alavancadas pela atividade turística? Quais as representações sociais dos moradores em torno do turismo e daqueles que o exploram? O que representam os recursos naturais para os diferentes grupos sociais que integram o ambiente de Lavras Novas?

O trajeto da nossa pesquisa, assim como os resultados encontrados em campo será exposto em cinco capítulos. Após a introdução, apresentaremos no segundo capítulo o marco teórico e conceitual que orientou os nossos estudos em campo e as discussões que o leitor encontrará nesse trabalho.

No terceiro capítulo apresentaremos o nosso campo de estudo. Contaremos um pouco da sua história pela visão daqueles que muito participaram dela e que nos permitiram o acesso por meio das memórias coletivas dos casos, lendas e mitos que envolvem o surgimento do distrito, contata por anos seguidos pelos pais e avós daqueles com quem pudemos conversar. Também juntamos à memória dos moradores de Lavras Novas o que a historiografia nos aponta, bem como as pesquisas já realizadas no distrito de forma a povoar de informações o imaginário social do leitor.

No capítulo quatro trazemos o conjunto dos sistemas de referência utilizado pelos grupos identificados em Lavras Novas para orientar as suas ações no espaço geográfico. O papel das representações sociais é central na orientação da prática social, portanto, elas são essenciais para discutirmos as territorialidades que envolvem a disputa pela apropriação do turismo no distrito pelos diferentes grupos sociais. Partimos da exposição das diferenças de representações sociais para expor o porquê da existência de determinadas contendas entre os grupos sociais. Portanto, nessa etapa do trabalho estamos com o nosso olhar voltado para os processos interacionais, relacionais e culturais entre os grupos, que tem os seus significados atribuídos pelo contexto. Essa etapa do trabalho é de grande importância para o entendimento das análises seguintes.

No quinto capítulo vamos discutir os dados encontrados em campo por meio do auxílio do referencial teórico norteador da pesquisa. Nessa parte do trabalho vamos discutir as relações

de poder encontradas em campo e sobre qual base elas se assentam. Vamos apresentar as tensões ambientais sob a égide dos elementos simbólicos que as orientam procurando entender as motivações por trás das ações dos grupos sociais.

Por fim vamos apontar ao leitor as considerações finais a que chegamos em nosso trabalho. Apontaremos os elementos mais importantes encontrados em campo de forma a construir um panorama dos nossos principais resultados.

1.2- Materiais e métodos

A metodologia, enquanto esforço do autor para tornar a pesquisa mais segura e coerente, nos permite muitos caminhos. Antes de iniciarmos a descrição do nosso percurso metodológico, consideramos importante justificarmos a escolha de Lavras Novas como campo de estudo. A nossa opção pelo Distrito se deu embasada e dois critérios. Primeiramente, trata-se de um espaço no qual a exploração do turismo vem se tornando massiva nos últimos anos. Esse crescimento, contudo, não está sendo acompanhado de ganhos em infra-estrutura que sejam capazes de suportar a gama de pessoas que visitam o lugar. Por ser assim, observamos que a exploração desordenada da atividade já começa a causar danos ambientais ao distrito, os quais poderiam se converter em focos futuros de conflitos entre os grupos e destes com o poder público. Em segundo lugar, o distrito convive com a presença constante de grupos *neo-rurais* (SOARES, 2007) que para lá se dirigiram em busca de qualidade de vida e/ou do lucro produzido pelo turismo. Essa situação acaba por colocar em contato modos de vida diversos envoltos por culturas e racionalidades distintas. O encontro entre os diferentes olhares sobre mundo nem sempre ocorre de forma pacífica. Em consequência podem ocorrer focos de conflito ligados aos diferentes modos de compreensão da realidade. Os dois critérios acima mencionados estão intimamente relacionados, dado que é do aumento da exploração da atividade turística, embasada em representações sociais que se constroem em torno do Distrito, que os grupos muitas vezes vêm sendo atraídos para Lavras Novas. A riqueza empírica encontrada no local responde bem aos interesses da nossa proposta, pois o contato entre diferentes modos de vida com posições distintas em uma hierarquia de poder é o combustível necessário para colocar em disputa as relações sociais entre os grupos. Por ser assim, as diferentes racionalidades que viessem a envolver o meio ambiente em disputa pela exploração do turismo poderiam ser o motor de contendas ambientais por meio de interesses distintos entre os grupos.

1.1.1 A revisão bibliográfica

Para alcançar os objetivos propostos, o primeiro passo do percurso foi realizar um levantamento bibliográfico incluindo, além das obras relativas ao arcabouço teórico e metodológico utilizado, os trabalhos que envolveram situações problema similares à da proposta nessa pesquisa. Embora a análise de outros estudos de caso não necessariamente corresponda à realidade encontrada em Lavras Novas, ela nos forneceu determinadas pistas sobre as representações sociais já levantadas e um caminho a seguir em nossos levantamentos. Nesse apanhado também nos apoiamos em trabalhos já desenvolvidos no próprio distrito de Lavras Novas, mesmo que com temáticas diversas, e ainda naqueles desenvolvidos nos distritos vizinhos buscando por informações que nos possibilitassem melhor contextualizar o campo de estudo.

A revisão de literatura priorizou a discussão sobre a Teoria das Representações Sociais embasada principalmente nas idéias da socióloga Denise Jodelet (2001) e nos estudos da psico-socióloga Sandra Jovchelovitch (2000). O nosso marco teórico contará com a contribuição do filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu em quem nos embasaremos para discutir a construção das relações de poder no campo social em torno do turismo em Lavras Novas, que resultam da posse de capitais sociais, culturais, financeiros, e etc., acumulados pelos integrantes do mesmo. Não coincidentemente, trabalhar com os conceitos de Bourdieu nos fez perceber a necessidade de articular as relações sociais em Lavras Novas por meio de categorias e conceitos como território e territorialização, ligados às relações de poder existentes sobre um determinado recorte espacial. Neste contexto procuramos entender como as representações sociais dos diversos grupos em torno da atividade turística se refletem em concepções do espaço e como os mesmos procuram realizá-los. Optamos então, por trabalhar com os conceitos de território e territorialidades discutidos pelo geógrafo Rogério Haesbaert (2004) apoiados ainda na discussão dos conceitos feita pelo geógrafo Joel Bonnemaïson (1981).

1.1.2 – O delineamento metodológico da pesquisa

A proposta de trabalho foi delineada como sendo um estudo de caso. Este enquadramento nos fornece um enfoque contextual para trabalhar com situações muito particulares, como é o caso de Lavras Novas, e que poderão ser melhor entendidas na descrição da área investigada em um capítulo posterior do nosso trabalho. Portanto, nossa pesquisa possui também uma

característica descritiva. Entendemos uma pesquisa descritiva como uma forma de investigação que objetiva a descrição das características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência (GIL, 2008).

1.1.3- As categorias de análise

As categorias conceituais adotadas para responder teoricamente aos questionamentos colocados pela nossa pesquisa foram as representações sociais em torno da atividade do turismo, território e conflitos ambientais. Tais categorias funcionam como apontamentos para o estudo de forma a nos indicar como iremos amarrar teoricamente o trabalho empírico realizado em campo. Entretanto, é necessário que as entendamos como um aparato teórico que direcione as nossas leituras e interpretações, sendo que em determinadas situações nossa discussão pode ir além delas. Elas não devem ser vistas, portanto, como uma forma de aprisionamento das análises. Esclarecemos ainda que para que melhor pudéssemos trabalhar a nossa situação-problema consideramos importante fragmentar essas categorias em subcategorias. São elas:

1) Turismo

- As representações sociais em relação ao distrito de Lavras Novas pelos “nativos” e “de fora”;
- As representações sociais em torno da atividade turística;
- As representações sociais dos problemas ambientais resultantes da exploração da atividade.

2) Território

- Representações sociais em torno da natureza e suas implicações no uso territorial;
- Representações sociais e sua expressão territorial em torno do distrito de Lavras Novas;
- Relações de poder e autonomia dentro dos limites territoriais do distrito.

3) Conflitos ambientais

Nessa subcategoria procuramos identificar as representações sociais que guiam as formas da apropriação simbólica e material da área:

- dos grupos que exploram o turismo;

- dos grupos em relação aos nativos e aos “de fora”;
- dos grupos quanto aos turistas;

É necessário que entendamos, entretanto, que as subcategorias nos ajudaram a direcionar os estudos, não sendo, portanto, estáticas. Elas se intercambiam entre si. Isso pode ficar mais claro quando observamos que das representações sociais em torno da atividade do turismo perpassam diretamente a noção de território o que por sua vez, é necessário para entender os conflitos ambientais que surgem da materialização das representações. Então, as subcategorias se constituíram em um Norte para as análises empíricas e não como uma forma de estancamento e aprisionamento da teoria em determinados enquadramentos.

1.1.4- População e amostra

A população alvo que faz parte deste estudo são os habitantes do Distrito de Lavras Novas – Ouro Preto/MG, tanto os nativos e quanto os não nativos, os comerciantes, os turistas, o poder público municipal e os representantes dos moradores de Lavras Novas. Como um primeiro passo, adotamos uma amostragem do tipo estratificada, quando a população foi dividida em classes distintas. Optamos ainda por essa discriminação por grupos por acreditarmos que, assim como nos aponta Appolinário (2006), a estratificação da amostra melhora a eficiência da pesquisa, uma vez que tende a refletir melhor a realidade da população estruturada. A estratificação se fez necessária também em função da própria natureza do estudo, já que para trabalharmos com conflitos de representações precisamos identificar e fragmentar diferentes grupos sociais que estejam em possível situação de disputa. Para chegarmos à estratificação da amostra, realizamos quatro vistas prévias ao campo. Foi dessas primeiras observações que conseguimos identificar os grupos sociais envolvidos com a atividade turística no distrito. Essas primeiras observações nos ajudaram no sentido de contextualizar o campo e melhor entender os processos pelos quais o distrito de Lavras Novas vem passando.

Após algumas visitas conseguimos delimitar os seguintes grupos: 1) população local composta por proprietários de pousadas, bares, lojas e restaurantes; 2) população local composta por não proprietários de pousadas, bares, lojas e restaurantes; 3) os proprietários das pousadas “de fora”; 4) os proprietários de bares, restaurantes e comércio “de fora”; 5) os turistas; 6) as autoridades distritais sendo elas a Associação dos Moradores de Lavras Novas e a Mesa Administrativa da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres e 7) as autoridades do poder

público municipal, representado pelo secretário de turismo e cultura, pelo secretário de meio ambiente e pelo Vereador Flávio Andrade.

O total de entrevistados somou cinquenta e três pessoas, sendo vinte nativos, cinco estabelecimentos comerciais – consideramos nessa categoria bares, restaurantes, lojas de artesanato e estabelecimentos que prestam serviços de passeios turísticos -, seis donos e/ou gerentes de pousadas, dezesseis turistas, o presidente da mesa administrativa da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres de Lavras Novas, a presidente da Associação de Moradores do distrito, o secretário de turismo e cultura, o secretário de meio ambiente e o vereador Flávio Andrade, proponente da lei que elevou Lavras Novas à condição de distrito. Do total de entrevistas somente três não foram gravadas a pedido dos entrevistados. Nesses casos optamos por registrar as conversas através de anotações no caderno de campo.

Do total de estabelecimentos comerciais, foram contabilizadas dez lojas de artesanato, sete bares e restaurantes, dois receptivos turísticos e três mercearias. De posse dessa listagem prosseguimos com a realização de um sorteio, o que seguiu, portanto, a uma seleção probabilística simples, dado que possuíamos o levantamento de todos os elementos da população. Nesse caso, cada componente teve a igual oportunidade de ser incluído na amostra. Entre os cinco sorteados somente um deles se negou a contribuir com a pesquisa. Em outro estabelecimento o proprietário relutou em colaborar com receio de se comprometer. Posteriormente, após uma exposição mais detalhada das vantagens do estudo para o distrito ele concordou em conceder a entrevista.

Para estabelecermos o campo amostral para os estabelecimentos hoteleiros realizamos um levantamento por meio da internet onde encontramos o cadastro de 28 meios de hospedagem (LAVRAS NOVAS TURISMO, 2011). A escolha das pousadas não se deu por sorteio, uma vez que necessitávamos de uma amostragem intencional que respeitasse determinados critérios. Portanto, os estabelecimentos foram escolhidos com a ajuda dos seus respectivos sites. Os pontos considerados para a seleção foram os serviços oferecidos, as diárias cobradas e a maior ou menor proximidade com a natureza por considerarmos que essas características atraem diferentes públicos. Agrupamos então, os meios de hospedagem em quatro classes: 1) Pousadas com diárias de até R\$ 120 e que ofereciam serviços básicos como limpeza de quarto e café da manhã; 2) Pousadas com diárias entre R\$ 120 e 240, que ofereciam serviços de quarto, café da manhã, piscina, aquecimento a gás, passeios ecológicos, etc.; 3) Pousadas com diárias acima de R\$ 240 que ofereciam os serviços prestados pela segunda classe e que

ofereciam ainda a recriação da natureza com ambientes artificiais em seu interior. Com isso procuramos levantar as diferentes propostas de acomodação oferecidas em Lavras Novas para, a partir de então, buscarmos pelo seu público alvo. Como o número de turistas que visita o distrito durante sábados, domingos e feriados varia bastante, e não tínhamos uma média das visitas, optamos por estabelecer uma amostra de doze entrevistados, os quais foram abordados após a seleção do meio de hospedagem no qual escolheram se acomodar. Com essa estratégia buscávamos mapear as representações pelo tipo de público que procurava cada meio de hospedagem. Assim, realizávamos inicialmente a seleção do meio de hospedagem a compor a amostra por meio de entrevistas com seus proprietários e/ou gerentes e utilizávamos esse mesmo levantamento para a escolha dos turistas. Não abrimos mão dos imaginários daqueles que se acomodavam em casas e em suítes alugadas dos moradores locais e mesmo dos moradores proprietários desses meios de hospedagem, os quais estão inseridos entre os vinte nativos entrevistados. Quanto à seleção destes últimos seguimos a orientação dos próprios moradores do distrito por não existir um cadastro desses meios de hospedagem. Entrevistamos quatro turistas que optaram por se hospedar nos meios de hospedagem oferecidos pelos nativos. Um esclarecimento se faz necessário, diante da dificuldade de encontrar os proprietários das pousadas, visto que muitos deles não residem em Lavras Novas, foi necessário redefinir a amostragem optando pelas entrevistas com os respectivos gerentes. Assim, pudemos entrevistar dois proprietários e quatro gerentes.

Os nativos foram selecionados conforme indicações de outros nativos e por vezes abordados na rua em pontos diferentes do distrito procurando com isso evitar que prevalecesse o posicionamento de único grupo. Portanto, esse contato seguiu a um método não probabilístico intencional denominado bola de neve. Esse tipo de amostragem é definido por Appolinário (2006) como sendo aquele em que o pesquisador começa a entrevista por um sujeito que indica um ou mais sujeitos para compor o restante da amostra.

Sabemos que a simples presença do pesquisador é capaz de alterar o posicionamento dos entrevistados e a utilização do gravador, como em três casos, causou certa inibição e mesmo um constrangimento para os entrevistados. Em muitas das entrevistas os sujeitos sentiam dificuldades em tocar em determinados assuntos com uma pessoa estranha e com um agravante ainda maior que era a existência de um gravador. Esses assuntos estavam relacionados à relação com o 'Outro' no distrito. Portanto, como estratégia de tornar a conversa mais amigável por vezes os entrevistados foram abordados juntos, posicionamento

adotado por se mostrar mais vantajoso na medida em que incita uma discussão sobre o assunto. Essa tática se revelou muito eficaz visto que em situações isoladas, muitas vezes houve negativas em responder determinadas questões, ou mesmo inibição diante de determinados temas. Entre eles percebemos grande receio dos entrevistados em falar da relação entre os grupos no distrito. Outras vezes pudemos perceber contradições nas respostas ou mesmo na dificuldade de marcar claramente uma posição, o que se mostrou diferente quando a abordagem era feita em grupo. Acreditamos que a abordagem em grupo era necessária como forma de dar mais segurança ao indivíduo, que em meio a pessoas ligadas a sua convivência diária se sente mais seguro para falar.

Ainda entre os nativos realizamos entrevistas com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a história do distrito de Lavras Novas. O total de entrevistas com essa finalidade somou três pessoas. O critério para a seleção foi a idade dos entrevistados e o conhecimento que os moradores de Lavras Novas mencionavam ter o indivíduo sobre a história local. Os sujeitos mencionados foram indicados pelos moradores sob a justificativa de que aportariam um maior conhecimento da história e da cultura do distrito devido a suas experiências de vida. Os elementos histórico-culturais trazidos a nós por meio da memória dos sujeitos entrevistados foram abordados no histórico do campo, como veremos mais adiante, como forma de situar o leitor, visto que as informações oficiais sobre a história de Lavras Novas são escassas.

A seleção do número de representantes para compor as sub-amostras se fez na tentativa de atender as necessidades da pesquisa e o tempo de estudos, interpretações e escrita determinados pelo programa de mestrado. Além disso, não verificamos nesse estudo a necessidade de um grande número de entrevistas, dado que não buscamos pela construção de modelos teóricos ou mesmo por generalizações. Estamos tratando com um objeto particular que nos impede de fazer generalizações. Sabemos que nenhuma seleção amostral irá refletir exatamente as características da população, entretanto, consideramos ter selecionado uma amostragem que respondeu aos nossos objetivos nessa pesquisa. Embora não tivéssemos utilizado a amostragem por saturação para definir o número de sujeitos de pesquisa e tenhamos mantido o número de entrevistados inicialmente selecionados, pudemos perceber que o conteúdo das entrevistas por grupo não diferiam significativamente uma das outras. Assim, dados os objetivos da pesquisa, o número de entrevistados selecionados foi suficiente para que alcançássemos as respostas para as questões colocadas na introdução desse trabalho. Isso porque em determinada altura das entrevistas já não chegávamos mais a nenhum

elemento novo, o que nos apontava para um ponto de saturação dos levantamentos. Por termos estratificado a nossa amostra, não tivemos como trabalhá-la em termos de porcentagem, já que o número de pessoas por grupo não representa uma amostragem conveniente para cálculos estatísticos. Também não seguimos a critérios de seleção das entrevistas, todos os levantamentos foram analisados.

1.1.5 - A coleta de dados

A escolha do método de coleta de dados é uma etapa fundamental para o sucesso da pesquisa, pois é por meio dele que nos será possível a aquisição das informações a serem trabalhadas nas análises. Entendemos que uma ferramenta de coleta de dados é a aplicação de instrumentos elaborados e de técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a os levantamentos necessários para a análise (MARCONDES e LAKATOS, 2007). Foi por termos consciência de que o levantamento de campo é uma das etapas mais importantes de um projeto de pesquisa que as nossas visitas de campo foram planejadas e organizadas na fase preparatória da pesquisa. Essa etapa foi importante para a obtenção de dados preliminares junto à população alvo que justificassem a relevância de um estudo dessa natureza.

Por uma necessidade do nosso tema de pesquisa optamos por trabalhar com uma metodologia qualitativa de coleta de dados. Isso porque para os nossos propósitos a linguagem é uma ferramenta de extrema importância, pois é por meio dela que se manifesta o conteúdo das representações sociais. Por ser assim, selecionamos a entrevista como método chave para os levantamentos em campo. Optamos por esse instrumento por acreditarmos no seu poder de aquisição de informações, o que casa muito bem com pesquisas com objetivos exploratórios. Entendemos a entrevista como sendo o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto (MARCONI e LAKATOS, 2007). Procuramos fazer das entrevistas exatamente o que propõem as autoras Marconi e Lakatos, ou seja, um encontro, na tentativa de tentar tornar o mais natural possível uma discussão que pudesse vir a causar mal-estar, já que o tema conflitos não povoa o imaginário social de boas imagens.

A entrevista como método de coleta de dados nos apresenta vantagens entre as quais a principal é a flexibilidade para adaptar o roteiro de acordo com o rumo tomado pela conversa. Isso porque durante o processo, entrevistador e entrevistado se encontram frente a frente, o que facilita a condução do assunto. Além disso, lançando mão dessa ferramenta tivemos

acesso a um nível de detalhamento e um acesso maior às questões chave para a nossa pesquisa como a relação entre os grupos sociais que exploram a atividade turística no distrito. Da mesma forma, a liberdade permitida por esse instrumento de coleta nos permitiu alçar nosso universo de análise a possibilidades muito mais amplas em termo de resultados. A modalidade de entrevista por nós adotada foi a semi-estruturada. Essa modalidade é assim definida por contar com um roteiro previamente estabelecido para a orientação da entrevista, mas que permite ao pesquisador certa flexibilidade para trabalhá-lo abrindo espaço para a elucidação de elementos que venham a surgir das falas dos entrevistados (APPOLINÁRIO, 2006). As entrevistas com questões semi-estruturadas se prestam melhor aos propósitos exploratórios, como é nosso caso, pois permitem um acúmulo maior de informações, o que é central para uma pesquisa com representações sociais. A construção do roteiro semi-estruturado foi reflexo das visitas prévias a campo. Consideramos que a fase de pré-teste do roteiro em campo foi extremamente rica, uma vez que se trata de uma importante ferramenta que nos auxilia a evitar os erros de indagações. Portanto, esse foi um momento importante de planejamento e apoio na organização do roteiro final a ser adotado em campo.

Durante a primeira visita, que ocorreu no dia 09/10/2010, que se tratou apenas para um levantamento prévio para a finalidade de definir os objetivos da pesquisa, optamos por conversas não estruturadas com a população, com os comerciantes e com os turistas. Procuramos de início lançar questões sobre a qualidade de vida local, as belezas naturais do entorno, a disponibilidade de meios de hospedagem, etc. No final da primeira visita já conseguíamos identificar alguns dos diferentes grupos ligados à atividade turística, verificação que somente seria concluída em visitas posteriores. Para orientar as próximas visitas elaboramos três roteiros voltados para a população local, os comerciantes em geral e os turistas. Essa fase de pré-teste foi muito importante para a elaboração final de ferramenta de coleta de dados mais madura e mais condizente com a realidade encontrada no campo. Nesse momento, elaboramos roteiros para os bares, restaurantes e os meios de hospedagem, pois não víamos necessidade de construção de uma base de perguntas diferente pautada no tipo de serviço prestado. Esse posicionamento foi alterado mais tarde quando percebemos que as diferenças entre eles não nos possibilitava mantê-los em um mesmo grupo. Foi então que elaboramos roteiros distintos construídos com base nas especificidades de cada grupo. Tais roteiros continham vinte e cinco questões e foram aplicados a um total de dezoito entrevistados. Começamos a trabalhá-los já na segunda visita ao distrito que ocorreu no dia 02/12/2010. Já nesse momento, pudemos identificar os micropoderes (FOUCAULT, 2007)

atuantes no território de Lavras Novas por meio das conversas, sendo possível definir os grupos focais que comporiam metodologicamente o nosso universo empírico.

A terceira visita ocorreu durante o carnaval no dia 15/02/2010. Essa visita foi de grande importância e a mais rica com respeito aos objetivos e para as etapas seguintes da pesquisa. Isso porque a comemoração do Carnaval, que é uma das épocas de maior intensidade de atividades turísticas, dividiu opiniões no distrito quanto à forma correta de se explorar o turismo e ainda criou certo mal estar entre a população local e os grupos de neo-rurais diante da maneira como foi organizada a festa no distrito. Essa festa foi realizada pela Associação de Moradores de Lavras Novas e se tratava claramente de uma festa para os nativos e não para os turistas, o que causou certo desconforto entre os grupos. Mesmo os nativos tiveram contendas entre eles, uma vez que uns são mais favoráveis ao turismo do que outros. Determinados segmentos do comércio e pousadas se posicionaram contra a festa no formato em que foi realizada. Esse fato será melhor explicado na exposição dos nossos resultados em um capítulo posterior do nosso trabalho.

A nossa quarta e última visita antes da qualificação do projeto de pesquisa tinha a função de verificar e consolidar os resultados até então obtidos. Prosseguimos com as conversas com os moradores, turistas e proprietários de bares e restaurantes, porém continuamos com a mesma dificuldade de encontrar os proprietários das pousadas pelo motivo já acima descrito. Terminadas as primeiras visitas demos continuidade à elaboração do projeto de pesquisa para a qualificação que ocorreu no dia 29/06/2011 no Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa. Após a defesa do projeto, embasados nas sugestões da banca avaliadora e ainda no material do pré-teste, procuramos elaborar os novos roteiros para a orientação das entrevistas na fase de coleta definitiva de dados no campo.

Os levantamentos de campo ocorreram nos meses de outubro, novembro e dezembro. Estivemos durante vinte e um dias no distrito de Lavras Novas para o mapeamento dos dados. No mês de outubro realizamos os levantamentos por sete dias consecutivos, a contar do feriado de Nossa Senhora Aparecida no dia 12/10. Posteriormente, já em novembro, estivemos no distrito por quatro dias, durante o feriado da Proclamação da República a partir do dia 14/11. Já no mês de dezembro visitamos Lavras Novas por dez dias consecutivos a contar do dia 03/12. No total somamos vinte e um dias de levantamentos no Distrito. Assim, conseguimos situações típicas de lugares como Lavras Novas, que são além dos feriados prolongados, como na época do Carnaval, sobretudo alvo do turismo de curta duração durante

feriados ou de finais de semana. Já o levantamento com o poder público em Ouro Preto foi realizado durante três dias e aconteceu no mês de fevereiro de 2012. Optamos por trabalhar dessa maneira por considerarmos importante que os nossos mapeamentos pudessem ser realizados em feriados, férias escolares como também em dias úteis.

1.1.6 - O roteiro semi-estruturado

Contamos com o apoio de seis roteiros semi-estruturados, todos eles construídos com base nas subcategorias de análise, já que é nelas que nos embasaremos para a discussão dos dados. Embora o roteiro seja apenas um Norte para a conversa permitindo a interferência do pesquisador a qualquer momento, redigimos as questões de forma direta e objetiva, procuramos não usar palavras técnicas ou jargões científicos de forma a evitar que as indagações não fossem compreendidas. Essa estratégia foi também uma forma de facilitar o trabalho de levantamento em campo. Acreditamos que dessa forma a precisão nas respostas é maior. No geral, não tivemos problemas com a compreensão das questões. As perguntas curtas e claras favoreceram em grande medida as respostas.

A base das questões foi as mesmas para todos os grupos entrevistados. Algumas pequenas variações eram realizadas de acordo com o grupo considerando que questões direcionadas aos estabelecimentos comerciais, por exemplo, não poderiam compor o roteiro daqueles que não eram comerciantes. O importante de se elencar é que para responder diretamente aos objetivos do nosso trabalho selecionamos um conjunto de representações nas quais centramos o roteiro de todos os entrevistados. As nossas questões se basearam no levantamento de representações sociais sobre o Distrito onde buscávamos localizar diferenças nos imaginários sociais quanto a Lavras Novas. Compomos ainda o nosso roteiro de questões pertinentes ao turismo, como forma de levantar as representações dos grupos quanto à atividade. Também procuramos mapear as representações sociais sobre a natureza, já que as formas distintas que conceber a funcionalidade dos recursos naturais poderia ser um vetor de tensões. Procuramos ainda verificar a existência de relações de poder que criassem relações conflituosas entre os grupos em Lavras Novas. Para tanto, levantamos como se davam as relações entre os grupos e em quais imagens está ancorado esse ‘Outro’ que tem sua visão voltada para o mesmo espaço geográfico. Também buscamos averiguar as relações dos grupos com o Estado, representado pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto de forma a entender como se dá a construção de uma política pública na teoria e como ela se mostra efetivamente em campo. Por fim, levantamos

no imaginário dos grupos as modificações causadas pela atividade turística no espaço de Lavras Novas.

1.1.7 - A análise dos dados

Findados os levantamentos no campo, prosseguimos com a transcrição das entrevistas. O método da transcrição foi importante para que melhor pudéssemos organizar e analisar as representações sociais dos entrevistados. Das transcrições selecionamos as frases representativas que nos apontassem tendências, comportamentos e atitudes com relação ao imaginário social envolto pelo turismo.

As entrevistas que foram gravadas tiveram em média quarenta minutos de duração e foram todas fielmente transcritas. Todo esse material foi posteriormente destruído como exigência da Comissão Ética responsável pela análise e liberação do projeto para a pesquisa. Todos os entrevistados autorizaram, por meio da assinatura de um termo de compromisso, a utilização de suas falas para a elucidação das situações-problema encontradas em campo. Como forma de comprometimento ético do pesquisador, os nomes dos entrevistados não foram citados, da mesma forma que não houve nenhum tipo de retenção das informações, quaisquer que sejam, nos roteiros utilizados.

Como metodologia para organizar o material transcrito, adotamos a separação e a seleção das idéias-chave que remontam aos objetivos da pesquisa como forma de construir grandes grupos analíticos. Essas idéias serão tratadas em tópicos no capítulo quatro, quando expomos as nossas subcategorias de análise. O objetivo foi organizar os comentários e as respostas em categorias similares. Para melhor arranjar os dados optamos por descrevê-los em tabelas. Assim sendo, padronizamos os grupos tomados como referência e procuramos selecionar no material transcrito o que era condizente com cada padrão de resposta selecionado. De tal modo, separamos as representações em termos do distrito, do espaço de vida, da natureza, do turismo, dos turistas, dos grupos envolvidos com a atividade turística no distrito, das relações de poder que permeiam Lavras Novas e da prefeitura. Essa técnica nos foi útil na interpretação das entrevistas nos indicando quais os pontos seriam centrais na organização da representação analisada. Também a organização das entrevistas dessa forma nos permitiu uma interpretação mais rápida e clara da massa dos dados. Todavia, o propósito imediato dessa metodologia foi nos auxiliar na distinção das diferenças, semelhanças e relações por meio da clareza e destaque que essa representação nos permite ter (MARCONI E LAKATOS, 2007).

Capítulo 2

Marco teórico conceitual

Tratar das relações expressas nas modificações do espaço geográfico pelo contato cada vez mais próximo entre cidade e campo requer um olhar atento para as subjetividades que se voltam para um mesmo objeto de desejo, o espaço rural. Para entendermos as transformações no campo precisamos lidar com uma diversa gama de experiências. Uma entre as novas marcas do mundo moderno é a busca pelo contato com a natureza como um convite ao rompimento com uma vida de restrições e imposições. A natureza surge nesse novo contexto, ressignificada, assumindo novas formas e funções. Essa reorganização do imaginário social que desponta nesse novo cenário faz surgir uma reconfiguração territorial construída tendo como base relações sociais de poder que passam a se apropriar do meio rural para atividades diversas.

Nesse capítulo apresentaremos ao leitor as bases conceituais que sustentaram as nossas discussões dos dados obtidos em campo. Diante da complexidade da temática proposta, contamos com a contribuição de conceitos de variadas áreas do conhecimento. Portanto, para que pudéssemos enriquecer as análises das representações sociais em Lavras Novas quanto à exploração da atividade turística, lançamos mão de conceitos da Geografia, da Antropologia, da Filosofia, da Sociologia e da Psicossociologia. Definimos, entre as várias possibilidades de escolha de um marco teórico, adotar como elementos norteadores da nossa pesquisa os conceitos de campo, capital, *habitus* e *doxa* do filósofo e sociólogo Pierre Bourdieu (1983) dialogando com as definições de território e territorialidade dos geógrafos Rogério Hasbaert (2004) e Joel Bonnemaïson (1989). Tais conceitos serão discutidos à luz da Teoria das Representações Sociais, discussão para a qual nos fundamentamos nos trabalhos de Jodelet (2001) e de Jovchelovitch (2000). Esse conjunto teórico será utilizado para a discussão da problemática dos conflitos ambientais. Para tanto, vamos nos apoiar nos trabalhos de Henri Acselrad (2004). Embora a discussão dos dados se embase nesses teóricos, ressaltamos a importância de trazer ao leitor o diálogo que muitos desses autores tecem com seus pares.

Quando possível traremos posições de outros autores quanto às temas como forma de enriquecer as análises.

Ao tratarmos das representações sociais em relação a uma temática qualquer estamos trabalhando paralelamente nas esferas do objetivismo e do subjetivismo. Nossa escolha pelos conceitos trabalhados por Bourdieu se respalda nos esforços do autor em tentar encontrar um meio termo para o dilema da relação entre a ação e a estrutura tão caro à Sociologia e que ainda hoje permanece. Bourdieu, diferentemente de Durkheim e Weber, primou pela busca da articulação entre o plano da ação ou das práticas subjetivas com a esfera das estruturas ao tentar entender como a ação individual é influenciada pelo conjunto das regras sociais que orientam os grupos. Esse processo que Bourdieu denominou interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade expressa as relações entre a esfera individual e a esfera coletiva no balanço final da construção das representações sociais de mundo (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2009). Por meio desses instrumentos Bourdieu procura tecer uma relação entre indivíduo e sociedade por meio da inter-relação entre ações e instituições. O mecanismo de interiorização do que lhe é externo é a forma como o indivíduo apreende o conjunto social no qual se insere de forma a participar coerentemente dele. Ao contrário, a exteriorização das interioridades é expressa pelas transformações que, no plano individual, são impressas no imaginário coletivo. Se é pela interiorização das ações do grupo que as representações sociais são construídas, é juntamente com as concepções individuais que essa noção se constrói efetivamente. Bourdieu apresenta, assim, uma estrutura que é estruturante, mas que, ao mesmo tempo é estruturada pelos membros dos grupos em conjunto, formando assim um “campo social”. Em síntese, o que Bourdieu pretende dizer é que cada campo social é dotado de determinadas regras e orientações que ditam formas de agir e pensar no seu interior. As regras do campo podem ser modificadas pelos atores por meio de lutas e estratégias ao mesmo tempo em que as orientações que condicionam a ação individual podem também ser alteradas numa relação dialética que conjugam a ação social e a coletiva.

O campo social de Bourdieu é um espaço hierárquico revestido de relações de força e monopólios, lutas e estratégias, interesses e lucros voltados para a aquisição de poder no seu interior. Assim, “o campo enquanto um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo, de uma luta concorrencial” (BOURDIEU, 1983, p. 122). Cada campo possui propriedades próprias que o diferencia dos outros. Nesse espaço, os atores sociais disputam entre si posições que se dispõem em uma

hierarquia entendida e respeitada por todos os atores que dela compactuam. Tais posições são representativas das relações de poder dentro do campo e independem de seus ocupantes para existir. Em tal disputa, o que está em jogo são a autoridade, a competência, a autonomia para agir com legitimidade no interior da estrutura. As práticas e estratégias desenvolvidas estão, por conseguinte, orientadas para a aquisição reconhecimento perante os membros do campo de forma ascender na sua hierarquia.

Nessa estrutura hierárquica o jogo de posições é composto por aqueles que são detentores de maior autoridade no campo - a ortodoxia - e por aqueles que possuem posições mais frágeis no interior dele - a heterodoxia. A ortodoxia, como a parcela dominante no campo, impõe suas visões de mundo como legítimas, influenciando as ações e posicionamentos dos demais atores nele envolvidos. Na luta que opõe dominantes e dominados, por vezes os grupos recorrem a estratégias antagônicas, opostas em sua lógica e princípio (BOURDIEU, 1983). Os dominantes consagram *estratégias de conservação*, de forma a manter inalteradas a ordem social do campo com a qual condescendem. Esses atores contam com um aparato de ferramentas que colaboram para manter as relações de poder relativamente inalteradas que contribuem para a continuidade das relações no interior do campo. As ferramentas de manutenção das relações de poder variam de uma estrutura para outra.

Não somente os ocupantes das posições dominantes adotam estratégias no interior do campo. Os dominados também usam determinadas táticas e ações que de acordo com o objetivo do sujeito podem levá-lo a seguir por dois caminhos. O ator pode decidir que é melhor adotar *estratégias de sucessão*, quando ele simplesmente compactua com as regras e orientações do campo esperando com isso alcançar determinado lucro simbólico que lhe permita alcançar uma posição superior. Como segunda possibilidade, o ator pode optar pelas *estratégias de subversão*, podendo assumir uma postura de questionamento dos princípios de legitimação e de dominação que vigoram no campo. Nesse caso o sujeito tem como objetivo tentar enfraquecer essa estrutura e lhe imputar modificações.

Os atores ortodoxos e os atores heterodoxos são adversários no campo em função de interesses divergentes. Entretanto, mesmo perante as divergências, os grupos se acordam em determinados posicionamentos que se embasam nos interesses comuns entre eles. Bourdieu formula então, o conceito de *adversários-cúmplices*, a partir do qual pretende esclarecer que mesmo havendo momentos de divergências entre os grupos, existem também os pontos nos quais os atores concordam em busca da manutenção de uma certa ordem social. Todos

compactuam de forma a manter essa ordem que se rompida viria a prejudicar os interesses de ambos os lados. Embora imperem diferenças de pensamento entre os atores ortodoxos e os heterodoxos, Bourdieu aponta que ambos os grupos possuem determinados interesses convergentes. Esse pano de fundo, compartilhado tanto pelos dominantes, quanto pelos dominados, é o que Bourdieu veio a chamar de *doxa*, a base de estruturação de qualquer campo social. Trata-se de um acordo tácito construído pelos membros de um grupo social por meio da introjeção de representações que vão gerar um senso prático e estruturante. A *doxa* é exatamente o ponto de sustentação do campo, já que representa as relações de concordância entre os grupos permitindo, assim, que o jogo de poder possa se manter. Jovchelovitch (2000) corrobora com Bourdieu ao apontar que tanto em códigos comuns como nas diferenças os atores estão tratando sobre pontos triviais da sua vida social. Assim, sujeitos podem se contradizer ou argumentar a favor uns dos outros; no próprio discordar e contradizer expressam o que de comum existe entre eles.

Cabe ainda ressaltar que as posições de dominância dentro do campo não são fixas sendo possível que os atores heterodoxos venham a ocupá-las. A possibilidade de ascensão na hierarquia social é dada pela aquisição do que Bourdieu chamou de capital. O que leva um sujeito a ocupar determinada posição nesse campo é reflexo do capital por ele acumulado. O capital é o conjunto dos saberes e poderes acumulados pelo indivíduo ao longo de sua trajetória de vida no seio de um grupo ou classe social. Os principais tipos de capitais por Bourdieu citados são o cultural, o social, o econômico e o simbólico. O capital possui dimensões materiais e simbólicas que se intercambiam, não havendo uma separação clara entre as duas esferas. As estratégias e ações de acumulação desenroladas pelos indivíduos refletem, portanto, a busca pelos elementos valorizados no interior do campo que é (re) produzido pela ortodoxia e ainda pela heterodoxia em se envolver na disputa. O campo é, portanto, “(...) sempre o lugar de luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico (...) (BOURDIEU, 1983, p. 136)”. O capital é ainda, segundo Bourdieu, uma forma de poder advindo da acumulação econômica e simbólica (conhecimento, gostos, influência social, etc.) de bens necessários para dar legitimidade às ações sociais. É também fonte importante de hierarquização dos indivíduos reforçando visões sociais de classificação e segmentação social. A posse de diferentes tipos de capital confere assim uma forma de dominação entre aqueles classificados dentro das representações dominantes das hierarquias sócio-econômicas, isto é, das relações de poder no interior da sociedade. Cada campo possui suas próprias regras e, portanto, requer tipos específicos de

saberes. A busca pelo acúmulo de capital é o objetivo dos integrantes de campo de forma a atingir ou manter a posição de dominância. Portanto, o monopólio em maior ou menor grau dos diferentes capitais apontados por Bourdieu permite a separação dos grupos sociais em termos do poder que exercem e em termos da fatia do campo que cada grupo tem o poder de se apropriar.

É no conjunto das vivências de um indivíduo que está a chave para a interpretação das posições sociais porque por ele assumidas. Existe todo um sistema previamente constituído que pode ser lido com uma matriz de percepções e visões de mundo. Isto porque é durante a trajetória de vida que o sujeito acaba por conformar um determinado modo de ver, pensar e agir. Para explicar como essa situação se desenrolaria, Bourdieu (2008) trabalhou com o conceito de *habitus* definido como um conjunto de disposições duráveis – e que por isso se mantêm ao longo do tempo - estruturadas de acordo com o meio social no qual os sujeitos estão inseridos. De acordo com Nogueira (2011) o que Bourdieu nos traz por meio do conceito de *habitus* são os sistemas predispostos de arranjos que orientam o indivíduo para sentir, pensar e agir. Tais disposições vêm, então, a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios estruturadores das práticas. São estruturas porque se constituem em alicerces para a ação e são estruturantes porque orientam as práticas sociais, ou seja, um conjunto de orientações predisposto pelas estruturas sociais e que orientam o indivíduo nas suas interpretações do mundo que o rodeia. É, por assim dizer, um senso prático que por ser apreendido ao longo da vivência diária é internalizado como natural, não sendo, portanto, elemento de questionamentos. Por conseguinte, o indivíduo age naturalmente impulsionado pelas suas representações sociais do mundo, conformadas por seu *habitus*. Bourdieu explica ainda que o sistema de *habitus* é conformado pelas condições materiais de existência e mesmo pelas ações pedagógicas e de socialização no seio da família e do sistema educacional. É o conceito de *habitus*, dessa forma, que liga o indivíduo à sociedade, isto é, é conformado pelas instituições sociais que envolvem a vida dos agentes.

Bourdieu aceita, contudo, que as estruturações que conformam um sistema de *habitus* podem sofrer modificações, não sendo, portanto, rígidas. Para fugir das posições finalísticas e deterministas do Estruturalismo, o autor considera o *habitus* não como um conjunto inflexível de regras de comportamento a serem seguidas, mas sim como um conjunto de elementos previamente elaborados para orientar a ação dos sujeitos. Assim sendo, Bourdieu considera que este sistema possa sofrer com transformações ao longo de tempo de acordo com os

diferentes tipos de capitais que o indivíduo venha a adquirir ao longo de sua trajetória de vida. A ação nas mais diversas situações não se dá, portanto, com base somente em internalizações individuais, mais em um agregado de valores, regras e orientações apreendidos durante a trajetória de vida em meio a um grupo social. Tais ações acabariam por corroborar com o sistema de dominadores/dominado imposto a todos por meio da reprodução do que foi internalizado durante a vida. Por assim dizer, as ações dos sujeitos são dotadas de um sentido objetivo que não lhes é diretamente perceptível. As ações tendem a refletir a posição social do indivíduo e as distinções estruturais que a definem. Isso não ocorre embasado em estratégias previamente definidas para a dominação, mas sim em elementos de uma trajetória social, uma vez que estas marcas se tornaram parte constitutiva da subjetividade dos indivíduos que as reproduzem naturalmente (NOGUEIRA, 2009).

Embora Bourdieu valorize a objetividade das ações humanas, também admite o sujeito enquanto produto da sua subjetividade. As práticas sociais se apresentariam como propriedades típicas da posição social de quem as produz. Isto se dá porque é a própria subjetividade dos indivíduos que direciona sua visão de mundo, preferências, gostos, anseios e estão ancoradas e estruturadas de acordo com o contexto no qual o indivíduo viveu. Entretanto, é importante ressaltar que Bourdieu considera que a subjetividade seria ainda estruturalmente condicionada, configurada pela posição específica que o indivíduo ocupa no seio do seu grupo social. Assim como defende o autor, em nosso ponto de vista a subjetividade que conduziria o sujeito à ação não é mecanicamente conformada e seguida. Ela é internalizada pelos diferentes atores de uma forma distinta. Porém, o que não perdemos de vista é que mesmo essa forma de incorporar determinados pensamentos e visões de mundo é proveniente de uma socialização anterior. Assim sendo, os indivíduos não são seres totalmente autônomos e autoconscientes, porém, tampouco, seres mecanicamente determinados pelas forças objetivas. Essa posição de Bourdieu nos mostra um sujeito social muito influenciado pelo seu meio de vida. O objetivismo/subjetivismo das ações estão muito condicionados à trajetória do indivíduo no interior de uma posição dentro de um grupo social. Em um processo integrado e dialético agem objetivismo e subjetivismo na construção do imaginário social no interior do campo social. Com esse posicionamento Bourdieu busca colocar um fim a antinomia entre indivíduo e sociedade.

Os conceitos de campo social, *doxa*, capital e *habitus* se integram em um conjunto teórico que explica o poder simbólico que estabelece uma ordem tal qual deve ser seguida por

dominadores e dominados e que permite a preponderância de uma classe social sobre a outra. Conseqüentemente, na luta entre representações distintas o que está em jogo não são apenas posições, mas também direitos, hierarquias e, finalmente, a própria ordenação da estrutura social (CHARTIER, 1990). Trata-se de um mecanismo de controle tácito e invisível representado pela estrutura estruturante e que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não sabem e/ou não querem saber que fazem parte dessa teia de relações. Logo, existe uma estrutura objetiva baseada em múltiplas relações de luta e dominação entre os grupos e para cuja perpetuação os indivíduos colaboram através de suas ações cotidianas. Essas ações estão respaldadas em representações construídas com base em um conjunto de *habitus* conformado pelo próprio campo por meio da *doxa*. Por assim dizer as relações de poder no interior dele reproduzem símbolos e signos em um simulacro que além de servirem para a promoção da coesão entre os membros funcionam como um instrumento de superposição dos atores dominantes sobre os dominados. Trata-se de um espaço no qual os grupos por meio de suas lutas acabam por reforçar as relações de poder reproduzindo, assim, as representações sociais da classe dominante.

As representações sociais adquirem grande importância para o entendimento do funcionamento do campo social em Bourdieu (2008). Segundo o autor, o campo só adquire todo esse poder sobre os seus membros por existir um imaginário social que impõe uma definição de legitimidade, autoridade e de importância das posições sociais. Essa estrutura existe porque no entendimento dos grupos as posições ocupadas pela ortodoxia são as mais vantajosas. Em conseqüência, há uma concordância de que todos querem mudar de posição em busca da ascensão social.

Entendemos que Bourdieu trabalha muito próximo do campo das representações ao tentar acabar com a dicotomia entre indivíduo e sociedade. As representações sociais, o imaginário social, as mentalidades coletivas, as visões de mundo, como preferiam cada um dos muitos campos que trabalham com a teoria, são construções mentais, elaboradas por um grupo como forma de entender o mundo que o rodeia, orientar práticas e promover coesão social por meio do consenso. Assim, as representações são formas de conhecer o mundo elaboradas pelos grupos sociais com base em valores e crenças e que são partilhadas coletivamente buscando tornar a realidade acessível, inteligível. Representar é uma forma de re-apresentar o mundo real. É poder ter acesso a elementos que não estão presentes, é representar a ausência.

Para embasar o nosso trabalho analítico sobre as representações sociais vamos considerar a definição elaborada por Denise Jodelet (2002, p. 22) para quem “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Para Jodelet, criamos representações pelas necessidades que temos de nos ajustar ao mundo, entendê-lo, identificar problemas e dominá-lo física e intelectualmente. As representações sociais também possuem uma função prática, pois são responsáveis por orientar nossas condutas, por nos dizer como agir em determinadas situações. Diariamente os indivíduos são chamados a fazer julgamentos e assumir posições, o que fazem com base em suas percepções do mundo, isto é, em seu sistema de significados que os orientam para a ação. As representações sociais são formas de classificação do mundo que orientam os comportamentos diante dos diferentes aspectos da realidade. São, portanto, uma forma de conhecimento que agrupa elementos afetivos, mentais e sociais que integram na linguagem o imaginário que se constrói da realidade material. Esse conhecimento construído na base diária da vida em comum serve para que seja possível construir uma imagem a respeito do real para que os grupos possam se posicionar frente a ele. As representações, segundo a autora, acabam por construir uma visão consensual de mundo, já que são partilhadas pelos grupos na sua vivência diária, mas ao mesmo tempo pode configurar conflitos quando formas distintas de significação de mundo estão em disputa. Logo, precisam ser analisadas no contexto social no qual se inserem demonstrando a necessidade de se apreender como os indivíduos constroem suas bases simbólicas e o seu imaginário, fundamentado na sua inserção cultural e sócio-econômica e como interagem sujeito e sociedade para a construção da realidade. Nesse sentido, importa definir o lugar do qual se fala assim como os atores sociais envolvidos.

O que se percebe é que Jodelet (2001) e Bourdieu se aproximam ao entenderem que para se fazer a leitura das representações sociais é preciso considerar os sujeitos em seus determinados meios de vida e cultura. Mensagens mediadas pela linguagem são construídas socialmente e estão necessariamente ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que a expressam. Os imaginários sociais, portanto, tendem a refletir as condições sociais dos sujeitos e a base espacial na qual foi construída. Nada mais são do que elaborações mentais construídas socialmente a partir da dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. O estudo das representações serve, antes de tudo, para entendermos os sistemas de referências sobre os quais estão ancorados os elementos que utilizamos para classificar o mundo que nos rodeia, assim como para

interpretar os fatos que nos são colocados diariamente por este mundo cotidianamente. Também Geertz (2008) se aproxima dessa discussão ao apontar que a cultura é uma teia de significados tecida por aqueles que dela compartilham. Para entender uma cultura seria então preciso entender o emaranhado de significados que movem os grupos. Logo, seria preciso interpretar os universos simbólicos para entendê-los.

Para Jovchelovich (2000) as representações sociais são fenômenos simbólicos produzidos na esfera pública. Elas (re) constroem a realidade de uma forma autônoma e criativa; uma forma do sujeito social interpretar e construir o mundo em que ele se encontra. Além disso, as representações sociais ferecem ainda a possibilidade do novo, da autonomia diante da realidade, daquilo que ainda não existe, mas que poderia existir. Sendo uma relação com o ausente se tornam um meio de evocar o possível (JOVCHELOVITCH, 2000).

Como nos apontaram Jodelet e Jovchelovich, a construção do real, do mundo visível se dá por meio dos significados que atribuímos a eles por meio do poder de cognição individual e sua relação contextual. Também Chartier (1990) define que as representações sociais são esquemas intelectuais, que criam imagens, figuras, por meio das quais a realidade se dota de sentido, assim como o outro se torna mais familiar, o diferente se torna passível de ser decifrado. Em outras palavras, as matrizes de discursos e as práticas diferenciadas que orientam os atos ao permitirem conciliar imagens mentais com esquemas interiorizados de categorias incorporadas geram e estruturam as representações. Em Geertz (2008) encontramos uma relação clara entre texto, conjunto de símbolos, crenças e valores, e o contexto, espaço onde esses elementos são construídos. O autor aponta que para compreendermos a ação do ser humano é necessário não separá-la da sua relação com as ações da coletividade e ainda localizá-la, caracterizá-la. Para Geertz, para que possamos valorizar a diversidade das ações humanas é necessário entender a multiplicidade cultural que diferencia os grupos. A criação de imagens e idéias em torno de si e do outro estão em constante (trans) formação. Portanto, Geertz, contribui com sua colocação ao nos mostrar que não se trata de generalizar as ações humanas por meio dos casos estudados, mas sim de generalizá-las dentro deles. Entender o que movimenta o ser humano é buscar pelo entendimento da teia de significados que o amarra.

Para Chartier (1990) as representações estão ligadas a realidades de múltiplos sentidos e mesmo que tendam a buscar pela universalidade acabam reproduzindo os interesses do grupo pelo qual foram elaboradas. Essas transformações estão, a todo momento, construindo e

reconstruindo as regras, códigos e valores morais que regem a vida social que ao mesmo tempo influencia na construção dessas regras. As representações sociais como resultantes de elementos simbólicos expressos por um grupo social, nos permitem conhecer a organização social com a qual estamos tratando. Portanto, entender as representações que embasam as ações individuais é uma forma de apreender o que é relevante ou não para uma população, suas expectativas, dificuldades e anseios em determinadas situações e contextos.

Estudar as representações sociais é trazer à luz das discussões a relação entre o objetivismo e o subjetivismo, a estrutura e a ação, o público e o privado. Trabalhar as representações sociais é entender o sujeito em suas influências sociais. É entender o outro dentro do processo de formação do seu imaginário social no interior do grupo social no qual foi socializado. Para Jovchelovith (2000) entender as representações sociais é trabalhar a dialética entre o Eu e o Outro, o que cumpre dizer, o domínio social e a esfera privada. É o outro que dá ao sujeito a sua compreensão enquanto “Eu”. A autora nos coloca que

O fato de que seres humanos podem interrogar a si mesmos e usar territórios diferentes para refletir sobre suas identidades demonstra claramente que, para além do qualquer tipo de isolamento e individualismo, a verdadeira possibilidade de acesso à individualidade reside na presença de Outros (p. 62).

O que a autora pretende é apontar que as pessoas vivem umas com as outras e que é nesse convívio que se formam as representações do grupo, já que os sujeitos só representam quando existe algum ponto o qual referenciar. Então, teremos sempre a relação de um indivíduo para com outro, ou mesmo para com outros objetos. É no espaço público que as representações se desenvolvem, ao mesmo tempo a esfera pública se torna um objeto sobre o qual as representações sociais se assentam. Logo, tanto a etapa da socialização quanto a de individualização fazem parte de um mesmo processo. O sujeito social é autônomo e criativo sobre sua ação no mundo, entretanto, a realidade social é o elemento explicativo central para o direcionamento das ações individuais. O indivíduo, para Jovchelovitch, não é nem abstraído da realidade social nem condenado a ser um reflexo dessa realidade. Existe um poder mediador que se coloca entre o sujeito e o mundo que o rodeia. Por ser assim, as representações sociais se formam através das relações e práticas no interior de um campo social, num espaço de trocas entre o sujeito e o Outro. As representações vão além do trabalho individual e se constituem como um fenômeno que expressa a subjetividade do campo social e sua capacidade para construir saberes.

Para Jovchelovitch a vida pública, com suas instituições específicas, seus símbolos, rituais e significados é o locus no qual as representações sociais se desenvolvem e adquirem existência concreta. A autora considera que as representações sociais se dão na esfera pública, que são para ela as orientações de um outro generalizado. As representações sociais para a autora vão além da esfera individual, estando erradicadas na esfera pública sem, contudo, desconsiderar a participação do sujeito nesse processo. O ser individual é parte constitutiva da sua realidade social. Sendo assim, para a autora a realidade social é o elemento explicativo central do processo de formação do indivíduo. A autora corrobora com Jodelet quando nos coloca que a formação das representações sociais estão para além da fragmentação dos campos individuais e psíquicos. O que existe é uma mediação entre o sujeito e o mundo a sua volta. O mundo se mostra ao indivíduo como forma de representação as quais são constantemente (re) elaboradas pelo sujeito na sua relação com o mundo. O sujeito constrói na sua relação com o mundo um novo mundo de significados. Portanto, para Jodelet, o sujeito não é somente resultante de sua psique, da mesma forma que não é somente um reflexo de sua realidade social. Existe um trabalho de trocas permanentes e processuais que colocam em contato direto a realidade social do indivíduo e seu trabalho mental na construção e reconstrução das representações sociais nas quais o ator se ancora. As representações sociais são, portanto, mediadoras da relação entre as esferas individuais e coletivas (JOVCHELOVITCH, 2000). A autora procura clarear que as representações sociais são simbólicas, por isso se constroem embasadas em símbolos, mas não podem ser entendidas somente à luz dos processos construtivos individuais, já que elas se formam das relações e práticas do campo social. Assim, as condições para a atividade representacional se encontram em um espaço de trocas entre o sujeito e o “Outro”. A realidade social, portanto, institui o sujeito individual.

As representações expressam o espaço do sujeito em sua relação com a alteridade do mundo. Esse sujeito está em uma busca interpretativa contínua para dar sentido e construir os espaços nos quais se encontra. É pelos processos de ancoragem⁵ e objetivação⁶ que a mediação entre objetividade e subjetividade se tornam possíveis. De acordo com a autora, as representações sociais elevam para o nível do “material” a produção simbólica de uma comunidade.

⁵ O processo de ancoragem é o que podemos entender como fixação, apreensão do desconhecido dentro de elementos já institucionalizados, dos significados (Jovchelovitch, 2000).

⁶ A objetivação é o processo por meio do qual os indivíduos tornam familiares a eles elementos até então desconhecidos, por meio dos seus sistemas de valores (Jovchelovitch, 2000).

Também Douglas (2000) aponta que para entender as formas de percepção e ação sobre a realidade é preciso verificar o que existe em termos do pensamento organizador e orientador por trás das mesmas. Tal colocação implica dizer que para que se tenha um conhecimento mais abrangente das motivações que orientam os indivíduos é preciso ter ciência do sistema de conhecimento que o norteia. Para a autora o processo cognitivo mais elementar do indivíduo depende de suas instituições sociais, as quais estão embasadas em representações sociais de mundo. A representação construída mede sua força pelo seu grau de aceitação, socialização e capacidade mobilizadora. De acordo com Douglas o grupo social pensa embasado em determinados hábitos arraigados em opiniões compartilhadas pelo grupo. Isso porque para a autora são as instituições que dirigem e controlam a memória social, já que “(...) o grupo social é portador de um estilo de pensamento” (p. 53). As instituições têm como função a manutenção da ordem social, a base da vida social. Trata-se de um sistema social no qual há uma interdependência dos indivíduos com o seu todo social. Portanto, a sociedade só pode ser entendida se as ações individuais forem entendidas no todo social.

O que a discussão acima nos aponta é que os diferentes autores citados (JODELTET, 2001, JOVCHELOVITCH, 2000, GEERTZ 2008, CHARTIER 1990, DOUGLAS, 2000) dialogam entre eles quando consideram que as ações dos indivíduos no interior de um conjunto social é muito influenciada pelas suas vivências, pelas características do corpo social no qual se insere. Essa passagem é muito relevante para teorizarmos sobre como a estrutura age sobre as representações sociais dos indivíduos. Assim como acreditam os autores, entendemos que é o contexto que fornece a condição para a ancoragem das representações sociais. Lidar com as representações sociais é buscar pela tentativa de apoio em processos objetivos e subjetivos de construção do real. Tal teoria nos traz uma possibilidade de lidar com a relação entre a ação individual e a estrutura que se coloca diretamente a ele.

Chartier (1990) e Bourdieu (2008) corroboram quando defendem que as representações sociais tendem a legitimar uma determinada visão de mundo, bem como as formas de dominação que estão em jogo no que Bourdieu chamou de campo social. O que se percebe é que as representações sociais acabam por compactuar com a manutenção de uma determinada ordem social. Por meio dos imaginários sociais os grupos definem os papéis sociais ocupados por cada ator no interior do campo. Também Baczo (1984) vem nos informar que através dos imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade elaborando representações de si estabelecendo a distribuição dos papéis e das posições sociais.

Entretanto, imaginários sociais que se voltam com objetivos distintos para um mesmo espaço acabam por criar desacordos e rompimentos dos contratos sociais entre os grupos. O mundo material é entrecortado por sujeitos sociais que elaboram projetos distintos de uso e significação do espaço, seja ele rural ou urbano (ZHOURI, 2007). É por isso que para que sejamos capazes de entender situações de disputas pelo espaço geográfico precisamos ter uma análise contextual. A Teoria das Representações Sociais trabalha o pensamento humano na sua essência e na sua dinâmica de construção e mobilização para ações e posicionamentos na vida cotidiana.

Entendemos que as diferentes representações sociais em relação a um determinado recorte espacial podem ser a causa de tensões ambientais. Partindo desse pressuposto, consideramos relevantes as idéias de BACZCO (1984) para quem é no imaginário social onde se expressam as expectativas e aspirações latentes, constituindo um lugar de conflito entre a ideologia dominante e as forças que se sobrepõem aos dominados. Dessa forma, as representações sociais de um espaço resultam em conflitos justamente devido a construções imaginárias distintas sobre o uso e ocupação desse espaço.

Os conflitos ambientais em si possuem uma natureza coletiva, eles nunca se dão somente pela ação de um único indivíduo e ocorrem movidos por ideais, convicções, anseios e insatisfações relacionadas a um tema ou situação quando universos simbólicos distintos entram em disputa. Os conflitos apontam para a falta de consenso entre as partes em relação a esse objeto de desejo. Acselrad (2004) entende por conflitos as contendas que envolvem grupos sociais com formas diferentes de entendimento de como deve ser a apropriação do mundo material, quando pelo menos um dos grupos envolvidos tem sua reprodução ameaçada por impactos indesejáveis tanto no solo, água, ar ou sistemas vivos, que são decorrentes da prática de outros grupos sociais no local. Para o autor, esses conflitos se dão em unidades territoriais onde se compartilha um conjunto de atividades como um “*acordo simbiótico*”. O rompimento desse acordo, vindo a causar efeitos indesejáveis a um ou mais grupos que compartilham da vivência no lugar devido às práticas de outros agentes, pode ser um fator gerador de conflitos. Para o autor o meio ambiente é apropriado material e simbolicamente. As formas de entendimento do espaço não se resumem a uma resposta às carências do meio; há uma atribuição de significados ao mundo da matéria, dotando-o de sentidos, ordenando-o, comandando atos e práticas diversas a partir de categorias mentais, esquemas de percepção e representação. As formas de apropriação social do espaço são reflexos de diferentes conjuntos

simbólicos, diferentes formas de representar o mundo. Estas formas se ligam em grande medida às possibilidades de uso e apropriação. Acsehrad defende que as práticas de apropriação material do espaço geográfico levam à configuração de processos de diferenciação social dos indivíduos, a partir de suas estruturas desiguais de distribuição, acesso, posse e controle dos espaços e mesmo dos recursos materiais. Nesse ponto Acsehrad dialoga com Bourdieu, que coloca que as posições sociais estabelecidas na hierarquia do campo social no qual o indivíduo se insere são resultantes de processos distintos de acumulação do capital valorizado pela estrutura, claramente formas de acesso, posse e controle.

O que percebemos com o auxílio de Acsehrad, é que os conflitos acontecem quando um grupo se sente lesado por algum motivo e passa a reivindicar outras formas de posicionamento por parte daqueles considerados responsáveis pelo problema. A causa ambiental não é una, universal, ela é perpassada por racionalidades, isto é, sentidos socioculturais e interesses diferenciados. Existem múltiplos projetos de sociedade que muitas vezes não convivem de forma pacífica. É por isso que para entendermos os conflitos ambientais temos que entender qual é o jogo de interesses empenso na estrutura do campo social. Para isso é necessário que saibamos o que está sob disputa, quais os elementos que se confrontam em função das diferenças culturais, da identidade dos grupos e das representações que movimentam os atores sociais.

Trabalhar o campo social de Bourdieu já nos encaminha para a análise de relações conflitivas que se desenrolam no interior de hierarquia. Essas relações muito se aproximam do campo dos conflitos ambientais. Na estrutura do campo social do turismo, os atores ortodoxos, aqueles que seguem a racionalidade do campo, e heterodoxos, aqueles que brigam por mudanças na estrutura social do campo, lutam pelo poder e pela dominação da *doxa* o que coloca os grupos em posição de conflito. As lutas de interesses diversos no campo do turismo orienta os conflitos ambientais em torno dele.

A idéia de conflito já nos aponta para a existência de posicionamentos divergentes com relação a um ou mais pontos em comum em um agrupamento humano. Se são valores e crenças que norteiam posicionamentos é de se esperar que sejam eles que orientem contendas em defesa de um ponto de vista. Acsehrad (2005) nos aponta que o meio ambiente não deve ser compreendido como uma forma de cooperação somente, mas como um elemento foco de geração de conflitos, uma vez que apesar de se tratar de um espaço comum de recursos, nele

estão envoltos sentidos sócio-culturais e interesses diversificados. Em um mesmo espaço estão embutidos ao mesmo tempo valores materiais e simbólicos, diferentes racionalidades acerca da maneira como deve ser o uso e a ocupação desse espaço. O conflito vai surgir a partir do momento que uma das racionalidades se sobrepõe às outras e passa a dificultar a reprodução do grupo por ela afetado. Sendo assim, os conflitos ambientais podem ser entendidos como o resultado de duas ou mais relações de poder expressas por representações sociais em disputa pelo domínio de uma organização sócio-espacial.

Os conflitos podem ainda ser originários de valores, crenças, idéias distintas em torno da natureza e de conseqüentes alterações nos modos de vida, isto é, na identidade territorial do grupo. Portanto, nem sempre a disputa se dá em torno de questões materiais. Muitas vezes elas ocorrem em defesa de identidades culturais, valores e formas de pensamento. Em situações de conflitos ambientais o que está em jogo é a própria ordenação da estrutura social, posições, direitos e hierarquias. Nessa disputa os atores tentam impor suas visões de mundo sobre as demais, o que é central no entendimento de um conflito ambiental (ACSELRAD, 2005).

Os conflitos ambientais podem ainda ser vistos como conseqüência da expansão do “espaço ambiental” (OPSCHOOR, 1993) de grupos privilegiados às custas de grupos marginalizados, processo gerador de injustiças ambientais. De acordo com Zhouri e Laschefski (2011), os conflitos ambientais podem ser territoriais, espaciais ou ainda, distributivos. Classificamos um conflito como territorial quando existe uma disputa de poder sobre o espaço geográfico. Os grupos disputam a hegemonia sobre uma determinada base material. É o que acontece em casos de remoção dos atingidos por determinadas atividades econômicas, como hidrelétricas. Os conflitos espaciais são aqueles que não estão ligados diretamente à esfera territorial, não apontando para disputas por espaço específico. Como exemplos desse tipo de conflito podemos citar os casos de poluição sonora, gasosa, aquática e residual, os quais afetam a qualidade de vida das pessoas em um determinado local. Já os conflitos ambientais *distributivos* evidenciam as assimetrias em relação ao acesso aos benefícios oriundos da apropriação dos recursos e serviços ambientais. Com efeito, os “*conflitos ambientais espaciais*”, em alguns casos, podem ser resolvidos por meios técnicos, como a instalação de filtros em fábricas emissoras de gases poluentes, por exemplo. Já os “*conflitos ambientais distributivos*” podem gerar um debate e se voltarem para uma conseqüente teorização “ambientalizada” de abordagens clássicas, neoclássicas, neoliberais, marxistas e/ou

keynesianas no campo da Economia Política (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2011). São os “*conflitos ambientais territoriais*”, entretanto, aqueles que representam o maior desafio quanto a sua resolução. Isto porque as territorialidades de grupos sociais, ou seja, os modos diferenciados de apropriação simbólica e material do meio ambiente envolvem justamente modos distintos de ver o mundo ou de “produzir” o espaço que, quando materializados se revelam incompatíveis (LEFÉBVRE, 1991).

Assim, com a exposição do que vem a ser um conflito ambiental territorial chegamos a mais uma contribuição importante da nossa pesquisa, aquela oferecida pelo conceito de território. A existência de relações de poder que ditam regras a serem seguidas em um determinado meio configura a existência de territórios. No campo social do turismo, há um rearranjo dos elementos re-significando os espaços, criando imagens e símbolos que passam a estar ligados a ele lhe conferindo uma nova roupagem. Quando um espaço é apropriado de forma a ser refuncionalizado observamos a criação de territorialidades, a formação de espaços de restrições, espaços (re) ordenados por um indivíduo ou grupo. A territorialidade é o processo de dominação e de apropriação do espaço. É, portanto, a incorporação do espaço por relações de poder, uma condição *sine qua non* para a existência de um território. A territorialidade são as jurisdições que regem um território (HAESBART, 2004) e este, por sua vez, é um reflexo da cultura que o criou, sendo, portanto, resultado de um processo histórico. O território por sua vez, está relacionado a relações de poder, mas não somente ao poder político. Os territórios são, segundo Haesbaert, espaços sobre os quais existe uma dominação explícita, em termos materiais, mas também implícitas, no campo simbólico de apropriação. De acordo com o autor, o território está imerso em relações de dominação e/ou de apropriação da sociedade sobre o espaço de forma concreta e funcional, mas também subjetiva e/ou cultural-simbólica. Portanto, essa idéia de território defendida pelo autor dialoga com o que entende Acselrad (2004) a respeito das disputas ambientais. De acordo com esse autor, as disputas em torno do meio ambiente perpassam a esfera material como também a simbólica. De acordo com Haesbaert, devemos ter o cuidado de não confundirmos o território com a simples materialidade do espaço socialmente construído, nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade. O território é sempre, e concomitantemente, apropriação simbólica e domínio concreto, político e econômico de um espaço social. Também Almeida Jr., Hoeffel e Queda (2008) reforçam a idéia de que o território é perpassado por uma dimensão física, representada pela posse, e outra simbólica, representada pela subjetividade envolvida naquele

espaço. As contendas se orientam por direitos de propriedade material como também em defesa dos elementos simbólicos que organizam um território.

Se são as inter-relações dos grupos com o espaço que conformam os territórios, as tensões surgem das diferentes formas de apropriação desses espaços e conseqüentes reconfigurações territoriais. O Homem nasce com o território e o território nasce com a civilização (HAESBAERT & LIMONAD, 1997). Portanto, o território não pode ser entendido como espelho de um único momento de determinada durabilidade. Entender as relações de poder que conformam o surgimento de territorialidades vai muito além da análise de um determinado momento do território. Nota-se dessa forma, que os estudos sobre territórios e territorialidades devem ser tomados em sua historicidade. E é por essa particularidade que a marca fundamental de um território são as múltiplas facetas que ele pode assumir com a figuração de diversas formas de apropriação espacial ao longo do tempo.

O território é caracterizado por apresentar uma dimensão tanto subjetiva quanto objetiva de existência. Na esfera subjetiva estão as formas de controlar socialmente o imaginário social, uma identidade territorial, enquanto na esfera objetiva, tem-se a dominação de um espaço geográfico concreto, realizada por ações políticas e econômicas. O território é sempre múltiplo, diverso e complexo, pois trata-se de um « espaço-tempo-vivido ». Sendo assim, trata-se de um continuum que vai da dominação política-econômica mais « concreta » e « funcional » à apropriação mais subjetiva e/ou « cultural-simbólica ». (HAESBAERT, 2004). Assim, concordamos com Haesbaert (2004) quando o autor defende que o território possui uma conotação tanto material quanto simbólica. A territorialidade está diretamente relacionada com as relações de poder, mas não somente o poder formal. Haesbaert refere-se tanto ao poder no sentido de dominação, algo mais concreto, quanto ao poder no sentido simbólico de apropriação de um espaço.

O geógrafo francês Joel Bonnemaïson (1981) nos acrescenta que o território se torna um geosímbolo, um lugar, um itinerário, um espaço que toma aos olhos de povos e grupos étnicos uma dimensão simbólica e cultural onde se enraízam seus valores o onde se conforma a sua identidade. Por conseguinte, o território é mais do que um endereço, ele é uma dimensão simbólica onde se insere e se reforçam identidades sociais. Cumpre mencionar que para o autor território, antes de representar uma fronteira, é um espaço hierarquizado, que representa muito mais uma ligação com um determinado espaço. No interior desse território, os grupos vivem uma relação de enraizamento que dosa modos de vida e tipos de sociedade, os quais

originam múltiplas territorialidades. Para Bonnemaïson, não há como separar a cultura do território, isto porque uma cultura é conformada sobre um território, da mesma forma que é pelo território que se confirma uma relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. Essa noção de território usada pelo autor está em conformidade com o que aqui entendemos como relação entre espaço e representações sociais. Assim sendo, a identidade territorial se torna um elemento chave para as análises. Para o autor é sobre o território que estão assentadas as visões de mundo. Os desenhos do território se modificam de acordo com as lentes que o criaram.

A territorialidade estabelecida com base nas representações sociais de um grupo está intimamente ligada a sua cultura. Bonnemaïson (1981) reforça a base cultural da conformação de um território. Os grupos sociais não estão aquém do território, ou seja, para que uma cultura possa se desenvolver ela precisa estar atrelada a uma base material. O que advém dessa constatação é que o espaço é anterior ao território e este somente se conforma como tal em função de uma série de apropriações sociais das diversas territorialidades que estão envolvidas em torno de uma base espacial. Para o autor não é possível desvincular o grupo social do espaço onde sua identidade foi construída. Há, portanto, uma ligação clara entre o homem e o espaço no processo de construção de um território na concepção de Bonnemaïson. Se admitimos que o território só existe pela configuração das diferentes territorialidades que o formam, entendemos então, que estamos tratando de um tecido espacial que não é contínuo. Por ser assim, parece lógico que nem sempre as relações sociais que nele se desenrolem sejam estáveis. O território, portanto, só pode ser analisado em termos das relações que se estabelecem entre grupos no processo de apropriação do espaço. De acordo com Bonnemaïson, o território, antes mesmo de ser uma fronteira, é uma conjunto de hierarquias que estabelecem uma ordem social interna. No interior desse espaço hierárquico os grupos vivem um processo de enraizamento que é construído dosando as relações com a estrutura social, os modos de vida, o tempo e o espaço. O autor acrescenta que o território está para além de somente um espaço fechado de onde se excluem os elementos estranhos a ele. Trata-se, mais do que isso, de uma forma de enraizamento a uma terra. Assim, podemos explicar o território para além somente da idéia de demarcação física. Muitas vezes são as relações simbólicas de poder que os definem. Também em Haesbaert encontramos o território como espaços demarcados por relações hierarquizadas de poder que cumprem funções políticas e sociais, e configuram o território em espaços de poder e obediência.

Para falarmos da relação do turismo com a reconfiguração dos espaços, temos que ter em mente que os territórios também podem ser construídos na relação contínua entre o local e o global hoje tão favorecida pelo processo de globalização. Esse processo tem alterado significativamente as configurações territoriais. O mix de racionalidades que passam a conviver criam uma nova configuração ao espaço geográfico. O turismo é uma atividade que permite em larga escala o contato entre agrupamentos diversos. Para embasar nossa discussão a respeito, recorreremos à análise do território de Milton Santos (1994). Santos lançou mão do conceito enfatizando de uma forma relacional o encontro entre horizontalidades e verticalidades no espaço geográfico e as transformações que provém desse contato. As horizontalidades, o espaço local, se encontram com as verticalidades, o espaço global, por meio do contato que os avanços nos meios de comunicação e transporte têm permitido. Essa relação coloca em proximidade agrupamentos sociais distintos. A materialização de diferentes racionalidades configura novas territorialidades, isto é, uma reorganização espacial. As novas racionalidades se confrontam em seus habitus e na forma de uso e apropriação do espaço. Conflitos podem surgir assim, sob o pano de fundo das novas territorialidades que colocam em contato o local e o global nesse processo de troca contínua promovida pela globalização. Novas representações surgem nesse contato em função de um jogo de poder que se desenrola sobre o espaço. Assim, territorialidades distintas podem ou não se colocar em enfrentamento à medida que as representações ganham forma de verdade para cada um dos grupos.

O campo social do turismo é marcado por essas relações sociais de poder que estabelecem regras para a ação daqueles que se dispõem a fazer parte da estrutura. Quando falamos de territórios, estamos mencionando um conjunto de representações que legitimam a jurisdições que agem sobre os atores sociais. Os territórios são construídos no contato contínuo de racionalidades distintas quanto à apropriação do espaço. Entretanto, temos que acrescentar que as diversas subjetividades que podem conviver em um espaço estão conformadas nos sistemas de hábitos dos indivíduos. No campo social hierarquias e capitais acumulados atribuem poder a determinados atores no campo o que separa os grupos sociais de acordo com as posições ocupadas por eles. Essa fragmentação dos grupos e seus interesses sociais diversos é o principal elemento conformador de territórios nas comunidades receptoras. O convívio dessas múltiplas territorialidades implica, por vezes, em disputas dentro da estrutura social do campo. Portanto, a configuração de tensões são reflexos da convivência de territorialidades distintas em um mesmo espaço geográfico.

Para entender as relações de poder que compõem um território é preciso percebê-lo também como um espaço de representações. Os grupos lançam mão dos seus sistemas de classificação para a sua organização espacial. Por ser assim, o espaço, enquanto produto humano, é onde se dá o encontro das intencionalidades, das diversas formas de entendimento do mundo. Portanto, para realizarmos o estudo das relações territoriais temos que ter em mente que em um espaço pode haver diferentes configurações territoriais por ser o espaço o ponto de encontro de diferentes concepções de mundo que interagem entre si.

Portanto, o estudo das territorialidades nos mostra claramente relações de poder que para serem entendidas precisamos decodificar o jogo que se estabelece entre os diferentes agentes e suas relações com o espaço. A análise dos jogos de poder em um território precisa, portanto, ser relacional. O espaço geográfico e as múltiplas intenções de vida possibilitam um olhar mais amplo sobre as relações de poder que se desenrolam. As intencionalidades são singulares baseadas em projetos distintos de vida. Como cada grupo social constrói seu modo de vida muitos territórios passam a conviver em um mesmo espaço.

A análise das identidades, das relações territoriais nos permite, assim, entender o “Outro”. O entendimento da organização territorial, portanto, é um ponto importante porque nos possibilita uma visão não somente das questões objetivas que estão envoltas nas tensões, como também a subjetividade daqueles que nele estão envolvidos. É por isso que análises dessa natureza se tornam essenciais para a construção de medidas que favoreçam o diálogo entre os atores e seus diferentes projetos de uso e significação do espaço. Portanto, para que seja possível entender as relações sociais expressas em um território, é preciso, antes de mais nada, buscar pelo projeto de vida assumido pelos grupos sociais que nele atuam.

Capítulo 3

O distrito de Lavras Novas: contando um pouco da história

O delineamento histórico da área de estudo é um passo importante para mostrar a historicidade da configuração atual do espaço geográfico sobre o qual nos debruçaremos nessa análise. Vamos nesse capítulo, contar um pouco do caminho trilhado pelo distrito de Lavras Novas até a conformação do desenho do espaço como vemos nos dias de hoje. Entretanto, trazer ao leitor um pouco da trajetória do distrito de Lavras Novas se tornou um grande desafio para a nossa pesquisa. Isso porque os relatos oficiais da história local são escassos ou mesmo inexistentes, o que acaba por criar informações truncadas sobre o lugar. De acordo com uma entrevista do ex-secretário de Cultura e Patrimônio Histórico de Ouro Preto, Alex Bohrer à Chaves (2011), um dos motivos para essa carência na documentação sobre a história de Lavras Novas se explica pelo fato de o povoado ter ficado de fora dos principais conflitos mineiros como a Guerra dos Emboabas, o Levante de Vila Rica e a Inconfidência Mineira (CHAVES, 2011). Cientes dessa limitação entendemos que a melhor saída nessa empreitada seria dar voz àqueles que participaram de momentos dessa história, ou mesmo que viveram com quem pôde contar um pouco da trajetória do distrito de Lavras Novas ao longo desses mais de três séculos de existência. Como bem nos aponta Geertz (2008) a interpretação do que acontece não pode se distanciar da realidade que lhe dá forma. Portanto, grande parte do que vamos apresentar a seguir nos foi possível pela ajuda dos moradores locais que por meio da sua memória social nos aportaram informações muito ricas sobre o lugar. Sabemos, contudo, que existem relatos oficiais de fatos ocorridos no Distrito e não vamos abrir mão deles. Logo, também ouviremos o que a história tem a nos dizer, lançando mão de estudos de historiadores sobre as origens, assim como as mudanças pelas quais o distrito passou nos últimos anos com o *boom* da atividade turística. A essas informações acrescentamos elementos encontrados em Lavras Novas por outros estudos acadêmicos.

Lavras Novas localiza-se na região do Quadrilátero Ferrífero e é um dos treze distritos pertencentes à cidade de Ouro Preto-MG⁷. O local dista 17 quilômetros da sede municipal e 120 quilômetros da capital do estado, Belo Horizonte. Localizado no alto da Serra do Espinhaço, o distrito apresenta uma altitude que varia entre 1200 e 1300 metros. Em relação à Ouro Preto, Lavras Novas se encontra posicionado ao sul da cidade e possui cerca de 50 km de extensão territorial (SECRETÁRIA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2005). No mapa abaixo temos a localização do distrito em relação à sua sede municipal e cidades vizinhas. Em rosa temos a demarcação dos limites do Município de Ouro Preto.

Figura 1: Mapa de localização do Município de Ouro Preto e do Distrito de Lavras Novas



Fonte: Dados cartográficos Google Maps, 2012

Lavras Novas localiza-se na Estrada Real, rota oficial pela qual era autorizado o traslado da região das minas de ouro e diamante. A criação das Estradas Reais data do Século XVII. Essas vias se constituíam nos percursos oficiais delimitados pela Coroa Portuguesa para acesso à região das reservas de metais preciosos de Minas Gerais como forma de garantir a fiscalização da exploração das minas (ASSIS, 2006). Portanto, a história de Lavras Novas se encontra diretamente ligada à história da exploração de metais preciosos no estado.

⁷ Os distritos pertencentes a Ouro Preto são: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Santa Rita, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto, São Bartolomeu e Rodrigo Silva.

A associação entre história e belezas naturais, conjugadas com a altitude elevada, o relevo acidentado e a riqueza em recursos hídricos formam um conjunto paisagístico bastante valorizado pela atividade turística. O fato de o Distrito ter vivido um longo período sem o contato permanente com outros locais permitiu manter inalteradas as características arquitetônicas e ambientais e, principalmente, os valores culturais o que se constitui em mais um atrativo para a atividade.

As rotas estabelecidas durante o Período Colonial para escoamento de metais hoje fazem parte de uma política pública que divulga a atividade turística ao longo do trajeto conhecido como Estrada Real. Esse percurso é uma das grandes marcas do ciclo econômico da mineração na paisagem de Minas Gerais. Todo um conjunto representado por vilas surgidas ao longo desse período, assim como as igrejas e a arquitetura da época compõem parte do acervo histórico e cultural do estado. A parceria entre recursos naturais, históricos e culturais compõe atualmente muitas políticas públicas em nível nacional que se apóiam no turismo como forma de promoção do desenvolvimento rural. A Estrada Real é hoje parte importante da agenda de políticas públicas voltadas para o campo no estado de Minas Gerais. O programa Estrada Real é uma regionalização do Plano Nacional de Turismo (PNT), política pública voltada para a implementação de rotas turísticas pelo país. Para estabelecer os objetivos do PNT descentralizado na Estrada Real em Minas Gerais foi outorgada uma legislação própria definida pela lei nº 13.173, de 20 de janeiro de 1999, com o objetivo de elevar os índices de renda e emprego da população do campo abrangendo um total de 199 municípios, dos quais 162 em Minas Gerais, 8 no Rio de Janeiro e de 7 no estado de São Paulo, o trajeto possui 1.410 quilômetros de extensão (ASSIS, 2006). Hoje, a Estrada Real é oficialmente dividida em três caminhos: o Caminho Velho, que vai de Paraty a Ouro Preto; o Caminho Novo, o qual segue do Rio de Janeiro também a Ouro Preto e o Caminho dos Diamantes, que parte de Ouro Preto indo até a cidade de Diamantina-MG (TRAVASSOS, GUIMARÃES & VARELA, 2008).

A história da Estrada Real remonta a descoberta do ouro pelos bandeirantes paulistas que vasculharam parte do território brasileiro em busca de pedras e metais preciosos. Essas estradas eram intensamente movimentadas em função do escoamento de minerais e, portanto, se constituíram nas principais rotas do processo de urbanização do centro-sul brasileiro. Esse teria sido o primeiro passo para o povoamento do interior da região Sudeste, especificamente do estado de Minas Gerais (GUERRA, OLIVEIRA, SANTOS &, SAADI, 2003),

O desbravamento da região das minas iniciou-se no Século XVII com a transposição das barreiras naturais feitas seja à procura de indígenas para o trabalho forçado na agricultura canavieira, seja pela busca por metais preciosos. A crescente exploração de metais atraiu grande contingente de pessoas motivadas pelas possibilidades de enriquecimento, fato que favoreceu o surgimento das primeiras vilas em Minas Gerais como a Vila do Ribeirão do Carmo, a Vila Rica de Ouro Preto e a Vila Real de Nossa Senhora de Sabará. Da mesma forma, a abundância em ouro nessa região alavancou a corrida pela busca do minério o que permitiu o aparecimento de vários arraiais no entorno das minas de ouro (GUERRA, OLIVEIRA, SANTOS & SAADI, 2003). De acordo com Chaves (2011), Lavras Novas teria se originado já no início do período de exploração de ouro. Não existem documentos que comprovem com exatidão quando tenha começado a exploração do ouro no distrito, entretanto, a Chaves lança mão de documentos históricos que indicam que a atividade tenha sido iniciada já no final do século XVII⁸. As pesquisas desenvolvidas até o momento não chegam a definir exatamente quando teria ocorrido o início do povoamento no distrito, dada a precariedade das informações sobre a história de Lavras Novas. Essa carência nos coloca diante de muitas histórias sobre a origem do Distrito, embasadas principalmente na memória social local.

A descoberta do minério levou a uma reconfiguração nas relações sócio-espaciais na região das minas que se deu principalmente com o aumento do trânsito de pessoas vindas tanto de Portugal como das demais capitanias, como também do aumento da captura de escravos para o trabalho de extração. A cultura da região das minas é fortemente marcada por traços do universo simbólico dos negros, o que também observamos em Lavras Novas. A historiadora Christina Tárzia, em suas pesquisas para o jornal ‘Santo da Casa’ de Ouro Preto, identificou que índios e portugueses também deixaram traços de suas culturas no distrito que mescla a influência desses grupos com a africana. Documentos de batismos, casamentos e sepultamentos mostravam a miscigenação entre indígenas, africanos e portugueses no distrito. De acordo com Tárzia, entre as principais influências dos portugueses está a herança religiosa percebida principalmente nas festas católicas. Essas festas mesclam ainda traços da cultura africana como o congado. A religiosidade é um elemento muito forte do modo de vida em Lavras Novas. No mês de agosto o distrito se prepara para a realização de duas importantes manifestações culturais da história local, a festa do Divino Espírito Santo, juntamente com a

⁸ “Trata-se de uma Carta de Sesmaria (...) em que o nome de Lavras Novas é citado para descrever caminhos da região. Este documento encontra-se presente no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana.” (CHAVES, 2011)

feira de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira do distrito. Nessa ocasião, os moradores decoram as casas e as ruas, celebrações acontecem pelo distrito e em alguns rituais os participantes se vestem de forma especial para o momento do festejo. Já com relação à cultura indígena a autora nos informa que a influência no distrito ainda é pouco conhecida. Ela se expressa principalmente na confecção de cestos, balaios e outros produtos provenientes do trabalho manual com a taquara e ainda o conhecimento de plantas e ervas com poderes medicinais. Em Lavras Novas ainda existe um domínio muito grande sobre as ervas com poderes curativos principalmente entre as mulheres, embora pesquisas recentes apontem que a cultura do plantio dos chás tem diminuído no distrito (ALMASSY JUNIOR, 2004). O conhecimento da ação curativa das ervas também é atribuído ao certo isolamento natural de Lavras Novas que acabava por dificultar o acesso aos serviços de saúde. Chaves (2011) verificou, contudo, que são os elementos da cultura negra os mais fortes no distrito influenciando na fala, nas vestimentas, na culinária e nas músicas, o que ancora fortemente o imaginário social local na idéia de que o distrito seja um remanescente quilombola. Grande parte dessas representações ganha força pelo fato de Lavras Novas ter vivido certo isolamento imposto pelo relevo. As barreiras naturais teriam favorecido a ocupação do distrito por negros fugidos das minas de ouro.

Tárcia (2003) argumenta que essa idéia ganha mais força nas representações dos lavranovenses em função da própria organização social de Lavras Novas. O principal elemento por ela indicado é o fato de as terras de Lavras Novas serem consideradas de propriedade da santa padroeira do distrito, Nossa Senhora dos Prazeres. Portanto, não havia entre os nativos uma preocupação com a documentação das propriedades, dado que elas pertenciam à santa. A doação das terras aos nativos representaria dessa forma, o acolhimento da santa para com os chamados irmãos da comunidade.

De acordo com informações dos moradores locais, poucos nativos realmente compraram as terras onde vivem. Na sua grande maioria, essas propriedades foram doadas pela Mesa Administrativa da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, grupo de pessoas responsável por gerir os bens da igreja. O resultado dessa doação de terras é que, ainda hoje, a maioria dos moradores não possui documentos que comprovem a posse de suas residências e terras. Isso ocorre em função dos acordos de propriedade estabelecidos entre eles terem existido até bem pouco tempo atrás. Assim, não se sabe precisar quando, mas acredita-se datar da década de 1970 e 1980, somente no âmbito da confiança, no cumprimento da palavra dada. Não havia

uma doação de terras que fosse documentada o que deve ao fato de haver uma grande proximidade consangüínea entre os moradores (TÁRCIA, 2003)

Além disso, outra informação apontada por Tárzia que refuta a possibilidade do Distrito ter sido um quilombo é a presença da igreja católica, oficialmente reconhecida no distrito na época. Isso se dá porque os quilombos eram territórios considerados ilegais e os negros sequer eram vistos como filhos de deus. Para a historiadora a versão para explicar a grande quantidade de negros no distrito é que estes teriam ocupado o local após os senhores de lavras as terem abandonado em função da decadência da produção aurífera.

O espaço geográfico de Lavras Novas também nos introduz na trajetória histórica do período do ouro. A arquitetura do distrito guarda a representação desse momento da sua história. As casas seculares, pequenas com três janelas e uma porta voltadas para a rua, bem como a Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, que data de 1726, marcam esse momento no Distrito. Conta a memória local dos moradores entrevistados que as casas pequenas refletem as características físicas dos nativos de Lavras Novas resultantes da miscigenação com os escravos que trabalhavam nas minas de ouro e que precisavam ter baixa estatura para que pudessem adentrá-las. Ainda na frente das residências, como observamos no campo, há sempre um gramado, muitas vezes local de socialização, onde as pessoas costumavam ficar sentadas para a confecção de balaies de taquara. A igreja teria sido construída por escravos, porém devido à carência de informações sobre a história do distrito, não existe comprovação documental que nos indique como teria sido construída a Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres e ainda as pequenas casas da área central do distrito.

Figura 2: Vista da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres



Figura 3: Vista parcial da área central de Lavras Novas



Durante o período aurífero uma das atividades mais importantes para a manutenção da população nas minas foi o tropeirismo, igualmente importante no Distrito de Lavras Novas. A exploração do ouro provocou o deslocamento de grandes massas populacionais em direção à

região em meados do século XVIII, o que fez com que aumentasse a demanda pelo transporte de mantimentos para abastecer os pequenos povoados que começavam a crescer. Os tropeiros transportavam mercadorias e alimentos para a região, onde a agricultura e a criação de gado não poderiam ser desenvolvidas por proibição expressa da Coroa Portuguesa de forma a não dispersar a mão-de-obra da minas de ouro. A atividade tropeira, nesse sentido, foi essencial para a permanência e mesmo a sobrevivência da população, já que a pouca disponibilidade de gêneros alimentícios causou muitas mortes na região no período. Há registros de que, no final do Século XIX, parte da população de Lavras Novas já exercia a atividade tropeira transportando madeira, principalmente para a cidade de Ouro Preto (TÁRCIA, 2003). De acordo com informações dos moradores locais o transporte feito por mulas era fundamental para o abastecimento do distrito, mesmo as crianças aprendiam desde cedo a atividade; era comum que os filhos acompanhassem os pais no trajeto até a sede. As tropas seguiam para Ouro Preto carregadas de madeira que seria direcionada para a construção civil e retornavam para o distrito com os alimentos para o abastecimento interno. A atividade tropeira se constituiu, portanto, em um importante meio de transporte e comunicação para a população de Lavras Novas.

Já no Século XX profundas modificações passaram a ocorrer no distrito de Lavras Novas. Por volta de 1930, quando é implantada a siderúrgica ALCAN no bairro de Saramenha, em Ouro Preto, houve um significativo aumento na geração de empregos na região. Deste período em diante, o distrito alcançou grandes melhorias na qualidade de vida, uma vez que o serviço social promovido pela ALCAN contribuiu para elevar o nível de saúde, conforto e educação da comunidade.

Na década de 1970 outras transformações modificaram a vida no distrito. A construção da Fazenda do Manso que inseriu cultivos de chá na região foi outro acontecimento que também modificou o modo de vida em Lavras Novas (CHAVES, 2011). Isso porque as plantações da erva acabaram por gerar muito empregos, principalmente entre as mulheres de Lavras Novas, pois a mão de obra feminina, segundo os nativos, era mais necessária do que a masculina para o plantio da erva. Aqueles que trabalhavam na lavoura precisavam deixar o distrito por volta das quatro horas da manhã e seguir caminhando até Saramenha, bairro de Ouro Preto, onde deveriam estar por volta das sete horas da manhã para começar a jornada de trabalho. Eram seis horas de caminhadas diárias no trajeto de ida para o Manso e de volta para o distrito. Diante das novas possibilidades de trabalho oferecidas pela ALCAN e pela Fazenda do

Manso, as atividades artesanais, agrícolas, extrativas e a atividade tropeira que até então, eram a base da sobrevivência em Lavras Novas começaram a diminuir no distrito.

De acordo com informações obtidas em campo junto aos nativos, foi também nesse período, talvez um pouco antes de 1970, que passou a haver fornecimento de energia elétrica por parte da CEMIG em Lavras Novas. Anteriormente a eletricidade era obtida das pequenas usinas construídas pela ALCAN na região. As primeiras residências a contar com energia elétrica a obtinham do gerador de energia de propriedade da siderúrgica. A qualidade da energia fornecida, no entanto, deixava a desejar. Conforme o número de casas aumentava era necessária a autorização da ALCAN para o abastecimento das novas residências. Com uma demanda cada vez maior, na década de 1970 foi solicitado à CEMIG o fornecimento de energia elétrica dadas as limitações da siderúrgica para o abastecimento do distrito como um todo. Aproximamos-nos da década de 1970 por meio da informação de um nativo que mencionou ter sido a novela “Irmãos Coragem” a primeira atração por eles vista na televisão logo do início do abastecimento de energia pela CEMIG. Segundo informações do site da Rede Globo de Telecomunicações (2012) a novela teria tido sua primeira versão exibida no ano de 1970. Entramos em contato com a concessionária de energia para obtermos a data exata do início do fornecimento, mas não obtivemos retorno.

Na década de 1970 começou a movimentação de pessoas no Distrito com interesses nas características locais (VIEIRA FILHO, 2000 *apud* CORDEIRO, 2008). Com o fornecimento de energia elétrica e ainda a melhoria nas condições de transporte, estimuladas pelo aumento no número de pessoas que passaram a trabalhar em Ouro Preto, mudou a realidade do distrito. Também por volta de 1970 passou a circular a primeira linha de ônibus em Lavras Novas, o que facilitou o deslocamento dos moradores locais da mesma forma que aumentou o acesso ao distrito por pessoas de fora do distrito. Também o fornecimento de energia elétrica fez crescer o interesse dos grupos pelo distrito aumentando as visitas (CHAVES, 2011). Os moradores nos informaram que também nesse período propriedades em Lavras Novas foram vendidas pela Mesa Administrativa para turistas que viram em Lavras Novas um potencial para a exploração econômica. As características naturais, os típicos mares de morros mineiros, as muitas cachoeiras somados à arquitetura colonial que liga o distrito ao seu passado histórico, e ainda a forma de vida simples dos moradores constituíram-se em um rico conteúdo para aguçar o imaginário social dos turistas.

De acordo com informações obtidas na Secretaria Municipal de Cultura em entrevista concedida à nossa pesquisa no dia 03 de fevereiro de 2012, as peculiaridades ligadas à maneira de se vestir e de falar foram também cultivadas devido ao isolamento mantido pelo distrito até a década de 1970 aproximadamente a partir de quando o turismo começou a se intensificar. Assim, o “*estrovado*” faz referência à pessoa desengonçada que se atrapalha na realização de tarefas, o “*luxento*” é a pessoa cheia de luxos e necessidades, o “*uia lá*” é a adaptação local para o “*olha lá*”, o “*ganhame*” refere-se ao salário, os “*por exemplos*” são as explicações para dúvidas e questionamentos. Essas foram algumas das palavras que ouvimos durante as entrevistas com os nativos e que ainda permanecem na linguagem local.

As características culturais de Lavras Novas não são os únicos elementos a contribuírem para a atração dos turistas. Soma-se a elas a construção de uma atmosfera mística criada em torno do Distrito nas representações sociais dos turistas. Também a divulgação de Lavras Novas vem sendo feita de forma a construir um imaginário social envolto pela aproximação com a busca pela ‘essência’ da vida, pelo romantismo, pelo encantamento, encontrados em uma típica atmosfera mineira (LAVRAS NOVAS TURISMO, 2012). A junção de história, belezas naturais e misticismo conformam uma paisagem que convida o turista a experimentar momentos de liberdade e reflexão, o que é colocado como algo distante do contexto vivido nos grandes centros urbanos.

Foi na década de 1980, contudo, que o número de visitantes se intensificou e foi, portanto, nessa época que começaram a surgir os primeiros meios de hospedagem no distrito. De acordo com os moradores locais entrevistados, foram os nativos os primeiros a hospedarem os visitantes, geralmente na própria residência. Com a intensificação das visitas foram surgindo os primeiros meios de hospedagem construídos por turistas que haviam visitado Lavras Novas. De acordo com as informações obtidas em campo, o Distrito alcançou muitas melhorias em infra-estrutura para atender aos visitantes o que favoreceu também os nativos. Vale ressaltar, contudo, que os maiores empreendimentos turísticos em Lavras Novas, tais como grandes pousadas e restaurantes, não são de propriedade dos nativos, e sim de empresários de outras cidades que viram no local um elevado potencial para a exploração turística (CHAVES, 2011). Por meio de fortes investimentos da iniciativa privada, a apropriação de Lavras Novas pelos neo-rurais já se tornou uma realidade. A maioria dos meios de hospedagens pertence aos “de fora” como os denomina a população local. Pelas nossas observações em campo pudemos perceber que também as atividades de lazer são

promovidas pelos chamados “de fora” que investem capital na promoção de esportes radicais, passeios de quadriciclos, de jipes, etc.

Embora existam diferenças consideráveis de renda no Distrito, representadas pelas desigualdades de capitais entre os grupos de neo-rurais e de nativos, estes últimos puderam alcançar melhorias significativas em termos de qualidade de vida. A marcha das construções, em resposta às demandas do turismo, não se pauta somente nas ações dos empresários vindos de outras cidades, mas da própria população local. De acordo com informações da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo em entrevista concedida em 03 de fevereiro de 2012, as melhorias nas condições de emprego e renda permitiram que alguns dos nativos se tornassem micro-empresários possuindo pequenos bares e pousadas e ainda construindo pequenas suítes e em casos mais isolados, chalés para aluguel. Ainda de acordo com a Secretaria, o índice de desemprego no distrito atualmente é insignificante e o menor registrado entre os distritos de Ouro Preto. O trabalho nas pousadas é uma das principais fontes de renda dos moradores. Além disso, o turismo gera outras demandas tais como serviços de guias turísticos, serviços de pintura e manutenção, construção civil, venda de doces, flores, plantas e artesanatos em geral.

Como tudo acaba por ter dois lados, o turismo apresenta seus pontos positivos como já apontamos, como também seus aspectos negativos. As necessidades impostas pela atividade produziram novas marcas na paisagem do distrito de Lavras Novas. As modificações no espaço geográfico local se tornaram intensas nesse período com o surgimento dos meios de hospedagem, bares, restaurantes e quartos para aluguel. O novo cenário, fundado sobre as demandas da atividade, é também marcado pela segregação social que separa as grandes pousadas do restante do distrito. Observamos durante nossos estudos de campo a conformação de dois territórios distintos em Lavras Novas separando as pousadas de alto padrão e casas luxuosas de novos moradores, - localizadas na parte alta do distrito-, da parte baixa, onde vivem os moradores nativos. Ocorre uma transformação na paisagem local em função da nova configuração territorial assumida pelas posições sociais dos grupos – leia-se aqui nativos e os neo-rurais, se apropriam da atividade no distrito. Assim, a paisagem em forma de mosaico é uma das marcas atuais de determinados pontos do distrito; luxuosas pousadas e casas de fins de semana divergem das moradias pequenas e simples dos nativos.

Figura 4: Vista parcial do Alto do Campo onde se localizam grande parte das pousadas, moradias e restaurantes neo-rurais.



Figura 5: Vista parcial da área central do Distrito. Residências de nativos.



Mesmo com o aumento das visitas observadas no crescimento da demanda por infraestrutura, o processo de divulgação dos meios de hospedagem e das novas possibilidades oferecidas pelo turismo em Lavras Novas tem ocorrido de forma intensa contribuindo para intensificar ainda mais o número de visitantes. A difusão da imagem do distrito vem sendo realizada em reportagens em jornais, folders, revistas de circulação nacional, documentários

televisivos. Além disso, o distrito conta com um site próprio para a divulgação do turismo local (CHAVES, 2011). Também a criação de uma página no site de relacionamento *Facebook* ajuda na divulgação dos atrativos oferecidos por Lavras Novas. A página é uma iniciativa do Receptivo Turístico local para divulgar fotos e um pouco da cultura do distrito (Receptivo Lavras Novas Turismo, 2012). Como é comum à atividade turística o forte apelo aos imaginários sociais a linguagem e as imagens ganham espaço nos discursos de divulgação da atividade. É preciso construir um conjunto de referências simbólicas que despertem no turista o desejo de visitar o lugar. Assim, a imagem de Lavras Novas está ancorada no jogo simbólico que mistura simplicidade e sofisticação, representada pelas luxuosas pousadas e ambientes rústicos, porém requintados, oferecidos pelos bares e restaurantes do distrito. As nossas observações, apoiadas nas entrevistas, nos mostraram que a simplicidade se torna um produto turístico e alimenta as representações sociais daqueles que se apegam às imagens que demonstram uma vida simples como mulheres que ainda buscam água na bica em latas que transportam na cabeça e se vestem de forma típica, com vestido, calça e toucas feitas de meia calça para deixar os cabelos mais lisos, também nas vacas e cavalos que são criados soltos pelas ruas, tratados como parte da vida da comunidade. O bucólico se tornou um forte convite à visitação do distrito.

Figura 6: Divulgação



Fonte: Novas Lavras Turismo, 2012

Figura 7: Divulgação



Fonte: Novas Lavras Turismo, 2012

O que pudemos observar é que um conjunto de características confere visibilidade as ao Distrito de Lavras Novas no campo da exploração turística. O que é possível verificar é que todo um emaranhado de elementos que conjugam história e natureza contribui para a atração dos visitantes. O objetivo desse capítulo foi, portanto, destacar para o leitor elementos que pudessem favorecer o entendimento dos capítulos posteriores quando trataremos das

representações sociais que se ancoram em torno do distrito e suas contribuições para a ocorrência de conflitos ambientais.

Capítulo 4

As representações sociais e as relações no/com o campo: o “Eu” e o “Outro”, o “Outro” e o “Eu”

Vamos iniciar esse capítulo mostrando um pouco da nossa relação com o campo, assim como da relação do campo conosco como forma de tentar mostrar as dificuldades de se adentrar no universo simbólico dos grupos. Imagine o leitor, por meio das suas representações sociais de mundo que a presença diante de visões de mundo distintas acaba por causar certo estranhamento. Na maioria dos trabalhos acadêmicos que tivemos acesso para trabalhar o nosso campo, sentimos essa necessidade, como parte da pesquisa, de expor como se deram as relações com o campo. Contudo, sabemos da dificuldade existente da passagem do que foi observado no campo para a escrita. Isso porque de acordo com Silva (2008) o texto representa uma considerável redução das situações vividas. Além do mais, a transposição da riqueza e da complexidade das relações que se desenrolam entre o pesquisador e o grupo estudado não atende aos critérios de objetividade impostos pela academia. Como estamos aqui trabalhando com as representações sociais dos grupos, temos a clareza de que, conforme aponta o autor, o texto em si já é uma representação da realidade pelos olhos do pesquisador já que a escrita é também uma aquisição cultural. O que trazemos com o nosso estudo, contudo, é mais uma possibilidade de interpretação do real, que certamente não é única, mas seguramente será uma contribuição para pensarmos e avaliarmos a construção de políticas públicas.

Em relação ao campo vamos dialogar com Silva (2000) para quem as dificuldades encontradas podem ser observadas sob dois pontos de vista, a dos observadores e o dos observados. Lavras Novas é um local de pessoas bastante receptivas o que facilitou em grande medida o nosso contato e o trabalho de campo. Entretanto, conseguir a confiança de um grupo para que ele venha a falar sobre as suas necessidades, anseios, medos e conflitos não é tarefa fácil. Geertz (1989) retrata as dificuldades por ele encontradas em campo para que fosse aceito pelo grupo estudado. Além do mais, não podemos perder de vista que o estranhamento é um comportamento natural do ser humano diante do novo. Portanto, ao considerar o ponto de vista dos observadores as dificuldades maiores se assentaram na aceitação inicial pelo grupo. Apesar de termos sido bem recebidos logo na primeira visita não conseguimos a confiança do grupo de nativos, com o qual iniciamos o contato, o que somente veio a acontecer por parte de alguns membros. Do ponto de vista dos observados

percebemos que, por vezes, os entrevistados nativos nos representavam como pessoas com possibilidades de solucionar os problemas de infra estrutura do distrito, aqueles que poderiam levar a público as dificuldades por eles enfrentadas. Em outras situações os atores relutavam em falar a respeito de determinados assuntos por receio de se comprometer. O comportamento de imediato nos chamou a atenção. Nas respostas percebemos haver representações sociais que se escondiam atrás de uma ordem discursiva elaborada que selecionava os elementos permitidos de serem ditos assim como aqueles interditados (FOUCAULT, 1996). Já entre membros do grupo de empresários, tanto do ramo da hotelaria quanto do comércio em geral, percebemos certa descrença em relação à pesquisa científica, o que se constituiu em uma barreira para os levantamentos iniciais.

Ainda de acordo com Silva (2000) as dificuldades encontradas pelos pesquisadores ao chegar no campo se relacionaram ainda à inserção do pesquisador nas estruturas de poder existentes, bem como na necessidade de saber lidar com as regras de sociabilidade do grupo. Um dos fatores que favoreceu uma abertura maior por parte dos nativos foi a nossa introdução por um amigo em comum entre nós e alguns moradores. Além disso, fomos primeiramente nos apresentar à Mesa Administrativa da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, um grupo de pessoas que comanda os assuntos referentes à Igreja Matriz do distrito. Esse grupo possui um poder simbólico muito grande em Lavras Novas por representar a igreja, que por si só representa Nossa Senhora dos Prazeres, santa de grande devoção no distrito. O fato de termos ido inicialmente procurar a Mesa, nos ajudou a abrir mais facilmente as portas, uma vez que autorizados pela Mesa a realizar os levantamentos, a nossa aceitação pelos lavranovenses foi muito maior. Muitas vezes fomos encaminhados à casa dos nativos pelos próprios dirigentes da Mesa que nos apresentavam já como amigos e solicitavam o apoio ao levantamento. Durante as entrevistas, o próprio entrevistado nos indicava ou mesmo nos apresentava a outros possíveis sujeitos de pesquisa, pessoas as quais acreditavam poder contribuir com o trabalho. Entre o grupo dos comerciantes também foi boa a nossa aceitação, com exceção de um único caso que não permitiu a entrevista. Em outra situação, um comerciante relutou em ajudar diante da necessidade de assinar um termo de compromisso para que a entrevista pudesse ser realizada. Quanto às pousadas, a dificuldade maior residiu em encontrar os proprietários em Lavras Novas. Na sua grande maioria, essas pessoas vivem em outras cidades. Portanto, em alguns casos nos vimos obrigados a lançar mão dos respectivos gerentes como informantes. A recepção também aconteceu de forma tranqüila, amigável, porém não conseguimos uma abertura maior como aconteceu com membros da população nativa.

Ir a campo requer o reconhecimento de uma série de elementos que são importantes para a relação com o ‘Outro’. Determinados códigos e etiquetas do grupo precisam ser levados em consideração durante os levantamentos. Foi assim que estudos anteriores realizados durante a preparação para a ida ao campo nos armaram do aparato teórico necessário para a abordagem dos sujeitos de pesquisa. Fomos a Lavras Novas para mapear as representações sociais dos atores que se ligam direta ou indiretamente com a exploração da atividade turística no distrito e são essas entradas e ligações que vamos expor nesse capítulo. Enfatizamos que não era objetivo do nosso estudo avaliar as subjetividades que embasam as ações dos grupos. O que pretendemos é mostrar que existem maneiras distintas de conceber o mundo que tomam formas de verdade para os grupos que as compartilham. O objetivo dessa análise era mostrar que uma “verdade” é sempre relativa, ou seja, existem verdades distintas construídas em torno de um mesmo objeto as quais são dependentes das representações sociais dos referidos indivíduos ou grupos. Foi justamente neste contexto que surgiram as tensões e os conflitos. A arte de se viver em sociedade se assenta principalmente no entendimento de que cada pessoa ou grupo tem definido o seu modo de enxergar o que é certo e o que é errado. Estudos de representações não buscam, portanto, por uma verdade una e universal, mas sim pelas muitas verdades que convivem juntas e que disputam a hegemonia em um determinado espaço.

4.1- O espaço social de Lavras Novas: um olhar sobre as representações sociais

Para iniciarmos as discussões é necessário entender que os sujeitos lançam mão de elementos simbólicos e de aspectos culturais para tornar compreensível para si e para os outros a realidade vivida. Analisar as representações sociais dos indivíduos por meio do discurso exige que o olhar esteja voltado para os processos interacionais, relacionais e culturais entre os grupos, que tem os seus significados atribuídos pelo contexto social vivido (JODELET, 2001).

Nos estudos de representações sociais são muitos os prismas e os elementos para a análise. Portanto, não temos a pretensão aqui de esgotar essa discussão em Lavras Novas e mencionar todos os detalhes com a riqueza que pudemos os observar em campo. Por ser assim, optamos por separar quatro grupos de representações em torno das quais trabalharemos. Assim, elegeamos as representações sociais quanto:

- ao espaço geográfico de Lavras Novas;
- ao turismo;
- aos atores sociais que o exploram os recursos naturais no local;
- a natureza e
- ao poder público municipal.

É necessário que entendamos, contudo, que nem sempre as representações aparecem delimitadas nessas categorias. Muitas vezes os imaginários se misturam e apontam para uma proximidade muito grande entre eles. Optamos por segmentar essa discussão dessa forma para melhor expor os nossos resultados.

Procurando manter em sigilo a identidade dos entrevistados identificá-los lançaremos mão de letras de forma a facilitar o entendimento do leitor. Optamos ainda por não informar o sexo dos respondentes. Esse posicionamento foi adotado diante das tensões encontradas em campo. Um trabalho com maiores identificações poderia vir a acentuar as contendas.

4.1.1 - Lavras Novas: um espaço, múltiplos olhares

Os sujeitos sociais agem com base em seus universos simbólicos os quais, por conseguinte, norteiam seus interesses. Notamos que os grupos representam o distrito de Lavras Novas com base em elementos práticos e simbólicos que respondem aos seus contextos sócio-culturais. Notamos que as representações sociais do distrito de Lavras Novas aparecem ancoradas aos anseios e expectativas dos grupos em relação ao lugar. Os imaginários sociais aparecem fortemente fundados em aspectos da vida cotidiana de cada grupo social. No quadro abaixo apresentamos as representações sociais sobre o distrito separadas por grupo e sintetizadas por meio de palavras-chave.

Quadro 1: Representações sociais sobre o distrito de Lavras Novas

Eventos	Empresários do ramo de hotelaria	Empresários do ramo alimentício e vendas em geral	Turistas que vistam distrito	Nativos idosos	Nativos jovens	Nativos adultos
Tranquilidade	1	1	6	1	2	3
Lucro	1					
Contato com a natureza	1	1	8			
Espaço de vida				4	3	2
Turismo	3	3				
Diversão			2			
Total	6	5	16 ⁹	5	5	10 ¹⁰

Fonte: Dados da pesquisa, 2011/2012.

O quadro nos mostra a pluralidade de universos simbólicos que transitam por Lavras Novas. Enfatizamos que nem sempre os elementos apontados na tabela aparecem isolados, por vezes, eles aparecem conjugados. Entre o grupo de empresários do ramo hoteleiro há um conjunto de visões fortemente apoiado em sistemas de referência que classificam o rural como espaços de geração de lucro por meio de características como paz, tranquilidade, solidariedade e contato com a natureza. Essas particularidades aparecem muito associadas à necessidade de atender aos interesses dos grupos de visitantes que projetam seu imaginário em uma imagem moldada do rural. As conversas com os representantes desse grupo nos mostraram que as representações sociais estão ancoradas na posição social ocupada pelo grupo no interior do campo. Essa associação se faz compreensível quando percebemos que é este grupo aquele que mais se beneficia da exploração da atividade, o que torna natural que o distrito apareça associado a um espaço de bons negócios.

Para esse grupo de entrevistados não identificamos elementos de afetividade em relação a Lavras Novas, mas uma visão prática, orientada por interesses específicos. Não percebemos nas falas haver um compartilhamento de elementos simbólicos e de laços identitários com o lugar. A idéia de Lavras Novas como espaço valorizado pelo turismo orientou largamente as respostas. Para esse grupo, o distrito desponta como um espaço de valor comercial muito

⁹ Nesse total estão incluídos doze turistas entrevistados por pousada levantada e mais quatro entrevistados que preferiram se hospedar em quartos alugados pelos nativos.

¹⁰ O número maior de entrevistados nessa categoria se explica porque representamos em conjunto os nativos adultos proprietários e não proprietários de estabelecimento comerciais ou meios de hospedagem. Para cada uma dessas categorias entrevistamos um total de cinco pessoas. Não entrevistamos idosos ou jovens que fossem pequenos empresários no distrito.

grande em função das belezas naturais e da carga história que carrega há quase três séculos de existência.

É claro, mesmo os grupos que partilham de uma mesma base de interesses, podem ter representações distintas de mundo. Isso porque, embora, condicionados pela estrutura social na qual foi socializado, o indivíduo re-arranja o conjunto de aprendizados adquiridos ao longo da sua vivência. Apesar de as respostas tenham seguido um padrão, entre esse grupo percebemos uma discordância em termos de representações entre dois dos entrevistados. Para um deles, o distrito além de ser fonte de renda, é um lugar calmo para viver com a família. Esse empresário optou por se mudar de um grande centro em busca de uma vida mais tranqüila no campo. No discurso de outro entrevistado, o distrito surge em meio a representações de misticismo, centrado na idéia de uma natureza provedora ou mesmo de ‘natureza mãe’. Perpassa, portanto, a idéia de fecundidade, de fertilidade. A natureza surge nesse imaginário como essência, como fundamento da vida, claramente associada ao distrito. As representações sociais de natureza, assim como as do distrito se confundem nesse ponto. Na passagem a seguir evidenciamos essa visão extraíndo um trecho da entrevista

Aqui tem uma magia, esse lugar aqui tem uma coisa que é mística, eu sinto a energia da vida nesse lugar aqui e é muito louco. A gente olha pra essas montanhas onde tudo começou e (...). A gente tá aqui querendo resgatar a essência, toda a essência mesmo do que é “ser humano”. A gente quer saber o que é isso. A gente tá se jogando na vida, eu larguei meu emprego, eu me formei, eu trabalhava e eu vi que não era isso. A gente tá aqui pra sentir o que a vida o que é a natureza que é a essência de tudo. (Proprietário de pousada A, entrevistado em 18/12/2011)

As representações dos grupos de proprietários de comércios em geral também não fugiram ao entendimento do Distrito como espaço de negócios. Para determinados entrevistados, Lavras Novas representa a possibilidade de geração de lucros. Todos os comerciantes com quem falamos representam o local como um espaço de tranqüilidade perfeito para quem busca descansar. Para esse grupo, Lavras Novas desponta como sinônimo de paz e tranqüilidade muito associadas à proximidade com a Natureza, o oposto da imagem assumida pelos grandes centros. Ao evocarmos as representações em torno do Distrito os entrevistados buscam palavras como ‘calmo’, ‘bucólico’, ‘saudável’, ‘seguro’, ‘livre’. Na afirmação desse dogma da vocação ecoturística fundada em torno da idéia de ‘rural’, os empresários buscam estabelecer uma correspondência direta e imediata da imagem de Lavras Novas com os interesses do turismo o que, aliás, muito se aproxima das representações sociais dos empresários do ramo

hoteleiro. Todos esses imaginários estão ancorados em uma construção do campo que precisa e deve ser o contrário das características encontradas dos grandes centros urbanos.

Identificamos também dois comerciantes que vêem Lavras Novas de uma forma idílica, ligando o distrito diretamente à Natureza. O que percebemos é que determinados atores lançam mão de um discurso que aproxima a natureza do intocável (DIEGUES, 1996), do espaço que precisa ser protegido da ação desastrosa do ser humano. Mais uma vez temos uma aproximação muito forte entre as representações sociais de natureza e do Distrito. Entre eles estão os aqueles que se mudaram efetivamente para Lavras Novas, o que nos aponta para a proximidade entre a estruturação do *habitus* desse grupo com as suas representações sociais do espaço. Em geral, essas pessoas migraram das grandes cidades em busca de uma nova forma de vida que é atribuída ao rural. A passagem abaixo foi extraída de uma das entrevistas e ilustra a colocação anterior.

Mas é aquela história, não vê a longo prazo, né? A gente já tá começando com esse movimento de conscientizar, mas o movimento tem que ficar maior porque as ações contra também são fortes, né? É de alguma maneira fazer os turistas e os nativos se tocarem com a preciosidade do que eles tem. Eles interferem muito, mudam muito. Isso é destruição da natureza. Eles não entendem que a natureza é pra ser cuidada. (Comerciante A, entrevistado em 13/10/2011).

Quanto ao imaginário social dos turistas, dos dezesseis entrevistados identificamos na fala de doze que apesar de deixarem as cidades para mudar de meio social, eles buscam os luxos e as possibilidades de conforto oferecidas por elas também no meio rural. De acordo com Soares (2007), os grupos provenientes das grandes cidades concebem o turismo rural como sendo a associação da beleza do campo com o conforto possível nas cidades. Para responder a essas demandas os locais passam a contar com luxuosas pousadas e diversas formas de lazer de maneira que o contato com a natureza não esteja dissociado das facilidades oferecidas pelos grandes centros. Para ilustrar essa colocação citamos um fragmento de uma entrevista que aponta os motivos de um dos turistas para a escolha do meio de hospedagem. De acordo com o entrevistado *“Então, eu olhei nos sites os serviços oferecidos pela pousada. A gente queria um lugar aconchegante. A gente queria algo rústico, mas confortável e que tivesse mais opções do que fazer também”* (Turista A, entrevistado em 12/10/2011). O que o fragmento acima aponta é que entrevistado priorizou a infra-estrutura oferecida pelo meio de hospedagem no ato da escolha da pousada.

Também identificamos grupos de turistas que têm seus imaginários sociais muito próximos da imagem construída para Lavras Novas por parte do empresariado local. Para atender ao imaginário dos turistas, a exposição do distrito por parte desse grupo se assenta na valorização dos elementos naturais que aproximam o distrito do espaço do verde, da natureza virgem, da busca pelo paraíso. A divulgação realizada pelos grupos dominantes do campo social do turismo está fortemente ancorada na idéia de ‘cidadezinha’ típica de Minas e das exuberantes belezas do Distrito e parece resgatar o mito de uma natureza intocada, nunca transformada. O discurso se assenta em elementos que valorizem uma vida de contato com essa natureza paradisíaca como “*cercado por mata nativa*”, “*lugar “selvagem” “local ideal para ver o por do sol (...) o nascer da lua*”, “*ideal para momentos de reflexão*” (LAVRAS NOVAS TURISMO, 2012).

O imaginário da população local difere em grande medida das concepções anteriormente tratadas. Identificamos alguns grupos de representações distintas que se relacionam tanto com o Distrito como um espaço de belezas naturais que atraem turistas, quanto como um local de vivência. Por vezes, essas representações se confundem. Lavras Novas aparece em todas as falas como um lugar ideal para uma vida tranqüila, onde não há violência e “*as crianças ainda brincam nas ruas*” (Nativo¹¹ A, entrevistado em 12/10/2011). O distrito surge também fortemente ligado a vivências anteriores, um local de afetividade, perpassado por valores de pertencimento que apontam para um espaço dotado de uma história de vida, onde existe uma teia de relações e identidades. Atividades ligadas ao contexto social do distrito na época emergiram com muita força nas entrevistas com os idosos. O hábito da “panha de lenha”, a confecção dos balaios nas portas das casas, as festas religiosas como um momento de encontro com os amigos, o contar casos na cozinha à lenha no escuro, porque na época ainda não havia eletricidade nas residências, representavam um movimento de retorno ao passado do distrito de Lavras Novas. De acordo com um dos entrevistados

(...) a gente trabalhava fazendo cesta e aí a gente ia pra Ouro Preto pra vender. A gente desde menino acompanhava os pai da gente com as tropa pra Ouro Preto. Eles ficava fazendo na porta lá em cima, lá onde a gente mora lá, e a gente era menino pequeno já na idade de nove anos. Você sabe aquela fachada e aquela pedra alta lá em cima? Então, na parte do lado de lá daquele gramado, de um lado e de outro tinha gente fazendo balaio na grama e o pessoal vinha pras portas também né? Tinha uma turma fazendo de um lado e outra turma fazendo do outro (Nativo B entrevistado em 14/10/2011).

¹¹ Na exposição dos dados vamos nos referir à população local como “nativos”, considerados aqueles que são provenientes de Lavras Novas.

Em outra passagem o entrevistado faz referência aos tempos da infância.

As pessoa ficava deitada na frente das casa, porque tinha a grama né? E não tinha esse movimento de hoje em dia, então as pessoas usava ficar conversando deitada na grama mesmo, não tinha muita coisa pra fazer. Os menino depois da escola, muitos ficavam brincando aqui de bater boque [brincadeira citada pelo entrevistado] (Nativo B entrevistado em 14/10/2011).

Lavras Novas aparece representada como lugar de referência para aqueles que criam uma afinidade com ele, um sentimento de pertença. Essas representações foram percebidas principalmente entre o grupo de idosos entrevistados. Percebemos entre eles uma ligação sentimental com o passado. Os entrevistados se mostraram invadidos pelas mudanças que o distrito vem sofrendo com a presença da atividade turística.

A aqui é bom né? Mas já mudou muito. No tempo da minha mãe não tinha essa confusão toda não. A gente tinha mais liberdade. A gente brincava na rua, sabe? As menina bordava na porta e os menino jogava bola na rua. Os pai da gente ficava sentado na grama fazendo balaio. Era muito diferente. Agora a gente sai na rua e vê um monte de gente que a gente nem conhece, a gente não sabe nada da vida deles. Hoje tem carro pra todo lado aqui, sabe? Tem muita gente diferente. (Nativo C entrevistado em 16/10/2011)

O que essa passagem nos transmite é que ao tomar consciência do tempo presente, aparece um saudosismo ao falar de distrito como era durante a infância. Esse processo de valorização se dá pela perda das características que foram a base da construção da identidade dessas pessoas, tendo em vista que grande parte delas se perdeu pela presença dos turistas.

Aqui é um lugar bom, sabe? Mas mudou demais, agora tem muita droga, é criança, é menina nova, tá tudo na droga, muito rapaz, tá tudo na droga. Antes não tinha isso aqui não. Eu se eu pudesse eu falava pra acabar com tanto turista aqui. Tinha que deixar entrar só um pouco, porque tá demais. O turista, tem uns que é muito bom e tem uns que é bagunceiro e a gente não tem liberdade de chegar na porta da gente porque tem um turista bagunçando. É, boba, a gente não tem jeito nem de chegar na porta da gente. (Nativo D, entrevistado em 16/10/2011)

Portanto, a incorporação de Lavras Novas na rota do turismo e as conseqüentes mudanças atribuídas ao espaço para a recepção dos turistas acabam por criar um estranhamento entre aqueles que viram seu espaço de vivência romper com suas características originais resultando em um simulacro para atender aos visitantes.

Entretanto, apesar de expressar um sentimento de nostalgia, representado pelo rompimento com o passado, os idosos entrevistados reconhecem o turismo como elemento importante para a sobrevivência do distrito. Ao buscar pelas representações de Lavras Novas todos os idosos se referiram a um passado de falta, de escassez de recursos, o que tornava a vida dura no distrito. Uma das entrevistas é bem elucidativa nesse sentido.

Antes aqui não tinha comércio, não tinha posto de saúde pra atender as pessoas, nem médico, a gente tinha que ir pra Ouro Preto ou tratar em casa mesmo. Então mudou muito, não tinha uma luz pra poder alumiar direito, não tinha uma geladeira, não tinha nada. Não tinha um chuveiro pra gente tomar banho, a gente tomava banho de bacia, né mesmo? A gente tinha que busca água na bica com muita dificuldade. Também pra ir em Ouro Preto era muita dificuldade tinha que ser de burro ou a pé. Então, era muito difícil. Pra trabalhar a gente tinha que acordar 3 horas da manhã e ir andando até no Manso [Fazenda do Manso, onde se plantava chá]. Tinha que procurar emprego fora daqui, sabe? Era homem casado, era menina nova. (Nativo D, entrevistado em 16/10/2011)

Portanto, não somente representações negativas alimentam o imaginário dos idosos com relação à atividade turística. Entre os pontos positivos as melhorias das condições de vida são os pontos principais levantados. Essas representações são compartilhadas pelos demais nativos entrevistados. Há unanimidade nas entrevistas nesse ponto. Para todos os grupos sociais entrevistados percebemos que todos apontam que Lavras Novas vem se modificando também de forma afirmativa no imaginário social. Os ganhos que o Distrito vem adquirindo em infra-estrutura é notadamente um dos pontos fortes das entrevistas porque cria uma relação de concordância entre os grupos. Entre os pontos mais mencionados está a linha de ônibus adquirida com o aumento das visitas a Lavras Novas, bem como as melhorias em termos de saúde e educação.

As respostas que buscam uma referência no passado não foram trazidas a nós somente pelas entrevistas dos idosos. Havia uma referência constante a esse passado histórico também para a população nativa entre 35 e 59 anos. Porém essa relação se mostrava muito mais modelada em perspectivas de futuro e de sobrevivência. Esse retorno, portanto, aparece associado a uma razão instrumental econômica e por assim dizer, prática, que leva necessariamente estes sujeitos a reconhecerem a necessidade do turismo para a sobrevivência dos moradores de Lavras Novas.

Entre os nativos idosos e adultos a imagem do distrito está ancorada em um lugar onde todos se conhecem, onde existe um forte laço de amizade e cooperação. Ao evocarmos o imaginário

social sobre o lugar aparece entre os entrevistados um conjunto de representações marcadas por palavras que fazem referência a “*amizade*”, “*conhecimento*”, “*união*” e “*parentesco*”. A forte ligação entre os nativos foi elemento importante das falas quando perguntados sobre o que Lavras Novas possuía de maior valor. O fragmento a seguir é ilustrativo nesse sentido. “*É a união daqui da rua [Lavras Novas], sabe? Aqui todo mundo conhece todo mundo, é quase todo mundo parente, esse que mora aqui do lado é meu irmão, então a gente ajuda, sabe? Aqui mexeu com um, mexeu com todo mundo*” (Nativo D entrevistado em 16/10/2011). Assim, foi unanimidade entre os entrevistados a imagem do Distrito como o conjunto das vivências diárias, representadas pelo convívio social com um grupo que partilha de uma história comum, o que permite a construção de um “Nós” que, inclusive, pode reagir à ação dos “Outros” coletivamente.

Entre os jovens entrevistados, Lavras Novas também aparece como local de vivência, onde há o encontro com os amigos e onde vivem os pais. Os adolescentes ancoraram as suas representações sociais a um espaço onde são produzidas interações e comunicações cotidianas. Isso foi percebido na ênfase dada pelos entrevistados ao distrito como espaço de amizade, vocábulo que apareceu em quatro das cinco entrevistas realizadas. Também verificamos entre esse grupo um conjunto de representações que reconhece a necessidade da atividade turística para a melhoria da qualidade de vida dos moradores do distrito. Nenhuma das representações sociais dos jovens sobre o lugar apareceu totalmente desvinculada do turismo. Isso se justifica porque para os nossos entrevistados, que tinham entre 14 e 17 anos, a atividade sempre fez parte da vida diária.

As entrevistas com os demais grupos nos apontaram ter havido uma movimentação no imaginário social dos jovens ao longo das gerações. O que é perfeitamente normal, uma vez que as representações sociais são plásticas, portanto, com o passar do tempo ocorrem mudanças na compreensão dos elementos pré-existentes por meio de situações novas que alimentam o imaginário dos grupos. Esse elemento novo é o turismo e as novas possibilidades de comunicação permitidas pelo mundo moderno. Além disso, esses jovens possuem um intercâmbio muito grande com a cidade de Ouro Preto, onde estudam, a qual é também fortemente marcada pela presença de *habitus* distintos. A vida urbana é tida como representação do moderno, por vezes oposta à vida no meio rural, e por isso exerce um grande fascínio sobre os habitantes do campo, principalmente entre os jovens. Muito mais do que isso, o meio urbano representa o deslumbramento pelo diferente, pelo que o ‘Eu’ não

reconhece como familiar, mas que os atores gostariam que fizesse parte da vida diária. A mudança no comportamento dos jovens é atribuída, principalmente entre os idosos nativos, à super valorização da cultura do 'Outro' e, por vezes, à negação da própria cultura.

Como se pode perceber, no contexto de Lavras Novas a influência de visões globalizadas de mundo, no entrecruzamento de verticalidades e horizontalidades no espaço geográfico (SANTOS, 2006) mostram sua força na reconfiguração das identidades territoriais. As trocas simbólicas e materiais constantes vêm modificando espaços e modos de vida ao permitir o diálogo permanente entre formas diversas de ver o mundo. Essa conjuntura não é exclusividade do distrito de Lavras Novas. Diante de representações sociais distintas o confronto entre diferentes *ethos* implica modificações nos quadros de referência das culturas e visões de mundo entre as gerações. Entre os jovens as mudanças culturais no distrito não foram questionadas, pelo contrário, de acordo com esse grupo não está havendo modificações na cultura local. A configuração atual assumida pelo lugar é tida como positiva por estar ancorada em um estado de coisas visto como verdadeiro por representar poder e status o que é proveniente do turismo. Ao se tornar uma autêntica expressão da vida moderna, as novas espacialidades ganham força e validade entre os jovens nativos.

A discussão até aqui nos aponta a existência de um pluralismo de visões quanto ao distrito de Lavras Novas. Percebemos que no caso dos empresários locais, na grande maioria das vezes, a imagem do distrito de Lavras Novas está fortemente ligada ao espaço recriado para o turismo, embora existam atores que discordem e vejam no distrito um espaço de encontro com a natureza. Verificamos também posicionamentos parecidos entre os nativos quanto a essa imagem construída pelo discurso do turismo, entre eles os micro-empresários locais. As divergências entre os imaginários quanto à imagem assumida pelo distrito estão portanto, vinculadas aos interesses de cada grupo social. Mais uma vez temos uma ligação do distrito de Lavras Novas à ação do turismo, por isso no início desse diálogo ao separarmos as representações em categorias prevenimos o leitor de que elas não orientariam análises fragmentadas.

A representação criada para o distrito enquanto espaço turístico molda visões que colocam em choque os grupos discordantes entre si sobre a imagem adotada para a exploração da atividade no distrito. No caso dos nativos os questionamentos se fundam na não aceitação desse simulacro construído para receber os visitantes. Para melhor elucidar o fato lançamos mão de um dos elementos que mais dividiram opiniões entre os grupos em Lavras Novas, o

asfaltamento da estrada que dá acesso ao distrito. Os grupos se dividiram na discussão do assunto porque para parte dos empresários locais o asfaltamento representaria a artificialização do distrito e, por conseguinte, viria a mudar a imagem de Lavras Novas enquanto espaço natural, oposto aos grandes centros. Já para os nativos, o asfaltamento se constituía em uma necessidade básica, já que aqueles que vivem constantemente em Lavras Novas precisam da estrada para se deslocar. Segundo um dos entrevistados esse é um ponto negativo no distrito, a mudança nas relações de poder com a chegada dos grupos chamados “de fora”. De acordo com ele os neo-rurais querem a autonomia das decisões em Lavras Novas, sendo que os nativos são desconsiderados desse processo. O entrevistado menciona que “(...) a maioria acha que são donos de Lavras Novas. Muitos não querem saber do asfalto. Falam que o asfalto vai prejudicar o turismo. Eles não pensam no bem comum da comunidade. Eles só pensam no bem comum deles” (Nativo A entrevistado em 12/10/2011). Entre os turistas também a opinião se dividia. Para a parcela do grupo que buscava em Lavras Novas o espaço imaginado como sendo o “rural” o asfaltamento romperia com a imagem esperada. Isso porque para os turistas a estrada vicinal é um elemento que mostra a diferença entre campo e cidade. Em uma das entrevistas o turista menciona que “(...) para ver asfalto eu fico em Belo Horizonte, lá tem muito” (Turista B entrevistado em 12/10/2011). Essa frase, com um leve tom de ironia mostra que um grupo mais elitizado de turistas prefere as características que em seu imaginário compõe do espaço rural. Já entre outra parcela de turistas o asfaltamento não pareceu influenciar na visitaçãõ.

Como já introduzimos nessa discussão, o apelo à linguagem e à imagem é uma das grandes estratégias do turismo de uma forma geral. Em busca de chamar a atenção de um público que volta o seu imaginário para um espaço rural moldado, pronto, embasado em visões de mundo desses grupos os apelos imagéticos são fundamentais. Para atender as carências criadas pelo mundo moderno, presentes principalmente nos grandes centros urbanos, cria-se um mundo de ‘faz de conta’ para o qual é preciso fornecer signos que alimentem esse imaginário. Assim tem-se construído a imagem de Lavras Novas entre parte do empresariado local, a qual atende aos interesses das posições por eles assumidas no campo social. Isso explica a construção de espaços icônicos por meio de grandes investimentos de capital. Em meio a essas representações o apelo visual é muito importante, assim são construídas grandes pousadas que tem um design moderno com toques de elementos rústicos para não fugir à representação do rural expressa no imaginário do turista. Todo esse investimento se justifica uma vez que embora os turistas venham em busca do contato com a natureza como já mencionado

anteriormente, eles não querem abrir mão do conforto do qual desfrutam nas cidades. Trata-se de uma contradição nos interesses dos próprios turistas que, como se pode ver no posicionamento negativo quanto ao asfaltamento da estrada, esperam encontrar o espaço rural das suas representações, isto é, aquele que se aproxima da natureza.

No entorno da Estrada Real essas representações são muito fortes. O marketing turístico construído em torno do percurso está ligado às tradições e à história de Minas Gerais (SOUZA & VARELLA, 2007). A construção de símbolos em torno da mineiridade como a comida típica, a panela de pedra, o fogão à lenha, juntamente com a arquitetura alimenta o imaginário social dos grupos neo-rurais. Essa representação também embasa o discurso publicitário que divulga Lavras Novas por parte do grupo de nativos que exploram a atividade e ainda por parte do empresariado local. Uma das entrevistas com os nativos aponta para os elementos da tradição como importantes para a construção do imaginário social dos turistas.

Igual a gente trabalha muito com a folia de reis, às vezes a gente faz um ensaio aí eles perguntam “O que tá acontecendo?” aí a gente fala, “Ah, a folia de reis”, e tem a marujada, e o grupo “Nananã” que é um grupo de teatro que conta a história daqui, a gente tem manifestações culturais, a gente tem o balaio que é um símbolo daqui de Lavras Novas. O turista gosta. Tem a história daqui também. Muita gente vem pra cá porque gosta desse jeito daqui. (Nativo C entrevistado em 16/10/2011)

É interessante verificarmos todo um movimento de marketing histórico e cultural que coloca em movimento as representações dos turistas quanto ao distrito de Lavras Novas. A passagem seguinte foi extraída do site de relacionamento *Facebook*, onde existe uma página de divulgação do distrito. No comentário o responsável pela página posta “A *neblina nos encanta em meio às casas de pau-a-pique, nas cozinhas o fogão à lenha dão vida aos novos sabores...*” (FACEBOOK, postagem realizada em 23/04/2012). Em outra passagem a página traz “*Em Lavras Novas o fogão a lenha esquentam as casas neste frio e os caldos ganham vidas e sabores nas cozinhas dos Prazeres...*” ((FACEBOOK, postagem realizada pelo administrador em 02/05/2012). Entretanto, é na postagem seguinte que vemos com maior detalhamento a construção do imaginário social voltado para elementos da cultura e da história de Minas Gerais.

Lavras de histórias, de tradições, fé... pessoas simples e hospitaleiras. Nas casas de pau a pique fogão à lenha, quitandas e prosa. Novas de um sorriso sempre no rosto que encantam aqueles que aqui passam... cestarias, balaies, lenheiras, louvoures, folia de reis e Lavras Novas do Senhor, da Senhora dos Prazeres!!! Boa tarde a todos (FACEBOOK, postagem realizada pelo administrador em 12/04/2012).

As colocações acima fazem referência ao imaginário que se tem em torno do distrito de Lavras Novas como lugar rico em história e cultura em grande medida recriada para a atração do turista. É por isso que qualquer tentativa de modificação dessa imagem acaba por ser rechaçada por esse grupo dominante.

(...) tudo que faz aqui em Lavras Novas tem que ver se é o que o turista quer, se ele vai gostar. Senão minha filha, arruma briga com os grande, porque as coisa aqui tem que ser tudo pra turista. Se o nativo quer fazer uma casa diferente tem denúncia porque não pode mudar a faixa, sabe? A gente não pode ouvir música alta porque fala que incomoda o turista. Eles esquece da gente, porque a gente não pode fazer nada porque pode incomodar o turista.(Nativo A entrevistado em 12/10/2011)

Também as festas do Carnaval e Réveillon dividem as opiniões dos grupos em Lavras Novas. Essa fragmentação se dá também com base nas representações sociais que são construídas pelos grupos em relação ao distrito. O quadro abaixo ilustra o posicionamento dos grupos em relação às festas mencionadas.

Quadro 2: Posicionamento dos entrevistados diante das festas do Carnaval e do Réveillon

Grupos	Total de entrevistados	Favoráveis	Não favoráveis	Frases ilustrativas
Nativos jovens	5	5	-	<i>“O carnaval esse ano eu achei bem legal principalmente agora com as mulheres da associação porque elas conseguiram trazer várias atrações. Foi o melhor carnaval que já teve até hoje aqui.”</i>
Nativos Adultos	10	6	4	Favoráveis: <i>“Olha, eu gostei muito, porque tinha tempos que não tinha uma festa assim aqui na rua. Eu acho que foi muito boa, mesmo a gente divertiu muito.”</i>
				Não favoráveis: <i>“Bota funk aí num é legal não. Ninguém aqui escuta funk não, aí todo mundo é obrigado a escutar essa coisa desagradável, com palavras vulgares.”</i>
Nativos Idosos	5	5	-	Favoráveis: <i>“Ah, a festa não tem problema não, eles desliga cedo. Não teve problema não.”</i>
Empresários do ramo hoteleiro	6	5	1	Favoráveis: <i>“Eu acho que eles estão tentando fazer um trabalho legal, as vezes falta orientação, mas eles tão caminhado devagar. Eu não vi nada demais na festa não.”</i>
				Não favoráveis: <i>“Aí, cria um movimento na cidade, coloca um palco enorme na cidade, na frente da igreja que é tombada, do lado da casa de gente que tem 70 anos, as janelas tremem, e põem um som que(...). Que turista que vai vir aqui pra ver isso? Que turista que vai voltar aqui depois de ver isso?”</i>
Empresários do ramo alimentação e vendas em geral	5	3	2	Favoráveis: <i>“Eu não acho que a festa prejudica nada não. É só um outro perfil de turista que visita o distrito nesses épocas.”</i>
				Não favoráveis: <i>“Aqui teve em fevereiro um palco enorme na frente da matriz e ficou cheio de banheiro químico espalhado pelas ruas. Uma coisa horrível. Tampou a igreja toda. Uma música horrível.”</i>
Turistas	16	7	9	Favoráveis: <i>“Eu vim aqui no Carnaval desse ano e achei a festa bem animada, bem organizada. Aqui é um lugar legal pra passar o Carnaval.”</i>
				Não favoráveis: <i>“Eu não gosto não. Eu não venho aqui pra escutar Funk, eu acho que não tem nada a ver com a atmosfera da cidade, nada a ver com Lavras Novas esse tipo de festa.”</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2011/2012.

O que o quadro anterior apresenta são as diferenças de posicionamentos em relação à festa. Entre os empresários locais percebemos que os atores não apreciam o formato da festa por considerar que os estilos musicais como *Axé Music* e *Funk* apresentados em um palco na área central do distrito não favorece o turismo. Além disso, a maioria do empresariado local, esse tipo de show foge à imagem do que seria o distrito de Lavras Novas, ou pelo menos, do que deveria ser. Isso porque no imaginário desse grupo, Lavras Novas aparece como um signo idealizado e que desperta necessidades reais dos consumidores de um mercado de sonhos incentivado pelo turismo. O grupo sai então, em defesa da salvação das tradições do distrito, muitas delas inventadas para o turismo. Apenas dois empresários entrevistados foram favoráveis à realização da festa. Aqui estamos considerando o ramo hoteleiro e o setor de vendas em geral.

Já entre os nativos as posições de concordância com a realização da festa prevaleceram. A festa representou uma possibilidade de divertimento em um distrito o qual segundo um dos entrevistados “*é feito pra turista*” (Nativo E, entrevistado em 17/10/2011). A aceitação, portanto, foi boa entre a maioria dos moradores nativos, visto que as representações sociais em torno do distrito diferem dos grupos dominantes do campo. Não há entre eles uma imagem moldada do distrito para o turismo, mas sim um espaço de vivência. Portanto, os argumentos se embasam sempre na visão do grupo em relação à imagem que o distrito assume. Na passagem a seguir um turista reclama da qualidade das músicas escutadas em Lavras Novas. De acordo com o entrevistado o “*Funk*” não está relacionado à cultura de Lavras Novas. Questionado pelo filho sobre a música Sertaneja que ouviram durante um passeio pelo distrito, o entrevistado defende ser esta mais condizente com a imagem do distrito. Isso porque ele aparece ligado ao caipira, ao homem do campo. Segue abaixo o trecho extraído da entrevista para elucidar essa passagem.

Entrevistado: Eu já tinha vindo aqui três vezes, e dessa vez eu achei tão engraçado que passou um carro com um som muito alto com um som de Funk que não é a energia da cidade, mas numa altura tremenda. Eu pensei “Daqui a pouco o pessoal vai ficar irritado aqui, porque todo mundo aqui tranquilo, o lugar é calmo, tocando aquelas musiquinhas tranquilas e ele passou com aquele “sonzasso”.

Intervenção do filho do entrevistado: Mas passou um som alto também ouvindo música Sertaneja.

Resposta do entrevistado ao filho: Mas eu acho que música Sertaneja já é mais a característica do lugar, agora um funk não tem nada a ver. (Turista B, entrevistado em 12/10/2011)

Verifica-se ao tratar de temas como o asfaltamento da estrada de acesso à Lavras Novas e as festas com caráter mais popular, que existem confrontos de imaginários sociais no Distrito. Isso porque a Lavras Novas recriada para o turismo difere da Lavras Novas espaço de vida do nativo. A construção de uma rede de imagens que alimente o imaginário do turista se faz baseada no conteúdo simbólico do campo das representações sociais desses atores quanto ao distrito de Lavras Novas que estão orientadas com base em elementos como ‘natureza’, ‘tranquilidade’, ‘rústico’, ‘bucólico’, ‘belezas’, ‘aventura’, etc. Esses elementos povoam de forma diferente os imaginários sociais, já que não identificamos um único perfil de turista, portanto, a representação do distrito se ancorou sobre um conjunto de imagens que variaram de acordo com as referências individuais. Essas imagens estão para parcela dos turistas entrevistados, conectadas à natureza e as manifestações culturais do distrito que se materializam em símbolos tais como a ‘panela de pedra’, o ‘fogão à lenha’, ‘arquitetura rústica’, ‘cachoeiras’, ‘mirantes’, ‘serras’, e etc. Identificamos um perfil de turistas com idade entre 50 e 70 anos aproximadamente, que atribuem ao distrito um espaço de descanso, possível graças à combinação da natureza com a tranquilidade. Entre esses entrevistados são a paisagem e o clima do Distrito os motivos da escolha de Lavras Novas para visita. Já entre os turistas mais jovens, em geral abaixo dos 30 anos, o distrito aparece como espaço de descontração e divertimento. Entre esse perfil também identificamos que muitos turistas representam Lavras Novas como *“um lugar legal pra namorar, com esse friozinho aqui é muito bom”* (Turista C, entrevistado em 14/11/2011). Ainda o fundamento ecológico por trás do discurso dos turistas é muito forte. A necessidade contemplativa aparece muito presente no discurso, uma vez que dos dezesseis turistas entrevistados, em nove das entrevistas havia forte associação de Lavras Novas à contemplação da natureza. Selecionamos nas entrevistas o trecho abaixo como aquele que melhor ilustra essa colocação.

A gente vem pra cá por causa desse contato com a natureza. Toda vez que a gente pensa em sair aqui pra ir em algum lugar a gente acaba indo parar nas cachoeiras ou lá na pedra pra olhar as estrelas. É um momento muito mágico. E Lavras Novas é muito isso, aqui a gente sente esse contato com a natureza. (Turista D, entrevistado em 15/10/2011)

O que pudemos verificar por meio das entrevistas é que o grupo busca um rompimento com a vida cotidiana nos grandes centros, procurando um espaço que, para eles, representa o pólo

oposto ao meio urbano em imagem e relações. O que se pode perceber, contudo, é que o imaginário social de natureza entre os turistas está fortemente ligado aos conceitos de paz e tranquilidade. É neste sentido que os turistas que se mudaram para Lavras Novas apontam modificações na organização espacial do distrito o que não é bem visto por eles. Segundo um dos entrevistados, as mudanças ocorridas com o aumento das visitas vêm alterando o imaginário social quanto a Lavras Novas. Isso porque o lugar passou a adotar cada vez mais as características dos centros urbanos. Podemos evidenciar essa colocação por meio do fragmento a seguir “*A gente veio pra cá e a gente ficou aqui um ano e meio na calmaria, bicho do mato mesmo, mas agora a gente sente que a dinâmica aqui mudou. Muita gente mudou pra cá e muita gente ainda vai mudar e começar a montar coisas aqui* (Turista D, entrevistado no dia 15/11/2011)”. Em outra passagem outro entrevistado menciona

Você pode observar o estilo das construções aqui como tá mudando. Lá onde eu to morando estão construindo uma quitinete horrorosa, com uma escada horrorosa. Eu, eu nunca ia querer um lugar daquele. Porque eu to vindo da cidade, cheia de movimento onde eu tenho que subir e descer escada. E mesmo pra você tirar um final de semana não dá. Eu acho que você quer mudar de meio. (Turista E, entrevistado em 15/10/2011)

A colocação desses entrevistados aponta para a atividade turística como um modificador das particularidades de Lavras Novas o que, aliás, é o diferencial que oferece ao distrito a visibilidade alcançada no campo do turismo. Essas características, contudo, também têm sido modificadas pelo contato dos jovens nativos com a sede do distrito, a cidade de Ouro Preto, dado que com a melhoria em termos de infra-estrutura de deslocamento fez aumentar o contato entre Ouro Preto e Lavras Novas. As modificações nas peculiaridades locais, contudo, não foram percebidas no discurso dos empresários que exploram exatamente a idéia contrária, isto é, apontam o distrito de Lavras Novas como um local calmo e rico em elementos naturais e culturais ainda muito resguardados.

O que verificamos até então é que pluralidade de leituras do espaço geográfico é possível, compondo um mosaico de sentidos a partir de posições diferenciadas quanto à imagem que o Distrito de Lavras Novas assume entre os grupos sociais diversos. É a identidade cultural, contudo, que orienta o modo de organização espacial e era essa a noção que pretendíamos construir ao trabalharmos as representações sociais do distrito de Lavras Novas.

4.1.2 Diferentes olhares sobre a natureza: representações sociais dos grupos quanto aos recursos naturais

As representações sociais estão relacionadas a um tempo e a um espaço e é por isso que elas estão em constante modificação. As alterações no espaço geográfico na modernidade causam variações nos sistemas de entendimento do mundo o que, aliás, é o que vem sendo percebido no conjunto das representações sociais que a Natureza assume para grupos sociais diversos. As modificações sofridas pelo planeta para atender ao modelo de produção capitalista têm alterado a visão em torno da Natureza.

As novas representações sociais de Natureza surgem ancoradas nas idéias de sustentabilidade e de responsabilidade ambiental. A importância da conscientização e da proteção do espaço natural ganha cada vez mais visibilidade nas discussões. À Natureza são atribuídas novas conotações, novas representações que por um lado projeta uma representação social do espaço natural como lúdico, calmo e belo e, por outro, surge como uma nova possibilidade de exploração dos recursos naturais no meio rural.

O fortalecimento dos imaginários sociais em torno dessa valorização da Natureza e do meio ambiente é legitimado em um mundo urbanizado onde as modificações na paisagem impossibilitam cada vez mais o contato direto com a natureza. Entre os grupos entrevistados em Lavras Novas pudemos verificar três grupos centrais de representações em relação ao meio natural. Primeiramente a natureza surge ligada a uma visão intelectualizada que distancia o homem dos recursos naturais. Em segundo lugar desponta como espaço a ser preservado pela importância que assume para o turismo. Em terceiro lugar se ancora em elementos da vida diária.

Entre as classes de empresários do ramo hoteleiro e comerciantes em geral, o vocábulo aparece nas falas ligado às palavras ‘fascínio’, ‘charme’, ‘magia’ e ‘beleza’. Os dados apontaram que as representações de Natureza para ambos os grupos aparecem muito ligadas à possibilidade de geração de lucros. O enfoque se dá sobre a forte atração que os atributos naturais exercem sobre as expectativas dos turistas. Também nesse campo de idéias a natureza surge como espaço a ser cuidado, a ser preservado. Como já tratamos no tópico anterior, na relação entre os grupos de empresários e turistas não pudemos verificar uma separação clara entre as representações de natureza e as do Distrito de Lavras Novas. As duas representações se encontram muito próximas, chegando a se confundir. Muitas vezes o Distrito aparece como

sinônimo de Natureza, ou mesmo esta surge com a mesma definição atribuída a Lavras Novas. É nesse ponto, especificamente, que identificamos a ligação entre o Distrito e o meio natural no imaginário social dos entrevistados. Em torno da Natureza é criado um espaço de simulacros, onde não existem os problemas enfrentados nos centros urbanos. Nos imaginários dos empresários do ramo hoteleiro e dos comerciantes em geral o espaço natural emerge como o lugar do contato com a natureza, do distanciamento do cotidiano e onde é possível se afastar das relações que aprisionam o ser humano. Por isso há a tendência de manter uma pré-concepção de qual identidade o espaço rural deve partilhar. O trecho a seguir trata exatamente das colocações acima. O fragmento foi retirado da entrevista de um comerciante que se mudou efetivamente para o Distrito há cerca de dois anos.

A gente veio pelo que Lavras Novas tem, a gente veio viver isso, essa calma, essa tranquilidade. É qualidade de vida que a gente veio buscar, uma relação que na cidade grande já não tem mais por causa do concreto e do o dinheiro. É que nas cidades grandes o que rola é o que? Que você tem que oferecer o serviço pra você ganhar o dinheiro e você ainda tem que ficar feliz com isso. Você não pode nem se dar ao luxo de ter uma depressão, porque você tem que produzir o tempo inteiro. Então a gente pensou “nossa cara, essa piração [relações sociais nos centros urbanos] não é a minha, isso não é natural do meu corpo” é a Natureza mesmo que a gente veio buscar. A gente veio em busca de liberdade. (Comerciante B, entrevistado em 13/10/2011)

Entre os proprietários de pousadas somente o imaginário social de um entrevistado divergiu da representação de Natureza como possibilidade de geração de lucro. Para esse entrevistado o meio natural significa a “essência da vida”. Entre os comerciantes tivemos uma variação maior de posicionamentos embora a representação padrão se objetivasse em torno do espaço natural como fonte de exploração econômica. Entre dois membros desse grupo identificamos uma imagem de natureza sacralizada. A conexão com o espaço natural está ligada a um conjunto de crenças, a um misticismo, que visa criar uma identidade ao sujeito já que ela ligaria o homem à essência, ao fundamento da vida. O fragmento a seguir ilustra a nossa colocação “*a natureza pra mim é tudo, é o que move, é o que nos faz estar aqui, e nós também somos natureza, a dificuldade maior é das pessoas enxergarem isso, que a natureza é o princípio (...)*.” (Comerciante C, entrevistado em 15/10/2011) O meio natural surge ainda para esses atores como o espaço da autenticidade, onde existe o caráter do que é verdadeiro, do que é real. De acordo com um dos entrevistados “*Olha, eu vim aqui pra Lavras Novas em busca disso aqui mesmo, desse contato com a natureza, isso pra mim é real, o resto é loucura, todo esse sistema é loucura, eu to vivendo como eu sempre quis.*” (Comerciante D, entrevistado em 16/10/2011).

Já as representações dos turistas se ancoram na idéia de um espaço de encantos que contrasta fortemente com um meio de imposições, submissões e impotências, características que marcam a vida representada como artificializada das grandes cidades. Percebemos aqui que a idéia de natureza se confunde com a noção de rural. Identificamos em um perfil de turista que o vocábulo Natureza evoca a idéia de ‘liberdade’ que é facilmente associada ao mundo natural, representação que se ancora ainda em torno de uma visão romântica da paisagem rural. Esse perfil foi verificado principalmente entre jovens descrentes com o modelo de vida imposto pelo atual modo de produção. Esses grupos buscam na Natureza um apoio revigorante para o estresse da vida diária; o meio natural abre para esse grupo um novo panorama de vida que rompe com o estilo de vida na cidade grande. Um dos entrevistados menciona apreciar o distrito de Lavras Novas porque no distrito é possível “(...) *sair e deixar o carro na rua, não tem problema, aqui não tem violência, nunca vi uma briga, não tem trânsito, nem barulho, quer melhor do que isso aqui? (risos) Lavras Novas é o paraíso, sempre que eu posso, eu venho*” (Turista A, entrevistado em 12/11/2010). Também embasados nessas necessidades os atores passam a representar a natureza em termos de uma imagem criada para o rural como espaço estático, imutável, que não pode sofrer com as alterações do ser humano; um elemento externo ao ser humano, portanto, intocável. Nessas representações estão presentes os processos interacionais que ligam a sociedade e a natureza. A passagem a seguir também foi extraída das falas de um turista “(...) *alí onde to morando tão remexendo tudo ali, tem umas casinhas muito feias, na frente é tudo lindo, nos fundos tem lixo, tem sujeira, e isso sem falar que tão cortando tudo aí pra fazer casa e pousada, né?*” (Turista F, entrevistado em 10/12/2011).

Identificamos nas falas de dez dos turistas entrevistados que a Natureza surge dentro de um discurso institucional muito próximo daqueles divulgados nos meios de comunicação de massa. Em geral, esse tipo de discurso foi encontrado entre os turistas que alugam casas e suítes dos nativos e ainda os turistas mais jovens que se hospedavam nas pousadas. Entre os turistas idosos, todos vindos da cidade de Belo Horizonte, as representações de natureza não se distanciam das representações do distrito de Lavras Novas. As associações mais frequentes demonstram uma representação de Natureza que está, no discurso, distante do ser humano, visto que as referências a ela pertencem ao domínio do natural, do físico e não relacionado ao ser humano. O que identificamos foi uma associação muito forte do rural à natureza, o que diverge do espaço artificializado das grandes cidades. As necessidades básicas do grupo apontam novamente para os elementos que são centrais nas representações desses sujeitos.

Devido às distintas formas de organização social é normal que os grupos venham a discordar entre eles em suas visões de mundo. Portanto, esse fetiche que rodeia o espaço natural não foi observado junto à população local. O que se verificou, de uma forma geral, foi uma visão prática da natureza, ou seja, a idéia de uma natureza provedora, a qual faz parte da vida diária. Não há um processo de idealização do espaço natural porque este não é visto como elemento separado da vida social. A dissonância entre Natureza e sociedade não é clara nessa relação, tendo em vista que os atores dependem dos recursos naturais para a sobrevivência. Foi assim que se deu durante a vida ao lado dos pais e segue dessa forma no convívio com a atividade turística. Dessa forma, quando estimulados pelo vocábulo “*natureza*” a população local apontava para uma ordem prática que a ligava ao meio de vida. A importância dos recursos naturais é atribuída à atração de turistas. Isso não quer dizer que a natureza assuma um aspecto instrumental somente entre esses atores, mas sim que o espaço natural, sempre base da sobrevivência no distrito, permanece com essa função, porém agora, remodelada. As novas funcionalidades assumidas pela Natureza na exploração da atividade turística podem ser verificadas no fragmento que segue “*(...) antes o pessoal plantava roça, eles buscavam lenha, vivia mais do mato, ou da terra, sempre dava um jeito, mas aí depois com o turismo todo mundo passou a ter outra ocupação, hoje em dia quase ninguém mexe com planta [lavoura]*” (Nativo A entrevistado em 12/10/2011). O que se extrai desse fragmento é que a natureza deixa de ser fornecedora de produtos primários passando a mercadoria a ser vendida pelo mercado do turismo. O próximo fragmento também é elucidativo ao tratar a natureza como um atrativo para o turismo “*(...) o turismo hoje dá muito emprego aqui, e a natureza é importante por isso, porque traz o turista, porque eles gosta é da natureza, né?*” (Nativo D, entrevistado em 16/10/2011). Ambos os fragmentos citados mostram que a natureza sempre fez parte da vida diária do morador de Lavras Novas. A representação agora se volta para a importância dos recursos para a atração do turista, aquele que mantém a economia do distrito. Portanto, da mesma forma, a Natureza continua sendo fundamental para a sobrevivência dos nativos de Lavras Novas.

4.1.3- Entre o dito e o feito: as representações sociais em relação ao poder público municipal

As representações sociais são elementos importantes para a manutenção da coesão entre os grupos sociais. Também o Estado, por meio da gestão territorial, busca promover essa relação agindo no dia a dia dos cidadãos impondo uma disciplina baseada em um conjunto de regras e normas. Por assim dizer, as políticas públicas se voltam para manter a coesão social no território. As intervenções do Estado no espaço visam amenizar os conflitos gerados pelas diferenças sociais entre as classes.

A política é, no estrito sentido da palavra, a busca pelo bem comum. Acontece que na política, a representação da realidade é mais importante do que a própria realidade representada. Essa colocação pode ser reforçada pela percepção em campo da diferença que existe entre o discurso ambiental promovido pelo poder público e o que se observa efetivamente no distrito de Lavras Novas em termos de ações. Assim, embora haja todo um discurso ambiental que construa uma imagem de Lavras Novas enquanto sustentável do ponto de vista ambiental, os problemas ambientais gerados pela exploração do turismo são bastante graves. A contaminação dos cursos hídricos por esgoto sanitário, as construções em áreas de preservação ambiental e principalmente no entorno de nascentes estão entre as situações mais dramáticas resultantes da falta de planejamento da atividade. O que se percebe, contudo, é que o discurso se torna um elemento central do fazer político ao enriquecer as ações e a visão do poder público embora na relação entre o discurso e a prática exista uma distância considerável.

Em Lavras Novas a imagem que assumem as ações públicas da Prefeitura de Ouro Preto voltadas para melhorias no Distrito beiram a descrença para a maioria dos nossos entrevistados, não estamos aqui selecionando nenhum dos grupos especificamente. As respostas seguiram certa padronização em torno de um conjunto de palavras como ‘descaso’, ‘desinteresse’, ‘esquecimento’, ‘promessas’. O imaginário social local não é povoado de boas representações quando sob o estímulo da construção “poder público”. A passagem seguinte foi extraída de uma das entrevistas e é ilustrativa nesse sentido “(...) *essa prefeitura aí fuleira, acha que a gente é matuto e só vem na época de eleição. Só faz negócio na época de eleição. Faz uma coisinha ali ou outra ali pra falar que fez, entendeu?*” (Nativo E entrevistado em 17/10/2011) Diante da imagem que o poder público assume no imaginário social dos grupos,

o resultado é certo desinteresse pela participação na vida pública. Os interesses individuais, nesse caso, acabam sobressaindo aos coletivos e a vida segue isolada da reflexão e dos questionamentos que caberiam.

A descrença nas ações públicas foi ponto alto das entrevistas com todos os grupos. O paradoxo que compõe essa colocação é muito forte quando pensamos que elegemos os nossos representantes para não acreditarmos na sua competência para a gestão territorial. Pelo que percebemos, a presença do Estado no Distrito é vista somente nos serviços básicos como saúde, educação e policiamento. Nesses quesitos existe ainda uma intensa insatisfação, já que de acordo com as informações, os serviços oferecidos são insuficientes para atender a população e ainda possuem uma qualidade bastante questionada pelos lavranovenses. O que verificamos junto aos entrevistados um certo conformismo por parte da população com o que foi chamado de ‘descaso’, já muitos dos apelos à Prefeitura não são atendidos. O poder público é representado como algo distante, aquém às necessidades do Distrito, com exceção das autoridades locais que se mostraram satisfeitas com a abertura que a Prefeitura tem dado ao diálogo com os representantes de Lavras Novas.

Também as representações quanto às ações de incentivo ao turismo não evocam elementos positivos no imaginário social de todos os grupos entrevistados. Temos aqui mais uma contradição envolvendo a política pública do turismo, já que o apoio à atividade aparece somente na ordem do discurso, isto é, nos documentos que sustentam essas intervenções. O que se vê na prática é bastante diferente. No quadro 4 selecionamos frases que seguiram um padrão nas respostas dos entrevistados e que nos mostram a contradição existente entre o discurso político e os incentivos reais ao turismo enquanto política pública.

Quadro 3: Análise das representações sociais quanto ao incentivo ao turismo por parte do poder público

Grupo	Recursos naturais	Patrimônio histórico e cultural
Empresários do ramo Hoteleiro	“Não existem ações de manutenção dos atrativos naturais”	“Nossa, péssimo. Tem como colocar péssimo ai? Não tem nenhuma ação de cuidado não.”
Empresários do ramo de alimentação e vendas em geral	“Não, a Prefeitura não age nesse sentido”	“Olha, eu não vejo nenhuma iniciativa não.”
Nativos Idosos	“A Prefeitura não cuida dos matos dos mato não. Só da limpeza da rua mesmo”.	“Olha, era pra cuidar mais, porque é bem perto de Ouro Preto né? E tu que tem aqui a Prefeitura quer cobrar imposto. Se faz uma reforma na casa tem que ter engenheiro tem que ter alvará”
Nativos Jovens	“Aqui quem cuida das cachoeiras são os nativos, a Prefeitura não cuida nada.”	“A questão cultural e histórica nossa aqui eu acho que ela tá muito esquecida. Não tem nenhum projeto de resgate da cultura.”
Nativos adultos	“Ah coitada, a prefeitura não cuida de nada não.”	“Não, não vejo nada. A prefeitura não cuida nada. Sinceramente eu não vejo não.”
Turistas	“Não vimos nenhuma ação da Prefeitura não, até porque a gente achou lixo nas cachoeiras, fraldas descartável, lata de cerveja.”	“A gente não veio aqui por isso não, eu não vi nada da cultura e da história daqui.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2011/2012.

O quadro nos aponta que as representações sociais com relação ao incentivo à atividade turística se encontram entre os grupos. Selecionamos essas cinco citações entre todas as entrevistas porque elas são representativas e sintetizam melhor as falas dos entrevistados em cada um dos grupos. Todos os entrevistados mencionaram não observar ações da prefeitura no sentido de apoiar o turismo. Mesmo as festas do Carnaval e do Réveillon que são patrocinadas pela prefeitura de Ouro Preto são atribuídas aos esforços da Associação de Moradores. Quanto ao turismo mais elitizado, também houve críticas por parte do empresariado em geral, apontando para falhas no incentivo ao turismo que venha a atrair um público dito de mais qualidade para o distrito. As festas citadas são vistas pelo grupo de empresários como incentivo da prefeitura a um turismo mais popular, o que segundo eles não é o objetivo do distrito.

Com relação à infra-estrutura em geral muitos pontos servem de crítica para os grupos em relação a prática da prefeitura em Lavras Novas. A ausência do poder público é recorrente nos

discursos e pode ser exemplificado pelo quadro abaixo onde identificamos o posicionamento dos grupos em relação a sua satisfação quanto à infra-estrutura local.

Quadro 4: Representações sociais dos grupos sobre a infra-estrutura local

Elemento analisado	Empresários ramo de hotel	Empresários ramo de alimentação vendas em g	Nativos Idosos	Nativos Jov	Nativos adu	Turistas
Água	“A gente tem um problema sério de abastecimento de água aqui.”	“A água aqui é sempre maior problema. Quando a cidade fica cheia, fica pior.”	“A água aqui é um fracasso.”	“É muito ruim já ficamos até oito dias sem água.”	“Aqui tem uma falta de água que é um problema.”	“Não tive problemas não.”
Esgoto	“Temos um problema sério com a contaminação dos cursos hídricos por esgoto.”	“É um problema sério da prefeitura. A rede principal daqui joga em algum lugar, geralmente é um rio.”	“Tá poluindo nossa água toda”	“Porque a rede de água não é tratada e o esgoto cai nascentes.”	“Ruim demais a rede de esgoto aqui é ruim demais.”	“Nem sei se a rede de esgoto não, acredito que não, que não tenha, mas era pra ter.”
Estrada	“A estrada é ruim porque não tem um serviço permanente de manutenção.”	“A estrada aqui é péssima ainda não tem um cuidado maior da prefeitura, fica pior.”	“A estrada é muito ruim, muito buraca.”	“A estrada é muito ruim a gente sofre com a estrada.”	“A nossa estrada é péssima, em época de chuva, então.”	“A estrada tá ruim né? Tá precisando de cuidado e manutenção. É rústica, mais eu acho assim, legal sabe?”

Fonte: Dados da pesquisa, 2011/2012

Selecionamos esses três itens porque foram os pontos que mais levantados como problemáticos durante as entrevistas e que seguiram certa padronização nas respostas. Mais uma vez o critério para a seleção das citações foi a frequência com que se repetiam nas entrevistas. A descrença em torno das ações dos órgãos públicos são marcantes nas repostas, com exceção dos turistas. As representações sociais entre os grupos se encontram quando o assunto tratado é a ação do Estado no distrito. No entanto, como podemos verificar no quadro 3, os imaginários se distanciam quanto às demandas de cada grupo social. Os turistas, embora apontem os problemas quanto à estrada, consideram que somente a manutenção do percurso seria suficiente para melhorar o acesso, representação da qual compartilham os empresários locais. Essas demandas estão respaldadas nos interesses de cada grupo social em relação ao

distrito de Lavras Novas. Já a população local vê necessidade do asfaltamento, visto que são eles quem utilizam a estrada no dia a dia para se deslocar. Água e esgoto são constantemente focos de problemas no distrito. Os turistas de uma forma em geral, não apontaram haver quaisquer dificuldades com os quesitos tratados, isso porque as pousadas em geral se localizam nas partes altas do distrito, salvo raras exceções, não sofrendo com o mau odor proveniente da contaminação dos cursos hídricos. Também os meios de hospedagem são abastecidos por caminhões-pipa em momentos de falta d'água, portanto, os turistas não são afetados diretamente por esses problemas. Foi entre os comerciantes e nativos que ouvimos as maiores reclamações com relação à contaminação dos cursos hídricos no distrito. Os nativos que habitam as partes mais baixas e próximas dos locais contaminados sofrem constantemente com o problema. A falta d'água é outra situação dramática para os nativos. Como pudemos verificar em uma das passagens citadas no quadro, alguns moradores chegam a passar oito dias sem ter água nas suas residências.

No sentido de entender como essa relação se constrói e o que ela representa em termos de conflitos entre os grupos sociais e a Prefeitura, questionamos o poder público sobre as demandas da população local quanto à infra-estrutura disponível no distrito de Lavras Novas. De acordo com as exposições dos entrevistados muitas são as demandas e a prefeitura tem trabalhado no sentido de atendê-las. Entretanto, o problema da inexistência de uma estação de tratamento de esgoto é geral no município não somente no distrito de Lavras Novas e a ausência de verba para projetos desse porte é um dos motivos que vem inviabilizando a ação da prefeitura. Quanto ao problema da água, um dos representantes do poder público mencionou que já está sendo construído um segundo reservatório de água no distrito que irá resolver o problema. Os nativos apontam, contudo, que a ausência de um curso hídrico que seja capaz de abastecer o reservatório o torna uma tentativa frustrada de solução do problema. Entre os grupos de empresários do ramo hoteleiro, os comerciantes e os nativos entrevistados entre o dito e feito com relação ao discurso dos órgãos públicos existe uma distância considerável.

4.1.4- O “Eu” e o “Outro”: as relações fronteiriças em Lavras Novas

Em Lavras Novas pudemos identificar a existência de fronteiras sociais claras estabelecidas entre os grupos que exploram o turismo no distrito. Os limites se estabelecem principalmente nas relações entre a população nativa e os proprietários dos meios de hospedagem. Em torno

dessas tensões giram tensões menores, em geral entre os empresários do ramo do comércio pela disputa por turistas e ainda entre a população local entre si, já que alguns membros se inserem mais rápido na lógica do turismo do que outros.

A zona de contato entre os nativos e o grupo de empresários do ramo hoteleiro se faz por meio de um contrato social estabelecido entre eles, onde cada uma das partes cumpre com o seu papel no campo social o turismo. Entre os nativos os proprietários das pousadas são identificados como autoritários e dominadores e que, portanto, subjugam a população local. A relação entre eles se dá primordialmente por meio da prestação de serviços dos nativos nos meios de hospedagem. Entretanto, a idéia de servidão ao ‘Outro’ muitas vezes cria um sentimento de perda do próprio espaço geográfico entre os moradores de Lavras Novas. O sentimento central se liga à idéia da perda do espaço e da história de vida, marcada pela venda de muitas propriedades para os “de fora” e ainda da perda do poder decisório quanto às ações que projetam o futuro do Distrito. Esse sentimento pode ser evidenciado no fragmento a seguir “*Eles vão acabar comprando Lavras Novas quase toda, porque a rua do campo eles já compraram quase toda. Vocês vão ver, vai comprar tudo.*” (Nativo F entrevistado em 18/10/2011).

Ao analisarmos as transformações na configuração espacial ocorrida na vida da comunidade identificamos que a população local perdeu parte da sua identificação com determinados espaços do distrito que acabaram por se configurar em novos territórios. O espaço não assume um valor prático somente, ele tem suas bases simbólicas fortalecidas em uma história de vida no lugar. Os dados nos mostraram que a perda desses espaços traz consigo uma reconfiguração das representações sociais quando esses locais passam a ser regidos pela idéia de ‘restrição’, da ‘interdição’.

No imaginário de alguns empresários locais em relação aos nativos também percebemos uma relação hostil. Os moradores locais surgem nas representações sociais ligados a palavras como “*fechados*”, “*atrasados*”, “*difíceis*”, “*desconfiados*”. Em uma das falas um entrevistado menciona que dialogar com o nativo de Lavras Novas é algo difícil de ser feito e que precisa de “*uma psicologia toda especializada*” (Proprietário de pousada B entrevistado em 11/12/2011) já que segundo ele, os nativos de Lavras Novas não aceitam opiniões externas.

Do outro lado, os nativos reclamam da perda da autonomia dentro do Distrito em função do aumento do número de pousadas e de empreendimentos ligados ao turismo que acabam por

ter muito mais voz ativa pela posição que ocupam no campo social e econômico do turismo. O poder atribuído pela posição social ocupada acaba por legitimar as ações em si mesmas de acordo com o que apontam os dados. Os entrevistados mencionam que as ações da Associação de moradores têm devolvido parte da autonomia ao nativo. A fala a seguir é um fragmento retirado de uma das entrevistas e demonstra essa relação de poder dentro do campo, que afirma que as ações da Associação estão “*incomodando os senhores feudais*”, como são por vezes tratados os empresários de fora do distrito.

O contraponto central nas relações sociais entre os grupos no distrito de Lavras Novas são as expectativas atribuídas por cada grupo social à atividade turística. As imagens construídas em volta da atividade criam espaços de poder no Distrito. As territorialidades são conduzidas por representações sociais distintas quanto à forma de apropriação da atividade turística no distrito o que orienta as representações dos grupos em relação ao ‘Outro’. A paisagem, a cultura, a história do distrito de Lavras Novas são também os ícones explorados pelo o turismo. É nesse ponto que os imaginários divergem. Enquanto os empresários investem nessa imagem para atrair um turista de alto poder aquisitivo, a população de Lavras Novas segue com a sua vida diária no seu espaço que é muito mais do que uma imagem a ser explorada, já que representa o seu espaço de vivência.

As entrevistas nos apontaram que embora haja uma convivência pacífica, que por vezes, é abalada por algum evento como as festas do Carnaval e do Réveillon, por exemplo, existem tensões no local. Isso porque as formas de apropriação da paisagem e das vantagens econômicas que dela surgem não são igualmente distribuídas pelos grupos. Percebemos, portanto, que essa relação “*de dentro*” e “*de fora*”, o “*eu*” e o “*outro*” é muito forte em Lavras Novas. O que se pode perceber com o auxílio das entrevistas é que os nativos são receptivos ao turista, entretanto, como um reflexo de necessidades econômicas. Uma das falas foi bem emblemática quando o entrevistado menciona que “*eu gosto do turista, mais ele bem longe de mim*” (Nativo entrevistado em 18/10/2011). Também outra fala é elucidativa nesse sentido, o entrevistado menciona “*eu trato bem, porque tem que trata, né? Senão ele não volta, mas tem que da uma distância deles*” (Nativo D, entrevistado em 16/10/2011).

Os empresários em geral também são chamados de turistas pelos moradores nativos. Essa frase mostra a clara relação instrumental que existe entre esses grupos. Por um lado, os empresários são necessários porque são os empreendimentos turísticos que geram empregos

no distrito, por outro, existe uma marca da separação quando percebemos que a relação entre eles é meramente comercial, voltadas para o mercado de trabalho, somente.

É comum que existam dissensos no interior de um grupo que partilhe a mesma base simbólica (JODELET, 2001). Em Lavras Novas também entre os nativos existem representações sociais conflitantes, isso porque aqueles que se inserem mais rapidamente na exploração da atividade, por vezes, apóiam interesses muito próximos dos defendidos pelos grupos dominantes, o que causa desconforto no seio da própria população local. Os atores que se apropriam da atividade turística de forma mais vantajosa acabam sendo vistos como parceiros dos empresários, ou como apareceu em uma das entrevistas, como *“farinha do mesmo saco”* (Nativo entrevistado em 17/10/2011), pessoas vistas como não interessadas no bem da comunidade em geral, mas nas vantagens individuais obtidas da atividade turística. Essa situação aponta que a coesão social, embora ainda muito presente no modo de vida de Lavras Novas, vem se fragmentando em função dos imaginários sociais da própria população local que passa a se dividir em torno da atividade.

4.1.5- O turismo: “a salvação da lavoura”

Trabalhar com representações sociais é mostrar que toda situação acaba por ter vários lados em função das possibilidades de interpretação. Na elaboração da realidade turística do distrito o conjunto de imaginários não apareceram distanciados entre os grupos entrevistados. Percebemos claramente representações sociais convergentes quanto à importância da atividade para o distrito.

A expressão *“a salvação da lavoura”* (Nativo E entrevistado em 17/10/2011) foi mencionada em uma das entrevistas quando buscávamos pela estruturação de representações sociais positivas do turismo. A ironia por trás dessa expressão fez com que optássemos por abrir as discussões com ela. ‘Salvar a lavoura’ pode ser usado em diversos contextos e nesse caso não faz referência à agricultura, aí está a ironia se considerarmos o sentido literal da expressão. A atividade turística foi um dos eventos que afastou a população de Lavras Novas da agricultura, já que *“as pessoas deixaram de plantar hortas, para plantar casas”* (Nativo B entrevistado em 14/10/2011). A sabedoria popular vem, por meio da expressão *“salvar a lavoura”*, fazer referência ao passado de restrições vivido no distrito, quando muitos dos habitantes tinham que deixar o lugar em busca de trabalho, situação que veio a ser resolvida com a implantação do turismo. A expressão representa, por assim dizer, um ganho diante do

inesperado de um fato, a solução para um problema emergencial. Assim é visto o turismo no distrito entre os muitos grupos que dele vivem. Notadamente, o imaginário social se ancora nos benefícios que a atividade trouxe.

As entrevistas salientam as vantagens econômicas que aparecem ligadas aos vocábulos “*emprego*” e “*renda*”. Todas as entrevistas destacam que o turismo movimentando a economia local, é economicamente importante, promove o desenvolvimento e, por isso, os turistas são bem vindos pelo retorno financeiro que dão ao distrito. As representações sociais em torno da atividade reforçam a idéia de que o turismo é a saída econômica para o distrito de Lavras Novas. Portanto, não há discordâncias entre os grupos quanto à existência da atividade em si.

Mesmo entre os idosos, os mais incomodados com as modificações, existe um consenso quanto à necessidade da atividade para a sobrevivência do distrito. As representações se afastam, contudo, é na forma de apropriação do espaço para o turismo. Enquanto os empresários de uma forma geral buscam por criar uma imagem de Lavras Novas que garanta a sustentação dos imaginários sociais sobre o que seria a ruralidade, os nativos constroem em seu conjunto simbólico uma representação do distrito enquanto espaço de vida.

Tal discrepância cria confrontos de entendimento de mundo e esses universos simbólicos distintos passam a disputar a hegemonia das representações em jogo. Especialmente nesse ponto há uma discordância nas representações quanto aos objetivos do turismo no distrito. O contra senso se apresenta de forma mais clara principalmente na opinião dos grupos quanto ao perfil dos turistas que deve frequentar Lavras Novas. Esse perfil é aceito ou questionado com base na imagem que cada grupo assume para o distrito. Por um lado, os proprietários dos grandes meios de hospedagem e dos serviços de alimentação e compras têm preferência por um perfil mais elitizado de turista por ser esse público aquele que mais consome o que esses grupos têm a oferecer. Por outro, os nativos demonstraram preferir um perfil de turista menos abastado, que é aquele que utiliza os serviços oferecidos pela população local. O trecho que segue representa esse posicionamento.

Olha, a gente gosta de turista, mas esses turista rico que vêm de Belo Horizonte, eles fica tudo em pousada. Eles não aluga nada de nativo não. A gente entende porque as pousada tem mais coisa, né? Então eles prefere as pousada porque lá é melhor. A gente aqui não tem muito luxo não. É mais simples. (Nativo F, entrevistado em 18/10/2011)

As divergências nas representações em torno do perfil de turista são profundas. Pelo que se pode verificar da fala anterior, o turista que se hospeda em pousada, o chamado turista educado, não se converte diretamente em uma fonte de renda para a população nativa que geralmente possui pequenas suítes para aluguel. Também os comerciantes se encontram divididos nessa questão. Os proprietários de mercearia consideram que um perfil de turismo mais elitizado é prejudicial para o distrito, tendo em vista que essas pessoas não consomem produtos alimentícios a serem preparados. Em geral, são aqueles que se hospedam em casa de aluguel que acabam consumindo mais produtos de mercearia. Já os proprietários de lojas de artesanato, assim como dos meios de hospedagem, têm nítida preferência por um público com poder aquisitivo mais elevado. Um dos comerciantes reclamou da queda do poder aquisitivo do turista que visita o distrito, a qual ele atribui às ações dos próprios nativos que encaminharam o distrito para essa realidade.

Também verificamos que o perfil do turista varia de acordo com o período de visitação. Assim, principalmente os comerciantes mencionaram ser o período de frio aquele mais vantajoso para as vendas. Ao contrário, o verão é representado por esse grupo como atrativo para público de baixa renda que visita o distrito para beber e se divertir nas cachoeiras. O trecho da entrevista abaixo ilustra bem essa passagem.

Aqui a melhor época pro artesanato aqui é a época de frio. Época de frio sabe? Porque vem muita gente, de um ritmo melhor, que gosta de tomar um bom vinho. Essa época do calor pra mim não é muito boa não, vem mais gente pra curtir as cachoeiras é mais meninada né? Mas é tranquilo. Nos vamos levando. (Comerciante D entrevistado em 16/10/2011)

Também períodos de festas como Carnaval e Réveillon são citados pelos comerciantes e alguns empresários do ramo de hospedagem como momentos onde a visitação deixa a desejar, tendo em vista que atrai um público de menor poder aquisitivo que, segundo eles, não acrescenta nada ao distrito. O fragmento abaixo foi extraído de uma entrevista e é elucidativo da colocação acima.

Mas é igual eu to te falando, é o turista em si, é qual é o turista que tá vindo pra cá? É o pessoal de Ouro Preto, Mariana, Itabirito, esse pessoal daqui de mais próximo que vem aqui, igual Ouro Preto não tem réveillon ai vem pra cá. Eles deixam muito lixo. Eles deixam muita bagunça, entendeu? Então é por causa disso. Réveillon eu morro de raiva daqui no réveillon. Eles fazem muita bagunça. Já armaram tenda da janela da minha loja pra baixo. Você vê que a polícia não dá conta também. Então, réveillon é uma festa que eu não gosto. (Comerciante C, entrevistado em 15/10/2011)

Embora a atividade turística esteja ancorada na idéia de progresso econômico, existe no conjunto das representações certo entendimento de que os avanços destroem determinados aspectos da cultura local. Essa colocação foi bastante forte entre os grupos. Os nativos de Lavras Novas são aqueles que mais apontam os elementos negativos provenientes da atividade, visto que comerciantes e empresários na sua maioria não vivem no lugar e acabam por não sofrer cotidianamente com os problemas. Sobre a dinâmica da atividade a perda de autenticidade da cultura é um dos elementos que mais aparecem nas falas. Isso em função de uma falsa imagem que é criada em torno de um mundo de faz de contas para agradar o turista. Uma dessas situações é a descaracterização do artesanato e também da arquitetura local. As mudanças na paisagem do distrito são visíveis; são raros os espaços que não sofreram modificações. *“Então, eu construí a minha casa aqui e eu tentei manter a arquitetura, mas você pode ver que tem casas de dois andares pra todo lado aqui. Tá mudando muito a característica daqui”* (Comerciante D, entrevistado em 16/10/2011). Na fala seguinte outro entrevistado menciona *“(...) porque ali pra cima tem obra de tudo quanto é jeito. Lá pra cima tem dois andares beirando a rua.”* (Comerciante E, entrevistado em 17/10/2011)

Outro ponto muito polêmico na relação das populações locais com o turismo é a disseminação de valores tidos como prejudiciais que promovem mudanças nos costumes e valores da população local, principalmente entre os jovens. O rompimento com as tradições foi um dos pontos mencionados pelos entrevistados. Problemas advindos da influência dos turistas sobre os jovens lavranovenses são elementos que marcaram as conversas. Os entrevistados foram categóricos em afirmar que os jovens do lugar não sabem se comportar diante do novo, do diferente e acabam por confundir posições sociais querendo assumir uma forma de vida que não é a deles, a vida do turista. De acordo com as entrevistas, diante de uma intensa gama de novas possibilidades que se abrem para os jovens, seus sistemas de referência sofrem modificações mudando, assim, o foco dos seus interesses. A cultura do turista passa a ser internalizada, assim como parte dos seus hábitos de vida. Um comerciante entrevistado aponta as mudanças no posicionamento dos jovens as quais ele atribui ao contato com o turista. De acordo com ele,

(...) a onda agora é tirar carteira de carro, todo mundo quer tirar carteira de carro. É a regra né? Você forma no colégio, fez 18, tem que tirar carteira. Porque aqui é assim, casa, tem filho, vai viver a vida, aposenta, mas tem que tirar a carteira, porque a carteira é a regra. Não tem carro, e nem sabe se vai ter, mas tem que ter carteira (Comerciante D, entrevistado em 16/11/2011).

Em outra passagem o entrevistado menciona “*Os nativos estão interessados em trabalhar lá na pousada pra comprar o celular que a filha quer, o último, o top*” (Comerciante C, entrevistado em 15/11/2011). Outro fragmento é elucidativo nesse sentido

(...) os jovens daqui já tão se sentindo muito influenciados. Eu vejo que tá tendo uma onda de droga que já tá tendo no distrito, os jovens já tão influenciados. Eles querem se divertir como os meninos de Belo Horizonte, fazer o que eles fazem. Você vê poucos jovens participando da cultura do lugar. Aqui tem uma cultura muito viva, muito rica assim, deles fazerem as procissões deles, de participarem da folia de reis, então, tem uma cultura viva. E os mais novos já têm vergonha, porque já tem turista e o rapaz que tá com a menininha lá que não tá acostumada com isso e ele acha que vai fazer feio na frente dela. A menina a mesma coisa. (Proprietário de pousada C, entrevistado em 10/12/2011)

Foi também comparando as falas dos jovens com a dos adultos e idosos nativos de Lavras Novas que foi encontrado um elemento importante que aponta para uma mudança de representação em torno das relações de trabalho no distrito entre as diferentes gerações. Para aqueles que sofreram no passado com a escassez de recursos de toda ordem, os empregos oferecidos pelo empreendimento turístico em Lavras Novas é suficiente e satisfatório. Em geral essas falas apareceram nas entrevistas com os adultos e com os idosos. Já os jovens possuem uma postura muito diferente. Entre os cinco jovens entrevistados, quatro estudam no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) em Ouro Preto no curso de metalurgia, o que facilmente explicado pela importância da atividade metalúrgica na região. Foi interessante perceber que entre os jovens entrevistados nenhum mencionou interesse pelo curso de Turismo e Hotelaria oferecido em Ouro Preto. As representações sociais desse grupo em relação ao nível de emprego no distrito aparecem ligadas a elementos como “*baixos salários*”, “*faxina*”, “*limpeza*”, “*recepção*”, “*cozinhar*”, “*garçom*” e “*serviços gerais*” o que não atende às pretensões profissionais dos entrevistados. Para os jovens, por exemplo, que possuem outras pretensões salariais e mesmo de atuação profissional, a possibilidade de continuar no distrito é cada vez mais remota. Todos os entrevistados pretendem fazer curso superior na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e entre os cursos mencionados está Engenharia de Produção e Engenharia Metalúrgica. Com tais expectativas eles esperam ter oportunidades de trabalho que acreditam não serem oferecidas no distrito. Um dos entrevistados é enfático ao dizer que os jovens nativos possuem interesses profissionais além dos oferecidos pela atividade turística em Lavras Novas. A passagem abaixo foi extraída da entrevista de um dos jovens.

Ah eu, igual eu to fazendo metalurgia no CEFET, eu quando eu entrar na universidade eu pretendo formar em engenharia metalúrgica. E depois eu pretendo trabalhar fora daqui, sabe? Mesmo pra eu conhecer um pouco os outros lugares, ter um pouco mais de independência, eu pretendo trabalhar fora daqui. (Jovem nativo A, entrevistado em 16/10/2011)

Também outro entrevistado mencionou o seu desinteresse em trabalhar no distrito. Na fala ele menciona “(...) *eu pretendo fazer metalurgia que é uma coisa que eu gosto também, pra eu poder viajar o mundo e conhecer diferentes lugares não só aqui. Eu vou sempre vir aqui, mas vou trabalhar em outro lugar*” (Jovem nativo, entrevistado em 15/10/2011). Essa informação é muito importante se pensarmos em termos da permanência desses lavranovenses no seu distrito de origem. Isso porque um espaço sem possibilidades de emprego e renda da forma como esse grupo almeja acaba por empurrá-lo para a busca por empregos em outros lugares. Questionado sobre o assunto, o poder público informou fazer cursos de capacitação da mão de obra no distrito, o que favoreceria a entrada desses jovens no campo social do turismo. Entretanto, ao que tudo indica, essa ação não tem sido suficiente para despertar o interesse dos jovens lavranovenses em permanecer no lugar. Na tabela abaixo vamos apontar as representações sociais quanto a atividade turística entre os diferentes grupos sociais. Retiramos das entrevistas representações positivas e negativas a respeito da atividade no distrito.

Quadro 5: Turismo e representações sociais

Grupos	Favoráveis	Não-favoráveis
Nativos jovens	“O turismo é bom porque trouxe muito emprego aqui pra rua e melhorou a vida também.”	“O lado ruim é que eles [os turistas] pra cá e quer mandar aqui.”
Nativos Adultos	“Ah, o turismo é muito bom, porque agora todo mundo tem emprego, ninguém precisa sair daqui pra trabalhar fora não.”	“Olha, o negativo do turismo é que a gente perde a liberdade da casa da gente. Tem muita gente andando o dia todo por aí e a gente não sabe quem é de onde que veio.”
Nativos Idosos	“Ah é bom né, porque hoje as menina nova, os homem casado não precisa sair pra trabalhar em outro lugar. Agora tem emprego pra todo mundo que quiser.”	“Aqui agora tem muita droga que antes não tinha, tem muita beberreira [bebedeira] e muita bagunça.”
Empresários do ramo hoteleiro	“O lado positivo do turismo são os benefícios que ele trouxe aqui pro distrito. Se você fosse comparar, é o distrito mais desenvolvido do Ouro Preto.”	“Eu acho que o lado negativo do turismo são as mudanças que ele traz pra cultura local. Você pode ver que aqui em Lavras Novas as pessoas mudaram muito nesse tempo.”
Empresários do ramo alimentício vendas em geral	“Positivos (...) os benefícios que ele traz pra os moradores, o emprego que ele traz, porque se não tivesse o turismo aqui mais da metade da população estaria desempregada. Outro ponto positivo é a modernidade, porque senão ficamos muito atrasado, a mentalidade das pessoas aqui ainda é um pouco fechada. Com o turismo começa a abrir, até os meninos mais novos.”	“O lado negativo são os turistas que pra cá e trazem o meio deles junto, as caixas de som com música alta, música vulgar, essa bagunça na rua.”
Turistas	“Eu acho que emprego e renda é o fundamental do turismo.”	“O lado negativo é a falta de estrutura muita vezes.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2011/2012

O que temos acima é o conjunto dos imaginários sociais em torno da atividade turística no distrito de Lavras Novas. No somatório das representações, percebemos que a atividade, embora tenham sido levantados muitos pontos negativos, apresenta um valor final positivo entre os grupos. Os pontos negativos criam posicionamentos divergentes, mas que não tocam a questão do existir ou não do turismo no distrito. Essa é uma questão resolvida entre os grupos. Os confrontos de representações se norteiam por modos distintos de exploração da atividade. Algo sobre o que falaremos mais especificamente no próximo capítulo do nosso trabalho.

Capítulo 5

Representações sociais: tensões ambientais em movimento

Nesse capítulo partimos para a etapa interpretativa das questões apresentados no início do nosso trabalho procurando mostrar os resultados encontrados em campo juntamente com o marco teórico que nos orientou nos levantamentos. A nossa proposta se volta para a análise dos processos simbólicos que ocorrem na interação entre os grupos que exploram a atividade turística no distrito de Lavras Novas que sejam responsáveis por gerar tensões ou conflitos entre os grupos envolvidos.

De imediato, apontamos que o principal foco de tensões ambientais perceptível nas representações sociais dos grupos entrevistados foi identificado entre a população nativa e os empresários do ramo hoteleiro. Em torno delas conseguimos mapear tensões menores que não orientam significativos questionamentos da ordem atual do espaço geográfico de Lavras Novas. Não foram identificados tensões entre os turistas e o poder público, o que já era de se esperar tendo em vista que os turistas estando no lugar de passagem, não se voltam para os problemas que afetam o cotidiano do local. Da mesma forma, não identificamos contendas mais graves entre os empresários, somente pequenos desconfortos em relação à competição de mercado. Quanto aos empresários e o poder público, a relação parece meio estremeçada em função de acontecimentos que mudaram a ordem das coisas no distrito nos últimos dois anos, algo sobre o que falaremos mais especificamente nas discussões que seguem. Entre a população nativa de Lavras Novas e poder público também existe um conflito de representações em função das demandas sociais do distrito que na opinião dos moradores não têm sido atendidas. Também trataremos dessa questão mais detalhadamente ao longo desse capítulo.

Quando diferentes grupos se apropriam de um mesmo espaço orientados por visões distintas do mundo pode ocorrer uma disputa pela representação legítima da paisagem. Essa interpretação, contudo, não ocorre em um vazio social, mas em um determinado contexto (ALMEIDA JR., HOEFFEL E QUEDA, 2008) e envolve atores sociais que possuem anseios e expectativas ancorados em universos simbólicos, crenças e valores. Diante da gama de

racionalidades relacionadas com a exploração da atividade turística em Lavras Novas é que o distrito se mostrou um campo fértil em termos empíricos para a análise de diferentes visões de mundo, idéias, valores, significações e projetos de vida. São esses elementos que orientam as ações sociais e por ser assim, alimentam as disputas pelas representações travadas na busca pela hegemonia do imaginário social.

Iniciaremos as discussões levantando a importância das representações sociais para o entendimento do mundo a nossa volta e ainda mais, para o entendimento dos grupos sociais e suas motivações. Partimos do pressuposto de que formas distintas de concepção de um mesmo território podem orientar apreciações conflitivas com relação à apropriação do espaço. É por essa razão que optamos por trabalhar com a Teoria das Representações Sociais para responder as nossas questões sobre as tensões ambientais em Lavras Novas. Durante um longo período e, porque não dizer, ainda nos dias de hoje, a reflexão sobre as origens dos fatos estudados deixou de ser um elemento importante em muitas análises acadêmicas. Assim como vem acontecendo com muitas áreas do conhecimento científico, grande parte dos debates sobre a questão ambiental não busca a reflexão sobre as origens dos problemas. É por esse motivo que os estudos em torno da problemática vêm deixando de lado a elaboração dos imaginários sociais sobre o ambiente. Por conseqüência perde espaço a importância de se colocar objetos reais sobre diferentes prismas de forma a evitar que se descontextualizem os problemas ambientais das ações humanas que os provocaram. Esse descompasso entre o conhecimento sobre o fato e as suas origens humanas evita efeitos indesejáveis a certos interesses sociais. Entretanto, os problemas ambientais na atualidade nos colocam diante da difícil tarefa de fazer a “travessia” em busca do rompimento com um imaginário social que coloca em dissonância sociedade e natureza.

A crise da sociedade urbano-industrial tem conformado uma ordem discursiva que volta seu olhar para a proteção da natureza. Apesar do modismo ambiental que povoa os mais diversos discursos sociais, e em conseqüência, o do Estado, pouco se vê efetivamente em termos de ações verdadeiramente voltadas para esse fim. Estamos colocando essa situação para o leitor por acreditarmos na necessidade de contextualizarmos a situação encontrada em Lavras Novas, antes de partirmos efetivamente para a discussão dos dados. Precisamos nesse sentido, retomar sucintamente alguns pontos já levantados nos capítulos anteriores.

Vivemos atualmente uma reconfiguração dos espaços, muitos deles assumindo novas formas resultantes de suas novas funções. Essa outra faceta assumida pela base espacial se manifesta

também no espaço rural, onde as atividades agrícolas perdem cada vez mais importância abrindo espaço para atividades diversas do setor terciário, antes típicas das áreas urbanas. Vivemos um momento de resgate da visão de Natureza e ambiente e nesse resgate, o rural é (re) valorizado assumindo novas representações, e junto a elas, novas formas e funções. Os adjetivos ‘natural’, ‘verde’, ‘sustentável’ agregam novos valores ao espaço rural. Há uma tendência de retorno ao campo por parte dos cidadãos cansados do estresse das grandes cidades, da pressão do dia-a-dia, do ambiente artificializado, dos muros de concreto dentro dos quais vivem. Esse turista se desloca para o consumo de espaços com a imagem de natural, de paz, de rompimento com uma rotina diária nesses grandes centros. No mundo da artificialização, do concreto, da informatização, esses espaços representam a ‘autenticidade’ que é vista como antônimo da vida na cidade grande.

Nesse contexto, a paisagem rural se torna um recurso turístico (SOARES, 2007) e o turismo, uma política pública, na tentativa de promover a territorialização do capital no campo. A atividade turística no meio rural tem se constituído em uma das principais políticas públicas em âmbito nacional para o campo. Em Minas Gerais, a fragmentação da macropolítica nacional de turismo é representada por percursos e caminhos representativos das belezas e da história do estado. A Estrada Real, circuito onde está inserido o distrito de Lavras Novas, é uma das fragmentações do Plano Nacional do Turismo (BRASIL, 2003). Sobre a Estrada Real repousa um conjunto de representações que conjugam belezas naturais e história e como reflexo da historicidade as memórias sobre a mineiridade, ou seja, o jeito de ser mineiro.

Todo esse aparato serve de pano de fundo para o processo de turistificação ao longo do percurso e, por consequência, a construção de uma identidade territorial em torno da Estrada Real. Para tanto torna-se necessária a criação de signos e símbolos que instituem uma nova semântica em torno desse recorte do espaço geográfico, reorganizando-o e criando territórios por meio de novas interpretações e formas de apropriação das paisagens.

Assim discursos são difundidos e cenários são criados. Com a Estrada Real temos um processo contemporâneo de valorização de uma identidade territorial que se expressa em paisagens, objetos, expressões intangíveis do patrimônio cultural sob a bandeira do pertencimento a um universo simbólico. Esse modo de apropriação cria uma refuncionalização do espaço incorporando algumas características desse novo território à esfera do consumo (PAES, 2009) e modificando outras para que se enquadrem no imaginário

social (re) criado. Trata-se de um processo de valorização que incorpora novos usos ao território criando outras formas e funções para esse espaço.

O turismo por ser um produto cujo consumo se realiza no local de produção, carrega consigo certos riscos para a localidade visitada. A falta de planejamento da atividade turística traz uma série de impactos para essas comunidades. Entre elas podemos levantar as principais encontradas no distrito de Lavras Novas como a especulação imobiliária crescente, a desarticulação na ocupação do espaço, a poluição sonora, o aumento do lixo e da violência, a degradação do meio ambiente e ainda, a mudança na cultura local (ALMEIDA JR; HÖEFFEL & QUEDA, 2008). Desses problemas resultam questões mais amplas que não tocam somente o campo social do turismo. A problemática central esbarra na visão de Natureza que impera na sociedade moderna industrial e que desloca de sentido a correspondência sociedade/natureza construída em cima de uma relação desarmônica do homem com o meio natural. Essa dicotomia embasa o modelo do desenvolvimento hegemônico apoiado em representações de uma Natureza passível de ser apropriada em sua plenitude. É devido às relações alienadas das sociedades com a natureza que se deflagram os problemas ambientais atualmente existentes. Atualmente, cada vez mais pessoas procuram espaços naturais como forma de fuga, respaldadas em discurso ambiental que faz ressurgir a idéia de natureza pautada nas representações de falta e escassez. Essa ordem discursiva acaba por alimentar o imaginário dos grupos que procuram romper, temporária ou definitivamente, com a vida nos grandes centros urbanos se voltando para o rural como espaço ideal de vida. Lavras Novas, como um distrito rural, atende àqueles que buscam pelo distanciamento dos grandes centros urbanos.

Se por um lado a busca pelo contato com a natureza é interessante como alternativa para de vida para esses grupos, por outro promove interferências nos projetos de vida de populações que passam a, repentinamente, conviver com um número elevado de indivíduos com características culturais bastante diversificadas. O vai e vem de turistas promove não somente trocas econômicas, mas também simbólicas, levando a um processo de aculturação e comprometimento da identidade local. Além disso, entre as marcas impressas pelo turismo na paisagem desse “novo rural brasileiro” (SOARES, 2007) estão os impactos ambientais causados pela atividade que cresce desordenadamente pelo campo. Vale ressaltar ainda, que o turismo, ao colocar em contato diferentes grupos e seus *habitus* diversos, por vezes, favorece

a relação entre interesses controversos em torno do meio ambiente, o que nem sempre ocorre de forma harmônica.

Embora o turismo se constitua em uma política pública é a iniciativa privada quem mais tem colhido os seus frutos. Na maioria das vezes são os grupos neo-rurais aqueles a se apropriarem das vantagens econômicas geradas pela atividade no meio rural (SOARES, 2007). Isso porque entre estes grupos e população local geralmente existe uma expressiva segmentação não somente em termos de renda, como também de conhecimento, competências, aptidões etc. Tais fatores diferenciam os segmentos exploradores do turismo em função das atividades que cada grupo social empreende, configurando assim uma relação de poder no campo social. O entrecruzamento de grupos sociais diversos - os rurais e os não-rurais – coloca em diálogo propostas distintas para o campo. As representações dos grupos “de fora” por vezes entram em conflito com as visões de mundo locais e vive-versa. Esse entrecruzamento de pessoas e idéias coloca em cena jogos de poder que envolvem não somente o contato entre imaginários sociais distintos, mas também entre diferenças significativas de capital em relação aos agentes que atuam no território.

Tratar dos conflitos resultantes da apropriação diferenciada dos recursos naturais não se constituiu em uma tarefa fácil em Lavras Novas. Isso porque as tensões que envolvem a exploração da atividade criam certo receio e mesmo incômodo por parte das pessoas em responder determinadas questões vistas com desconfiança pelos grupos envolvidos. Logo, entender a relação entre a aparência e o real, isto é, fazer a ponte entre as representações sociais sobre o turismo e sobre os grupos sociais envolvidos na construção da paisagem local e a realidade como se apresenta foi um grande desafio para o nosso trabalho.

Muitas vezes, durante as conversas, não ficava evidente a existência de tensões entre os grupos. Em muitos dos nossos levantamentos os sujeitos se colocavam em um território neutro evitando as informações que pudessem revelar um mal-estar entre eles. Por vezes tivemos a impressão de que os atores não queriam se comprometer por meio das suas falas o que os levava a manipular as respostas. Foi bastante comum ouvir dos entrevistados “*Isso que eu to falando tá gravando?*”. Talvez para um pesquisador despercebido tal questionamento não viesse a ter grandes significados. Contudo, o receio de ter uma fala gravada que pudesse vir a chegar ao conhecimento dos ‘Outros’ é, para nós, um claro indício de desavenças entre os grupos. Mesmo que essa colocação viesse a apontar uma desconfiança em relação à pesquisadora, essa situação da mesma forma aponta para um receio de que as informações

fornecidas pudessem vir a ser publicadas. Essa situação, no entanto, já era esperada e é perfeitamente compreensível quando entendemos que o turismo, como mencionado com unanimidade nas entrevistas, é a fonte primordial de renda para a maior parte da população que vive em Lavras Novas. Dessa forma, é normal que os grupos não queiram se indispor entre si.

Assim, para chegarmos a mapear as tensões entre os grupos em Lavras Novas precisamos de uma maior intimidade com os entrevistados. Digamos que a palavra ‘conflito’ não povoa de boas representações o imaginário social dos grupos o que dificulta a abertura para falar do assunto com uma pessoa estranha. As tensões efetivamente existentes somente foram identificadas por meio das entrevistas com os nativos e os comerciantes, que permitiram uma maior aproximação da parte do pesquisador. Nas entrevistas com os proprietários de pousadas as tensões apareceram, porém de forma mais contida, ponderada. Ressaltamos que esse mapeamento somente foi possível pela relação de amizade construída com determinadas pessoas, em geral nativos e um comerciante. O contato mais intenso gerou certa confiança por parte delas em nós.

Também muitas das representações que construímos em torno do Distrito de Lavras Novas se deram embasadas em conversas informais e observações, embora tais ferramentas não tenham se constituído em parte da metodologia adotada. As tensões que conseguimos verificar foram observadas também no conjunto de vivências dia a dia no distrito com os grupos, nas conversas paralelas entre nos atores e nas formas de socialização em geral entre nós e os grupos de nativos e comerciantes. Não tivemos muito acesso às pousadas, dado que muitos dos seus proprietários não visitam freqüentemente Lavras Novas. A abertura junto a esse grupo foi muito pequena e por mais que tentássemos a aproximação não foi possível.

As relações de poder que se estabelecem em torno da atividade turística em Lavras Novas é o motor para as tensões sociais entre os grupos. É por trabalharmos com essas relações de poder que vamos iniciar as nossas discussões partindo do conceito de campo social de Bourdieu a partir do qual estamos entendendo a atividade turística. Como discutimos no capítulo 2 desta dissertação, o campo social é uma estrutura formada por um conjunto de posições hierárquicas ocupadas pelos atores sociais. O campo social está envolvido em um jogo de poder constante entre os grupos que buscam alterar ou manter as relações sociais inalteradas dentro da estrutura. Para que o sujeito ocupe um espaço no interior dessa estrutura é necessário conhecer as regras do jogo e estar disposto a participar delas. As regras são ditadas

pela acumulação de capitais que são específicos para cada campo. No campo do turismo, assim como em qualquer outra estrutura, o acúmulo dos capitais sociais nos termos defendidos por Bourdieu (2008) se faz central para definir se um ator ocupa posições ortodoxas ou heterodoxas no interior do campo. A colocação pode ser visualizada na relação de poder que se estabelece entre as pousadas no local e no status que advém da propriedade de um meio de hospedagem, posição claramente reconhecida como o topo da hierarquia do campo. O campo social de Bourdieu é, como se pode perceber, uma estrutura assentada em relações de poder. Em Lavras Novas os espaços de poder estão por todos os lados e conformam territorialidades entre os grupos sejam as pousadas, os comerciantes, os turistas e os nativos. Isso pode ser verificado na própria configuração espacial que separa em determinados pontos dos distritos os espaços das pousadas e os espaços dos nativos.

Os diferentes olhares que se voltam para um espaço, no nosso caso, Lavras Novas, são motivados por *habitus* distintos de vida. Entre os grupos temos representações sociais distintas embasadas em textos e contextos sociais diferentes (GEERTZ, 2008). A tensão desponta, nesse caso, quando esses diferentes imaginários entram em disputa pela representação legítima da organização social do distrito. Como bem aponta Bourdieu (2008), é a ortodoxia, a classe dominante das relações no interior do campo, quem detém a autoridade das representações sociais em Lavras Novas em relação ao campo social do turismo. Como já se poder perceber, o grupo constituído pelos proprietários dos meios de hospedagem principalmente representa a força do turismo sendo, portanto, reconhecidos enquanto tal. Entretanto, elementos nos discursos dos moradores, nos apontaram que até cerca de dois anos atrás os grupos ortodoxos, aqueles que ditam as regras no campo social do turismo em Lavras Novas, possuíam influência política, quanto econômica e cultural no distrito muito maior que a atual no distrito. Embora ainda exista grande domínio por parte desse grupo, a situação vem se modificando com a criação da Associação de Moradores que, segundo posições dos entrevistados, tem buscado devolver a autonomia do distrito aos nativos.

Também Cordeiro (2008) detectou que a classe dominante em Lavras Novas é aquela detentora dos meios de exploração da atividade turística e, assim sendo, detém o poder e impõe ao restante da população seu modo de pensar. Tal constatação, com a qual corroboramos por termos dados empíricos que a comprovam, nos permite mostrar ao leitor a nossa primeira descoberta em campo, isto é, a fragmentação do distrito em a 'Lavras Novas para o "de fora"' e a 'Lavras Novas para o nativo' o que configura duas territorialidades

diferentes. O que verificamos, principalmente, é um conflito sobre a apropriação simbólica do Distrito, que coloca em disputa universos distintos, subjetividades estanques configurando assim zonas de disputas de poder.

Como parte da definição do próprio campo social em Bourdieu, as posições hierárquicas são intrínsecas à estrutura do campo. Também no turismo existem posições sociais definidas na estrutura organizacional. Os nossos dados apontaram para uma tensão existente, portanto, entre uma ortodoxia dentro do campo, a qual ditaria as regras e controlaria a atividade turística e um grupo heterodoxo, que discorda das representações sociais que imperam na ordem do campo. Os grupos dominantes entendem o espaço de Lavras Novas como um produto turístico que precisa se apresentar com as características valorizadas pelos turistas que buscam pelo lugar. Vale aqui fazer uma diferenciação do perfil de turista que se hospeda nas pousadas daqueles que se hospedam em suítes alugadas dos nativos. Em geral, o público que prefere a hospedagem em pousadas é economicamente mais abastado, ao contrário daqueles que optam pelas suítes de nativos. O turista mais abastado, como apontaram os dados, tem seu imaginário alimentado por elementos como “beleza”, “paz” e “tranquilidade”. O que se converge em tensões entre os grupos são, portanto, as ações heterodoxas que rompem com esse imaginário e que se tornam elementos de confrontação entre os grupos. Podemos citar entre elas as festas que têm ocorrido no distrito, como Carnaval e Réveillon, música alta em carros dos nativos, pessoas que se reúnem para beber na rua, etc.

Há a produção de um sistema simbólico em torno da atividade turística que separa claramente os grupos. O imaginário daqueles que exploram a atividade como fonte de lucro, como por exemplo, os empresários do ramo hoteleiro, está calcado na funcionalidade do turismo que precisa de um meio apropriado para a sua existência, daí a construção de uma imagem do distrito que atenda as demandas dos turistas. Também entre os comerciantes encontramos esse conjunto de representações do espaço geográfico, mas que se ancoram ainda na procura por um espaço calmo e tranquilo onde montar um negócio. Já os nativos vivem de um turismo mais popular, isto é, de pessoas que buscam pelas cachoeiras, pelos passeios ecológicos e pelas acomodações mais baratas. Assim, os interesses desse grupo diferem do posicionamento adotado pelos proprietários das grandes pousadas e ainda parte dos comerciantes em geral, que de acordo com os resultados das nossas entrevistas, recebem hóspedes que procuram o lugar muito mais pela tranquilidade representada pela natureza de Lavras Novas do que pelo contado com o meio natural em si. Essas pessoas buscam pela idéia de bucólico que o distrito

transmite; um lugar onde se possa descansar do estresse dos grandes centros, representações que divergem do outro grupo de turistas, aquele que geralmente se hospeda em suítes alugadas de nativos. É claro, não estamos categorizando pessoas, nem criando “gavetas” para colocá-las. Sabemos que entre um grupo e outro sempre existirão aqueles que transitam entre um interesse e outro. O que encontramos, portanto, é a indicação de um conjunto de representações que apontam para ideais distintos, anseios e interesses diversos na busca pelo distrito entre perfis diferentes de turistas.

Nas entrevistas com os nativos pudemos observar posicionamentos mais heterodoxos, subversivos. É claro, parcela dos entrevistados adota estratégias de conservação da situação atual defendendo as mesmas idéias dos grupos que ocupam posições do topo da hierarquia do campo, tais como a associação de Lavras Novas à história de Minas Gerais e a construção de uma imagem para o distrito que atenda aos interesses do turismo. Em uma das entrevistas as estratégias adotadas por parte dos nativos apontam tensões entre a própria população local em função da discordância dos posicionamentos quanto à apropriação espacial para o turismo. Assim, o entrevistado coloca que *“As únicas pessoas daqui que tem acesso com os turistas [donos das pousadas] é tudo farinha do mesmo saco, só muda a cor da pele”* (Morador entrevistado em 17/10/2011). A expressão idiomática *“farinha do mesmo saco”* faz referência a um grupo de pessoas com interesses comuns. Nesse caso o entrevistado menciona um conjunto de ações que não são aceitas pelo grupo heterodoxo, isto é, um comportamento que é reprovável na visão de uma parcela da população. Entre as ações e comportamentos questionados são, sobretudo, as festas realizadas no distrito em datas comemorativas como o Carnaval e o Réveillon. Nessa passagem o que o entrevistado nos aponta é que entre os nativos existem aqueles que se posicionam do lado dos chamados “de fora”. É interessante mencionar que mesmo os donos de pousadas são tratados como turistas no distrito pelos moradores nativos. Outra passagem importante é a colocação *“só muda a cor da pele”*, isso porque se lançarmos mão do fragmento de outra entrevista veremos que a expressão faz referência ao nativo que segundo o entrevistado se volta para o lado do empresariado. Assim, segundo outro nativo (entrevistado em 15/10/2011), *“(...) em Lavras Novas se é loiro dos olhos verdes pode tudo, a gente não pode nada”*. Os *“loiros dos olhos verdes”* a quem ele se refere são os turistas a quem, de acordo com o imaginário local, tudo é permitido, enquanto população de Lavras Novas se sente excluída em seu próprio território. O significado simbólico da expressão *“loiros dos olhos verdes”* se completa com o auxílio da expressão *“só*

muda a cor da pele” que faz referência ao nativo de Lavras Novas, os quais são, na sua maioria, negros.

O parágrafo anterior já nos permite ter elementos para vermos na prática que os conflitos se dão embasados nas representações sociais que os grupos constroem uns dos outros. Os turistas chegam com seus *habitus* distintos em Lavras Novas onde a população muitas vezes não reconhece determinados modos de vida como legítimos. O contrário também acontece e muitas vezes os neo-rurais acabam por ter seu modo de vida ‘invadido’ por um conjunto de elementos simbólicos dos quais não compartilhavam nas cidades de origem. Segundo um entrevistado, em Lavras Novas “(...) *eles sabem a hora que você chega em casa e hora que você sai, com quem você saiu. Eles perguntam, eles querem saber da sua vida*”(Comerciante entrevistado em 17/10/2011). O que o fragmento aponta é a conformação de territorialidades expressas pela separação entre os sujeitos e seus *habitus* criando um sentimento de invasão de privacidade por parte do entrevistado.

O estabelecimento de relações de poder em Lavras Novas não para por aí. Também surgem territorialidades das ocupações do distrito por parte dos neo-rurais. Esse grupo procura romper com um determinado modo de vida num processo de idealização da vida do ‘Outro’ ou ainda, em busca da acumulação que o modismo em torno da natureza tem possibilitado. Extraímos de uma entrevista uma passagem que exemplifica a existência desses espaços territorializados, apropriados por determinados grupos em conjunto com seus sistemas de classificação. A passagem que vamos expor expressa a existência de intencionalidades, de racionalidades distintas entre os grupos que convivem em Lavras Novas configurando assim, espaços de poder.

Eles vêm, compram a pousada e se acham **donos** do lugar, eles são **autoritários**. O show que teve no Carnaval eles chamaram de vandalismo no jornal. A gente não pode nada, nem chamar a atenção deles quando eles fazem alguma coisa. Os jovens ficaram indignados, porque é uma coisa pra diversão sem ter que ir pra Ouro Preto. Essas pousadas tão tomando conta daqui (Nativo B, entrevistado em 14/10/2011, grifo nosso)

Ao elencarmos as palavras ‘donos’ e ‘autoritários’ tivemos a intenção de mostrar dois importantes elementos para a configuração de um território, ambos se orientam em torno da idéia de posse que por si só gera poder sobre um determinado espaço. A autoridade sobre um lugar já denota uma relação de poder legítimo, um direito de mandar. Os territórios assim

definidos em Lavras Novas são reflexos dos posicionamentos assumidos em cada grupo para a apropriação do espaço para o turismo.

Os territórios são resultantes de delimitação de espaços de poder, criação de áreas interdidas ou proibidas até certo ponto, espaços de não liberdade, pelo menos para determinados grupos. Assim ocorreu com o Alto do Campo, uma rua do distrito de Lavras Novas na qual a quase totalidade dos lotes foram vendidos para os 'de fora', segundo informações dos nativos. Nesse espaço foram construídas luxuosas pousadas, bares, restaurantes e suntuosas casas de finais de semana. O local, hoje, surge no imaginário social da população local ancorado em palavras como a "*Belvedere*" (bairro de classe média alta localizada na cidade de Belo Horizonte), o "*feudo*", e ainda pela expressão "*bairro nobre*". O Alto do Campo foi citado em muitas entrevistas como um território delimitado de Lavras Novas, local onde vivem os "*barões*" ou "*os senhores feudais*", como são mencionados em algumas entrevistas os 'de fora' que se mudaram para o distrito e mesmo aqueles que lá estão somente para explorar o turismo. As representações nesse caso se ancoraram em torno de um sentimento de perda do espaço para os "*de fora*". Essa rua hoje se constitui em um território de Lavras Novas em meios aos espaços ocupados por nativos definidos por capitais sociais, culturais e econômicos distintos.

A conformação dessas territorialidades apontou para a tensão que se formou em torno de dois grupos principalmente, os grupos de nativos e os empresários do ramo da hospedagem no distrito. O problema se respalda na dificuldade de diálogo entre os grupos que, embasados em imaginários sociais completamente distintos quanto à exploração da atividade turística e mesmo ambiental, não conseguem chegar a um consenso. Assim, em outra passagem o entrevistado menciona que "*existe rincha entre os nativos e as pousadas*" porque "*(...) eles chegam, ganham dinheiro e vão embora, depois ainda fala que gosta de Lavras Novas. Gosta é do dinheiro daqui*". (Nativo A, entrevistado em 12/10/2011) A passagem demonstra um sentimento de descaso para com o distrito perpassado pelos interesses que se reúnem somente em torno da exploração do turismo deixando de lado a comunidade de Lavras Novas. Em outra passagem um comerciante entrevistado também menciona esse sentimento de exclusão sentido pela população local. Segundo esse entrevistado, ele costuma ouvir reclamações dos nativos em relação aos de fora no seu estabelecimento.

(...) segundo os nativos os caras vem prá cá e falam que são amigos de todo mundo, aí depois que eles conseguem comprar o terreno aí oh, **pé na bunda** de todo mundo, não conhecem ninguém mais. E é verdade, todo mundo fala

isso. Não são todos não, mas 99% é. (Comerciante C, entrevistado em 15/10/2011, grifo nosso)

A expressão “pé na bunda” nos aponta, metaforicamente, um sentido implícito nessa frase. A interpretação literal dessa expressão dentro do contexto conflituoso encontrado em Lavras Novas nos remete a uma noção de afastamento, de rejeição, de exclusão de um espaço ou pode ainda traduzir a idéia de rompimento das relações sociais entre os indivíduos. Portanto, a fala nos leva a entender que existe uma separação entre esses grupos e seus territórios. Selecionamos mais um fragmento das entrevistas para ilustrar essa relação conflituosa em campo.

Eu acho que um problema é o crescimento desenfreado do turismo aqui, igual tem muitas pousadas que só pensam em aumentar, igual tem pousada ai que já foi até interdita por jogar esgoto na nascente e elas só pensam em crescer e aumentar, e esquece de valorizar o lugar. Eles esquecem de valorizar do que eles vivem que é o turismo e esquecem que eles tem que ter um turismo consciente. E esquecem do resto. Só pensam em dinheiro (Nativo B, entrevistado em 14/10/2011).

A passagem acima é também rica em elementos que nos apontam os sentimentos de reprovação à ação das pousadas dentro do Distrito por parte de parcela da população local. A desvalorização do Distrito em prol da acumulação de capital econômico é central nessa fala e traduz em certa medida a exclusão sentida pelo nativo com quem falamos. O verbo “*esquecer*” é um norteador do nosso raciocínio nessa colocação e traduz a idéia do “*deixar de lado*” Lavras Novas que aparece no imaginário desse entrevistado como uma mercadoria para os grupos neo-rurais. A desvalorização do Distrito em sua essência, nesse caso, aparece ainda ligada a vocábulos como “*aumentar*”, “*esgoto*”, “*esquecem*” e “*valorizar*”, elementos que apontam para as tensões entre os neo-rurais e os moradores nativos.

Por outro lado temos também a posição dos empresários locais que em sua maioria consideram que são as ações dos nativos para com o turismo aquelas não adequadas para a realidade de Lavras Novas. De acordo com um dos entrevistados “*o problema de Lavras Novas é o povo daqui*”, se referindo aos nativos como “*cabeça-dura*”, (Comerciante E, entrevistado em 17/10/2011) expressão que, trocando em miúdos, faz menção a pessoas com as quais é difícil ter um diálogo, pessoas que rejeitam sugestões alheias, fechadas em seus posicionamentos. Na visão desse entrevistado, as ações da população local não são condizentes com o perfil de turismo existente no distrito de Lavras Novas, sendo esse um dos pontos centrais de discordância entre os grupos.

Entre a parcela ortodoxa, composta pelos proprietários dos meios de hospedagem, o distrito é um espaço de acumulação e para tanto precisa da criação de um conjunto de signos e símbolos. Esse aparato simbólico se volta para atender as expectativas de um perfil de turista mais intelectualizado que vem para o meio rural consumir a ‘natureza’, o ‘rústico’, o ‘aconchego’, a ‘tranqüilidade’, elementos atribuídos ao distrito de Lavras Novas. Também em torno dessa imagem se ancoram representações sociais do ‘mágico’, do ‘místico’. Os grupos que questionam a loucura dos grandes centros, e ainda a alienação do mundo capitalista, se dirigiram para o distrito em busca do que eles chamaram de “*essência da vida*” (Comerciante A entrevistado em 13/10/2011). Todo esse conjunto de representações acaba por criar um simulacro em relação ao distrito de Lavras Novas que divide a opinião dos grupos sociais, um dos principais focos das desavenças.

Verificamos durante os levantamentos de campo por meio das falas que a (re) criação de uma imagem para o Distrito vem excluindo a diversidade da memória social de outras identidades culturais que não são aquelas eleitas como uma imagem positiva para atrair o turista de maior poder aquisitivo. O espaço público concebido para atender aos interesses do turismo orienta o olhar e elimina uma diversidade de símbolos e signos culturais que coexistem no distrito. Essas estratégias espaciais expressam o poder simbólico existente em um determinado espaço, pois expressam os diferentes interesses que envolvem estas relações. O fragmento abaixo foi extraído da entrevista de um comerciante e pode ajudar o leitor a formar a própria opinião a respeito da desaprovação desse grupo em relação às ações da população local na exploração da atividade turística.

Teve, teve uma época que o pessoal daqui era bem (...) eles eram exigentes. Eles não aceitavam, não permitiam esse tipo de coisa e aí depois eles começaram a fazer **quartinho** pra alugar e eles começaram ver que o turista de menor poder aquisitivo que faz **churrasquinho** alugava um **quartinho**. Então eles começaram a permitir tudo. Então se for hóspede deles pode fazer a bagunça que quiser. A visão deles é realmente diferente. É muito difícil lidar com eles, não é só chegar explicar tem que ter uma psicologia bem trabalhada porque senão não consegue nada com eles. (Comerciante A, entrevistado em 13/10/2011)

Palavras como “*quartinho*” e “*churrasquinho*”, empregadas no diminutivo, representam menor interesse por um perfil de turista de menor poder aquisitivo que os empresários dos grandes meios de hospedagem e os comerciantes decidiram que não é de interesse do distrito. A esse perfil de turista são ancoradas representações desses grupos em torno de palavras

como ‘desordem’, ‘bagunça’, ‘barulho’, ‘sujeira’, o que não condiz com as expectativas do turista de maior poder aquisitivo que visita o distrito. Posições bem diferentes foram percebidas entre os nativos que por sinal, não verificam comportamentos desviantes em relação ao turista de menor poder aquisitivo. Na opinião deles, a situação tem melhorado a cada dia em função do maior respeito dos visitantes ao Distrito, visão com a qual não concorda o grupo de empresários.

Para alimentar o imaginário social do turista é instituída uma imagem que passa a representar os interesses do turismo em Lavras Novas. Essa reconfiguração espacial cria divergências de toda ordem no distrito. Assim, o tombamento da rua central de Lavras Novas como patrimônio do município de Ouro Preto se constituiu em outro elemento que marca a diferença de opiniões entre os imaginários sociais no local. Foi nas entrevistas com os turistas e empresários do ramo hoteleiro, restaurantes, bares e loja de artesanato que houve uma grande concordância em relação ao tombamento. Isso de forma a não modificar o que eles ancoraram em seu imaginário sobre qual seria a identidade do distrito. Entre a população nativa o índice de rejeição foi grande e de acordo com informações de poder público municipal essa decisão foi tomada a partir de discussões em reuniões públicas com os moradores de Lavras Novas, quando a maioria da população votou contra o tombamento. O que explica a recusa é que os atores nativos não vislumbram na política do tombamento um ganho efetivo na posição social que eles ocupam no interior do campo social do turismo. No imaginário social local somente os grupos já beneficiados colheriam os frutos do tombamento. Questionado sobre a recusa um dos entrevistados menciona que *o “tombamento somente seria vantajoso pros turistas”* (Nativo C, entrevistado em 15/10/2011) uma vez que manteria as características históricas do Distrito. Para os nativos representaria a perda de autonomia em relação a própria casa, já que ao se tornar patrimônio municipal qualquer modificação precisaria de autorização. Esses atores entendem o tombamento também como uma interferência nos seus modos de vida, havendo mais uma vez uma incompatibilidade de representações entre o poder público, a população nativa e o grupo de empresários locais. Essa situação já é vivida em Lavras Novas. Mesmo sem o tombamento para qualquer obra na rua central do distrito é preciso haver um projeto e autorização da prefeitura que somente após verificar que a obra não afeta as características originais da arquitetura libera as alterações. Por isso, os nativos não têm tido boas experiências com essa questão da preservação do patrimônio histórico local. Saindo da rua central, contudo, as modificações na arquitetura são visíveis. Casas e pousadas de dois andares vem marcando a paisagem de Lavras Novas,

alterando, paradoxalmente a imagem turística defendida pelo empresariado local. Muitas dessas construções são empreendidas pela classe dominante, o que causa uma contradição no discurso anteriormente proferido. O fragmento da entrevista de um dos nativos nos aponta a falta de autonomia por parte da população local em definir os elementos da paisagem do distrito em função dos interesses do turismo.

(...) qualquer movimento que eles vê ai que eles não gostarem eles faz denúncia. E tem muito nego de fora que fica querendo **passar por cima** daqui, né? Eles quer manter a faixa. Eles mesmo devia manter a faixa desde lá de cima. (Nativo A, entrevistado em 12/10/2011, grifo nosso)

Quando destacamos a expressão “*passar por cima*” percebemos a intensidade do sentimento de sobreposição sentido pelas classes dominadas em Lavras Novas. Se formos nos aprofundar no significado da expressão encontraremos como sinônimos os verbos ‘sobrepujar’ e ‘atropelar’, reflexo das territorialidades entre as classes dominantes ortodoxas e as classes dominadas heterodoxas em Lavras Novas.

A movimentação interna no campo acontece em Lavras Novas, por assim dizer, em função da necessidade de manter o jogo de poder entre os grupos. A imagem (re) criada para o distrito é, portanto, um dos aspectos da luta simbólica travada pelos grupos pela legitimação de um conjunto de representações. O turismo também re-significa o espaço ao aproximar as relações entre rural e urbano, uma vez que o espaço rural incorpora novas formas e funções. O campo com o turismo congrega novos elementos para satisfazer as necessidades dos turistas com isso há uma reconfiguração da paisagem. A idéia de rural é usada como *marketing* para atrair grupos de neo-rurais em busca de suas representações de rural. O turismo cria um universo discursivo com forte apelo à imagem, à linguagem e às representações (BARBOSA, 2001). O *marketing* ambiental procura nutrir os imaginários sociais e tornar um local desconhecido familiar pelo contato com a natureza, pela idéia da tranqüilidade, da cordialidade. O apelo à linguagem é muito forte no turismo ecológico. Os meios de comunicação de massa são uma ferramenta importante no campo do turismo. Isso porque ajudam a formar representações sociais iluminando idéias em torno da natureza e de meio ambiente. Não é foco deste trabalho analisar as influências dos meios de comunicação de massa nas representações sociais em torno da atividade turística em Lavras Novas, visto que trata-se de um debate bastante complexo (BARBOSA, 2001).

Como se pode perceber, como um espaço (re) inventado para o turismo, o distrito precisa alimentar o imaginário social de determinadas características que mantenha a imagem que

atenda aos interesses dos grupos dominantes quanto ao turismo. O Carnaval de 2011 ilustra bem essa situação. Citamos essa festa porque estávamos no distrito nesse período realizando os pré-testes do nosso questionário, portanto, acompanhamos de perto a situação. A festa que reuniu bandas de *Axé Music* e *Funk* foi bastante questionada pelo empresariado por contradizer a ‘imagem’ de Lavras Novas. É interessante mencionar as fortes críticas à festa que, segundo a população local, renderam reportagens nos jornais de Ouro Preto e uma carta anônima a qual tivemos acesso. O documento foi endereçado aos moradores de Lavras Novas e mesmo ao poder público municipal. Também o réveillon rendeu críticas e uma carta anônima por não estar de acordo com o que se criou como sendo parte da representação dominante do distrito de Lavras Novas. Segundo uma das cartas é

muito importante o desenvolvimento da comunidade, visando o turismo, principal fonte de renda (...). Porém, deve-se melhor conduzir o progresso, para que não se perca a essência de Lavras Novas, verdadeiro cartão postal. (...) com a proximidade do réveillon, devem ser tomadas providências, como a aplicação de um código de condutas, afixado em estabelecimentos comerciais e casas/chalés de aluguel, a fim de conservar os costumes da [nossa] comunidade. (Primeira carta anônima endereçada aos moradores locais e ao poder público municipal, 2011)

O que se percebe é que a chamada “*essência*” de Lavras Novas é, na realidade, a resposta a um conjunto de interesses classistas. A maior parte dos entrevistados nativos, por outro lado, entende que a “*essência*” de Lavras Novas é o distrito enquanto espaço de vida e não enquanto construção de um conjunto de elementos simbólicos criados para alimentar o imaginário social do turista.

No documento de crítica ao Carnaval de 2011 existem passagens que demonstram uma relação conflituosa quanto ao imaginário social ortodoxo e o heterodoxo, visto que a grande maioria dos nativos apóia a festa e se diz muito satisfeita com esse tipo de iniciativa. Assim a carta demonstra a sua indignação diante do formato da festa questionando a ação da Prefeitura Municipal que

(...) permitiu a instalação de um palco e a contratação de som eletrônico e uma banda de axé baiano e um falso rock and roll, que além desses sons que não tem nada a ver com a característica do lugar, tocou músicas pornográficas, funk, rapp e outros sons típicos de pessoas de baixo nível, tipo favelas do Rio de Janeiro.(...) Todos os turistas e visitantes que habitualmente freqüentam Lavras Novas esperam encontrar o silêncio e a tranquilidade típica de pequenos lugarejos bucólicos como o nosso, respeitando suas famílias e tradições. (...) O turismo tem sido concretizado há vários anos com uma boa clientela de Belo Horizonte, com bom poder aquisitivo que vem até aqui em busca de tranquilidade e reflexão (...) Se tem

alguma instituição local (associação, moradores ou outra qualquer) solicitando esses eventos, gostaria de informar que ela não entende nada de turismo e nem sabe qual é a expectativa do nosso visitante. (...) Eu, outros donos de pousadas, moradores e turistas pedimos encarecidamente a V. Sa. Para rever esses procedimentos junto aos responsáveis (...) (Segunda carta anônima endereçada aos moradores e ao poder público municipal, 2011)

Essa carta prioriza nitidamente interesses de classe enfatizando a importância de se manter o turista de bom poder aquisitivo. Assim, aqueles que promovem festas que rompem com as representações sociais desse grupo de turistas são questionados e acusados de não entender qual é o perfil do visitante de Lavras Novas. Por isso, a imagem de um distrito que responda aos anseios de um grupo de turistas com alto poder aquisitivo está em dissonância com estilos musicais como o *Axé Music* e o *Funk*, gêneros sobre os quais estão embasadas críticas quanto à melodia e mesmo às letras das canções. A esses estilos são associadas representações sobre a vulgaridade e baixaria. A carta aponta esses ritmos como de preferência de pessoas de baixo nível social associadas às favelas do Rio de Janeiro. Estas idéias estão calcadas em um imaginário social elitizado que com base em uma gama de capitais culturais acumulados que consideram impróprios para os turistas que visitam o distrito manterem contato com atrações desse estilo.

Pelo que verificamos no documento também o palco montado em frente à Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres foi um dos pilares do desconforto entre os grupos sociais. A igreja, do século XVII, é considerada um marco da arquitetura colonial em Lavras Novas, o ponto turístico mais importante do distrito. O palco, coberto por uma lona preta, veio a causar conflitos de representações quanto ao que é central de ser observado em Lavras Novas. Os banheiros químicos, que foram espalhados pela rua central, movimentaram as representações sociais dos grupos de empresários e comerciantes. Isso porque, diante de um pensamento voltado para a obtenção de lucro, a classe dominante considera que esse aparato se constitui em um elemento de rompimento com os símbolos e signos adotados por Lavras Novas para atender ao turismo. Esse imaginário está pautado em construções simbólicas que apelam para a imagem tradicional de rural perpassada pela idéia do rústico, e associada ainda à história do Distrito, juntamente com a sua riqueza em recursos naturais, como se as sociedades fossem estáticas no tempo e no espaço e não acompanhassem as mudanças do mundo moderno. Portanto, essas imagens acabam por enquadrar ações, atitudes, músicas, vestes, construções como sendo algo relacionado ou não com o viver em Lavras Novas. O que os dados apontam, contudo, é que há por parte dessa classe dominante uma tentativa de mascarar os interesses do nativo lavranovense em prol da (re) criação de uma ‘cultura local’ que é mais condizente com

os interesses do turismo elitista, diga-se de passagem, com os interesses de classe. O sentimento de invasão que essa situação coloca para o nativo de Lavras Novas cria relações de contenda entre os grupos.

A carta demonstra ainda conflitos de representações em relação às ações da prefeitura que ao atender ao pedido da Associação de Moradores acabou entrando em conflito com os interesses dos grupos de empresários locais. O que se pode entender desse fragmento da referida carta é que existe um grupo insatisfeito com os eventos promovidos pela Associação de Moradores, a qual tem o apoio da prefeitura de Ouro Preto. Vale ressaltar que a carta é finalizada como “Cordialmente, donos de pousadas, moradores, turistas e visitantes!” (Segunda carta anônima endereçada aos moradores e ao poder público municipal, 2011). Entretanto, entre os vinte nativos com quem conversamos somente três se posicionaram contra a festa, mesmo entre os idosos a festa foi bem aceita. Portanto, a classe insatisfeita somente assina em nome da população local o que de acordo com os nossos levantamentos não confere com o imaginário a respeito da festa entre a maior parte dos nativos. Também por meio dessa carta podemos verificar que no discurso político dos grupos de empresários há uma tendência a mascarar as grandes diferenças existentes entre os grupos que se apropriam do turismo e suas representações sociais em torno do distrito e mesmo, da própria atividade. Assim, as discussões sobre questões de autonomia e poder dentro do campo social do turismo acabam por inserir todos os grupos em iguais condições sem considerar as especificidades existentes.

Importa ressaltar que históricos de arbitrariedade em Lavras Novas por parte dos grupos de proprietários de pousadas foram identificados ainda nos estudos de Chaves (2011). De acordo com a autora, em 2007 foi realizado um festival de queijos e vinhos no distrito chamado de ‘Safras Novas’. O que é interessante nos apontamentos da autora é que nem queijo nem vinho fazem parte da culinária típica de Lavras Novas, o que cria uma incoerência quanto à imagem do distrito para o turismo. Os moradores locais ficaram indignados com um evento que reuniu amostras da comida francesa e italiana feitas pelas mulheres de Lavras Novas sob as ordens de chefes de cozinha vindos dos respectivos países. Os nativos se sentiram excluídos, visto que não tiveram nenhuma participação efetiva no evento, somente como parte do processo decorativo elaborado com base na cultura do ‘Outro’ como espetáculo para o turista. A indignação também se assentou na espetacularização da cultura de Lavras Novas, mascarada por pratos internacionais que em nada se relacionam com o modo de vida local. Revoltados com a situação, os moradores promoveram o festival ‘Safras Velhas’ mostrando a típica

comida de Lavras Novas, como forma de reação à maneira como o primeiro festival foi organizado.

O que é preciso esclarecer, porém, é que também o grupo de nativos não é homogêneo entre si. Os entrevistados divergem em com relação às suas representações quanto ao turismo. Mesmo no interior de um grupo social que compartilhe de uma mesma base simbólica existirão os dissensos. O próprio Bourdieu (2008) questiona o objetivismo imposto em estudos da corrente estruturalista de pensamento que coloca a estrutura social como um determinante da ação individual. Concordamos com Bourdieu (2008), portanto, quando ele sai em defesa de que mesmo condicionados por um conjunto de instituições sociais o indivíduo conforma internamente seu pensamento e posicionamento para a ação. No distrito de Lavras Novas as ligações que os próprios nativos fazem com o turismo são díspares. Embora nem todos se fechem para a atividade turística, existe uma parcela que igualmente não se abre para a atividade, o que faz com que se quebre de certa forma o equilíbrio social que existia no lugar. Desta forma, mesmo no interior do grupo essa nova maneira de pensar cria posicionamentos opostos, já que existem aqueles que se inserem mais facilmente na nova lógica, enquanto outros que em nada usufruem dela se sentem afetados pelos problemas que com ela chegaram a Lavras Novas. Verificamos ainda que os nativos que mais se beneficiam da atividade acabam por dialogar com os discursos dominantes defendendo a manutenção do lugar enquanto área verde, com uma atmosfera mística, envolto de paz e tranquilidade para receber esse público de maior poder aquisitivo citado na carta. Neste sentido, essa parcela da população nativa adota estratégias muito similares às da classe dominante para se colocarem dentro das regras, buscando com isso alcançar os lucros simbólicos do campo. Esse grupo dialoga com o poder central em Lavras Novas e adota estratégias de conservação acabando por reproduzir as mesmas representações sociais em torno da atividade turística em Lavras Novas. A outra parcela da população se coloca do lado oposto e busca romper com essa construção. Tais pessoas adotam posicionamentos contrários embasados no apoio às ações da Associação de Moradores que, pautada em estratégias de subversão, tenta um diálogo com a ortodoxia do campo. A promoção de eventos como a festa do Carnaval e do Réveillon, que fogem as regras do campo e têm sido, na maioria das vezes, a posição assumida por esse grupo na tentativa de alterar a organização interna da estrutura. De acordo com Bourdieu (2008) tais estratégias são contestadas pelos posicionamentos de conservação, assumidos pela classe dominante que deseja manter suas posições no campo social, o que percebemos em Lavras Novas pela reação da ortodoxia diante da realização dos eventos.

O que se percebe é a marca dos capitais acumulados na influência sobre a exploração do turismo em Lavras Novas definindo territorialidades. Essa divergência de possibilidades coloca a população local em condições de subalternidade na exploração da atividade turística. Assim sendo, os grupos de empreendedores “de fora” – a ortodoxia - e suas modernas propostas de exploração dos recursos naturais locais para o turismo acabam sendo os mais beneficiados de uma política pública que objetiva a territorialização do capital na tentativa de melhorar a qualidade de vida campo. Selecionamos uma passagem das entrevistas que nos mostra como o capital acumulado pelos grupos se torna essencial para ocupação de determinadas posições sociais no campo do turismo. Pelo que pudemos perceber o acesso às redes sociais, meios de divulgação de uma forma geral, permitem certa vantagem a determinados grupos. Quando perguntado sobre o grupo que possui as maiores vantagens na exploração do turismo o entrevistado responde:

Ah, eu acho que são as pousadas, pelo fato de os moradores daqui serem desinformados em relação à divulgação, a meios de comunicação e eles acabam deixando um pouco pra lá, enquanto que os turistas [os donos das pousadas e restaurantes] eles divulgam, eles colocam na internet, então o povo daqui acaba ficando pra traz em relação aos turistas. (Jovem nativo B, entrevistado em 17/10/2011)

Em outra entrevista aparece o seguinte posicionamento:

(...) porque em relação ao tempo o pessoal daqui ficou um pouco pra trás. Aqui começou essa onda de internet e tudo, eles começaram vir com a modernidade, igual passeio de quadriciclo (...) as coisas começaram a vir aqui pra comunidade e eles ficaram um pouco perdidos, sem saber como competir e como meio de divulgar, então, eles se beneficiam muito pouco mesmo do turismo.(Jovem nativo C, entrevistado em 18/10/2011)

Essa diferença de capitais não se expressa somente na divulgação dos meios de hospedagem, bares e restaurantes, ela se mostra principalmente no tipo de serviço oferecido, que muitas vezes marcam as condições de subalternidade da população local. O trecho que segue também é ilustrativo nesse sentido.

Eu acho que tem que mudar uma coisa que é as pessoas daqui ter mais opções com o turismo que é delas, que é da comunidade delas, que elas consigam tirar pelo menos um pouquinho a mais pra poder se igualar às pousadas, aos restaurantes, a esses passeios, acabam que eles têm muito dinheiro e os moradores acabam tirando pouco do turismo, eu acho que os moradores daqui tinham que tirar mais do turismo, sabe? (Jovem nativo D, entrevistado em 15/10/2011)

Quando questionamos os entrevistados selecionados para representar os grupos sobre os maiores beneficiados pela atividade turística em Lavras Novas as respostas variavam em certa medida. Em geral, os empresários consideram que são os nativos os mais beneficiados diante do histórico de vida dura do Distrito anteriormente à chegada do turismo. Os comerciantes de modo geral se dividiram, mencionando que os maiores beneficiados eram os empresários proprietários de pousadas e os nativos. Entretanto, a maior parte das respostas admite ser o setor de hospedagem o que se beneficia das vantagens do turismo em Lavras Novas.

Também os turistas consideraram que os maiores beneficiados eram os proprietários das pousadas diante do fato de seus meios de hospedagem estarem sempre ocupados e das diárias serem consideradas altas. Vale ressaltar que em Lavras Novas encontramos diárias no valor de até R\$ 240,00. Entre as falas dos nativos as pousadas sobressaem como os empreendimentos que mais lucram no distrito. A atribuição a esses meios de hospedagem como sendo os aqueles que mais se beneficiam perpassa mais uma vez as diferenças de capitais acumulados pelos atores sociais. Novamente as diferenças nos capitais sociais são citadas nas entrevistas como sendo uma grande contribuição para o sucesso do negócio, dado que esse capital é essencial para a promoção de relações mais amplas e abrangentes. O fragmento que se segue foi extraído da fala de um nativo e pode ajudar o leitor a melhor compreender a situação acima tratada. Quando questionado sobre os maiores beneficiados da exploração da atividade turística o entrevistado responde

Ah, eu acho que são as pousadas. Não tem **sites** com as casas aqui da rua, eu acho que são as pousadas as que mais se beneficiam. Eles têm mais **meios de divulgação**, eles têm **amigos** fora que indicam pra outros amigos que vem e ficam aqui nas pousadas, mesmo o **preço sendo maior**, eles preferem ficar em pousadas do que em casas de aluguel.(Nativo entrevistado em 15/10/2011, grifos nossos)

Grifamos as palavras “*sites*”, “*meios de divulgação*” e “*amigos*” para demonstrar a importância do capital social, cultural e econômicos nesse tipo de empreendimento no campo social do turismo. Se a propaganda é a alma do negócio é o capital financeiro que lhe dá corpo. Muitas pousadas investem capital na divulgação dos meios de hospedagem na internet e ainda por meio de folders e cartões que são entregues aos turistas. Colocamos em relevo ainda o conjunto de palavras “preço sendo maior” para chamar a atenção do leitor para a diferença de capital econômico como sendo outro imperativo para quem decide atuar no campo social do turismo. Os investimentos em infra-estrutura pelas pousadas, bares,

restaurantes e pelo receptivo turístico são instrumentos construídos pela acumulação de capital econômico que se converte em capital social e cultural nesse caso. Assim, por meio da fala citada acima, verificamos que a acumulação de determinado capital leva ao alcance de mais capital, uma vez que determinados capitais podem ser reconvertidos em outros. Com o aumento dos capitais amplia-se a possibilidade de aquisição do lucro simbólico que são ganhos ou vantagens obtidos em função dos avanços alcançados pelos membros do campo que podem levá-los a manter a sua posição na hierarquia da estrutura ou mesmo ascender nela. Assim, por vezes o que pudemos observar nos sites e folders de alguns meios de hospedagem é a recriação de ambientes naturais para que o turista se sinta próximo da natureza mesmo no interior das pousadas. Para se aproximarem o máximo possível dos ambientes naturais as pousadas constroem piscinas decoradas em pedras de forma a tentar reproduzir a representação de uma cachoeira e adornam a arquitetura de madeira. Assim, o turista sequer precisa deixar a pousada quando visitar o distrito. As pousadas estão, portanto, cada vez mais bem equipadas oferecendo serviços que deixam seus clientes muito próximos dos ambientes urbanos mesmo no meio rural, o que tem sido um diferencial importante na manutenção da hierarquia do campo. Todo esse investimento se volta para manter o turista o maior tempo possível dentro do seu espaço. Assim, além da recriação de ambientes naturais, existe ainda um conjunto de serviços que são oferecidos como massagens, yoga, passeios ecológicos, entre outros. Quando a pousada não possui o serviço, ela se encarrega de indicar quem o faça. Esse último serviço acaba por criar uma relação conflituosa com o ramo do turismo aventura que vê seu espaço de trabalho invadido por essa ação. Também outro trecho retirado de uma das entrevistas ilustra o que tentamos argumentar. Assim, questionado sobre quem seriam os maiores beneficiados do turismo em Lavras Novas o entrevistado responde

Ah, eu acho que são as pousadas, pelo fato de os moradores daqui serem desinformados em relação à divulgação, à meios de comunicação e eles acabam deixando um pouco pra lá, enquanto que os turistas (são os donos das pousadas e restaurantes) eles divulgam, eles colocam na internet, então o povo daqui acaba ficando pra traz em relação aos turistas. Eu também acho, porque em relação ao tempo o pessoal daqui ficou um pouco pra traz. Aqui começou essa onda de internet e tudo, eles começaram vir com a modernidade, igual passeio de quadriciclo (...) as coisas começaram a vir aqui pra comunidade e eles ficaram um pouco perdidos, sem saber como competir e como meio de divulgar, então, eles se beneficiam muito pouco mesmo do turismo. Eu acho que tem que mudar uma coisa que é as pessoas daqui ter mais opções com o turismo que é delas, que é da comunidade delas, que elas consigam tirar pelo menos um pouquinho a mais pra poder se igualar às pousadas, aos restaurantes, a esses passeios. Acaba que eles têm

muito dinheiro e os moradores acabam tirando pouco do turismo, eu acho que os moradores daqui tinham que tirar mais do turismo, sabe? Eu acho que é o pessoal das pousadas, porque o lugar deles é maior e tem mais coisa né? As pousadas. Eles ganham mais. (Jovem nativo E, entrevistado em 18/10/2011)

Mais uma vez percebemos a importância que o capital social e mesmo cultural assume dentro do campo do turismo. O maior ou menor poder dentro do campo social do turismo também é configurado em torno do capital econômico, que permite ao grupo ortodoxo ocupar as posições dominantes dentro do campo. Assim, tomando uma fala de um proprietário de pousada “*se você tem grana, capital, você é o empregador e os outros são empregados, cada um a sua forma está se beneficiando do turismo*”. (Proprietário de pousada B, entrevistado em 11/12/2011)

O *habitus* individual, como aponta Bourdieu (2008), é uma das principais ferramentas de manutenção da hierarquia no interior do campo social. E isso se conjuga claramente com o capital, ferramenta importante para a manutenção do *status quo*. Assim, as pousadas luxuosas, o jogo de capitais econômicos, sociais e culturais e mesmo as representações sociais em torno do desenvolvimento corroboram com a manutenção da estrutura de poder no campo.

As estratégias de contestação adotadas pelo grupo heterodoxo têm alcançado modificações na estrutura do campo. Uma das falas esclarece que diante das ações da Associação de Moradores tem aumentado a autonomia do nativo em relação às regras que são impostas dentro do distrito em consonância com a imagem que um local turístico deve ter

Agora eles são mais reservados por causa da Associação, porque, por exemplo, vai o dono da [nome da pousada] ou da [nome da pousada] aí fazer um evento que vai prejudicar a comunidade nós temos lá pra proibir que faça, antes não. Antes eles faziam. (Nativo A, entrevistado em 16/10/2011)

As festas de comemoração do Carnaval e do Réveillon constituíram-se claramente em um evento para os nativos, o que não excluía a participação de turistas. Contudo, de acordo com as entrevistas, nesses eventos priorizou-se a diversão do nativo de Lavras Novas e não a dos turistas. A festa representou uma estratégia de contestação da ordem local, o que causou desconforto entre os grupos. Mesmo entre a população local houve contendas, uma vez que, como anteriormente mencionado, alguns nativos adotam estratégias de conservação e outros de subversão. As passagens abaixo foram extraídas da fala de empresários distintos e fazem

referência às divergências em relação às formas de apropriação da atividade turística no distrito de Lavras Novas

Aqui teve em fevereiro um palco enorme na frente da matriz e ficou cheio de banheiro químico espalhado pelas ruas. Uma coisa horrorosa. Tampou a igreja toda. Uma música horrorosa. Pode colocar um forró alguma coisa que eles dançam, mas né? (...) e aquele banheiro na rua? Muito feio. Tudo de ruim. Aí ele (o secretário de turismo e cultura) falou “você tá tirando o direito da pessoa de ouvir o que ela quer”. Eu falei “O direito das pessoas vai até onde ela não incomoda os outros”. Mas eles não estão nem aí, eles querem é voto. Eu falei “A gente vai perder qualidade de vida aqui se continuar desse jeito”. Isso vai ser um caos. (Comerciante A, entrevistado em 13/10/2011)

Também a passagem seguinte mostra a relação de insatisfação de um comerciante quanto ao perfil do turista que têm visitado Lavras Novas. De acordo com o entrevistado “*Esse tipo de turista que vem pra cá eles trazem o meio dele junto, o carro de som (...), a baderna, o barulho*” (Comerciante C, entrevistado em 15/10/2011). Também outro fragmento de uma das entrevistas com um comerciante apontou a divergência quanto aos posicionamentos adotados pelos nativos para a exploração da atividade turística no distrito. Assim, o entrevistado menciona

Eu acho que tem muita gente que tem vergonha daqui porque aqui é um lugar pequeno, então, eles procuram esse tipo de coisa pra colocar Lavras Novas como um lugar grandioso. Só que aqui não é lugar pra isso. Aqui é muito pequeno. O turista quer ver a cultura da cidade não é banda de axé que vem lá de Mariana pra tocar aqui num palco imenso na frente da igreja não. (Comerciante D, entrevistado em 16/10/2011)

Observamos novamente a discordância de posicionamento entre o grupo de empresários e os nativos moradores de Lavras Novas no trecho seguinte que demonstra o imaginário construído em torno do distrito por esse grupo.

Ficam espalhando banheiro químico pela cidade toda, ah, que que é isso gente? A gente vê e não acredita. Isso não tem nada a ver com Lavras Novas. Eles queriam colocar um aqui na frente, eu falei “Pelo amor de deus, aqui não, vai por isso em outro lugar” (Comerciante E, entrevistado em 17/10/2011).

Mais uma vez aparecem nas entrevistas os diferentes tipos de públicos que visitam o distrito, cada qual é de interesse mercadológico de um dos grupos. Os grupos de turistas menos abastados colocam, na opinião dos empresários, em risco a permanência dos grupos de maior

poder aquisitivo que tem expectativas diferentes na visita ao Distrito. Os nativos que alugam pequenas suítes, os chamados “quartinhos”, para turistas de menor poder aquisitivo muitas vezes se posicionam contra o turismo elitista em Lavras Novas por não representar a realidade dos grupos de visitantes que alugam seus meios de hospedagem.

A separação entre as residências dos nativos e as grandes pousadas trata-se de uma segregação sócio-espacial sendo imposta por um grupo dominante, o que já é percebido no Alto do Campo e em determinados bares e pousadas do distrito. Algumas pousadas promovem *shows* noturnos que somente um público mais abastado pode participar dados os altos preços tanto para a entrada como para o consumo de alimentos e bebidas. Por meio dessa diferença de capital são criados territórios demarcados pelas condições sociais dos turistas e mesmo dos nativos que acabam por não freqüentar esses ambientes. O que levantamos nos apontam, portanto, é que entre os nativos existe um sentimento de exclusão do campo social do turismo. O que percebemos, contudo, é que uma das conseqüências sócio-espaciais da materialização do turismo é a transformação do espaço geográfico criando novos arranjos espaciais, espaços de inclusão e espaços de exclusão, como nos coloca Cordeiro (2008). Assim, selecionamos a passagem de uma das entrevistas para melhor elucidar a situação descrita.

Porque aqui tudo é pra turista, todos os bares, restaurantes são pra turistas e esquece do nativo. A prefeitura mesmo, ela não vem aqui fazer uma coisa pro nativo, uma festa, alguma coisa. A não ser quando a irmandade faz uma festa ou alguma coisa assim. Quando a irmandade faz uma festa é para os nativos, os turistas não vêm em festa de nativo. (Nativo D, entrevistado em 16/10/2011)

As divergências no imaginário dos grupos sociais que se apropriam da atividade turística em Lavras Novas levaram a posicionamentos extremos da Mesa Administrativa da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres, responsável pelas chamadas “terras da santa”. A perda da autonomia e a ocupação desordenada do distrito por grupos “de fora” na instalação de pousadas, restaurantes e bares é um dos elementos centrais da imposição das territorialidades no campo social do turismo. Em busca de recuperar a governança do seu território diante das alterações visíveis, atualmente a Mesa Administrativa cessou a venda de propriedades de terra de posse da igreja para os chamados “de fora”. A venda indiscriminada que aconteceu durante o *boom* da atividade na década de 1990 causou uma ocupação desordenada do distrito (CORDEIRO, 2008). De acordo com informações dos nativos entrevistados, no período

compradores se aproveitaram dos baixos preços e adquiriram grandes propriedades de terra em Lavras Novas. Diante da configuração atual das propriedades no distrito, surgiu a preocupação de barrar esse movimento de compra, em parte, como uma tentativa de recuperar a autonomia perdida, e também como forma de permitir que os jovens nativos tenham como construir suas residências no distrito. Portanto, as vendas de terra para os grupos neo-rurais em Lavras Novas somente podem ser feitas por terceiros. Vale ressaltar que não há qualquer impedimento para a venda das terras pela Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres para os nativos.

O argumento central utilizado para a proibição das vendas das terras da igreja é que os próprios moradores do distrito vêm perdendo espaço físico no distrito em função dessas vendas. Verificamos que a questão vai muito além da perda do espaço concreto, perpassando a perda do espaço simbólico, do controle das representações em torno do espaço e ainda da governança no distrito. O trecho que segue foi retirado de um entrevistado nativo que se mostra indignado com o poder que os empresários adquiriram dentro do distrito em detrimentos da população local.

A cidade aqui hoje tá servindo é de **isca** pras pousadas ganhar dinheiro. E aqui a gente tem que manter sempre como tá. Aqui a gente não pode mexer. A gente não pode fazer dois andares aqui. Até pra trocar uma janela tem que pedir. Porque eles querem é isso pra eles poderem ganhar dinheiro. Manter a característica da cidade para os de fora ganhar dinheiro. Se a gente tiver fazendo obra aqui, costuma eles mesmo denunciar. É de construção, mas também de qualquer movimento que eles virem aí que eles não gostarem em fazem denúncia. E tem muito nego de fora que fica querendo **passar por cima** daqui né? As vezes a gente faz uma construção e ele não quer. As vezes ele não gostou e ele tem mais **poder**. Aí ele vai e denuncia pra poder barrar, pra manter a faixa. Mas também, eles deviam de manter a faixa desde lá do início. Porque ali pra cima tem obra de tudo enquanto é jeito. Lá pra cima tem dois andares beirando a rua.”(Nativo C, entrevistado em 15/10/2011, grifos nossos.)

Ao elencarmos a palavra “*isca*” - definida como um atrativo, um chamariz – percebemos que o entrevistado já se coloca na posição de subalternidade em relação aos grupos dominantes do campo. O turista é colocado em uma posição passiva, como grupo de possível manipulação por meio do seu olhar, muitas vezes romântico, sobre a Natureza. A isca, nesse caso, vem representar a manipulação por meio do sistema de *habitus* do indivíduo o qual orienta sua forma de apreciar, seus gostos e interesses. Mais uma vez a expressão idiomática “passar por cima” aparece no discurso para apontar as relações de poder que se estabelecem no distrito de

Lavras Novas. Tudo isso aparece no fragmento amarrado à palavra “*poder*” que é o ponto de legitimação do discurso dominante. O poder que as pousadas possuem no campo social do turismo já a dota de legitimidade por si só.

Também na entrevista com representantes da Mesa Administrativa de Nossa Senhora dos Prazeres também mapeamos representações sociais conflitantes em relação à postura dos grupos “*de fora*”.

Nós estamos fazendo um trabalho, mexendo no estatuto da irmandade, pra que... Porque geralmente eles vêm pra Lavras Novas ganha dinheiro, usa a água, usa o esgoto e deixa o lixo. Tá certo, gera emprego, mas a gente tá querendo cobrar deles uma taxa por mês pra manter a cidade, porque aqui é da irmandade não tem nada a ver com a prefeitura. Tem uma força muito grande a irmandade. É a gente que faz e organiza festas com o dinheiro da própria comunidade. Se você bater em qualquer porta de morador aqui ele dá uma contribuição pra festa. Se bater em pousada o cara dá dez reais. O cara vem aí e ganha dinheiro o ano inteiro e dá dez reais. Hoje até que não, mas no domingo ali na pracinha, o dia que eles vão embora, o que que eles fazem? Eles colocam o lixo tudo pra fora ali e o lixo só passa no dia seguinte. Boi passa e joga no chão, cachorro passa e joga no chão. E quem vai limpar? O povo só vem pra cá pega o dinheiro e vai embora. E depois fala que gosta de Lavras Novas. É muito diferente. (Representante da Mesa Administrativa da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres entrevistado em 20/11/2011)

A passagem acima denota não somente a relação conflituosa com os grupos, como elenca os problemas ambientais enfrentados no Distrito por uma ocupação desorganizada. As tensões são demarcadas em passagens como “*O cara vem aí e ganha dinheiro o ano inteiro e dá dez reais*” fazendo referência às contribuições dos grupos para a realização da festa do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora dos Prazeres. Para melhor contextualizar essa tensão é preciso colocar que a religiosidade é uma marca forte da cultura de Lavras Novas. O culto a Nossa Senhora dos Prazeres movimenta a comunidade de forma intensa. O respeito à festa significa o respeito à comunidade de Lavras Novas que é a terra dos prazeres, por ser a terra escolhida por Nossa Senhora dos Prazeres, santa padroeira do distrito. Assim, a contribuição para a festa expressa acima é tida, de acordo com um dos entrevistados, como um desrespeito ao evento por parte dos empresários que, segundo o nativo, tanto lucra com o distrito de Lavras Novas.

Vale ressaltar, contudo, que embora discordantes em determinados pontos da estruturação do campo, os grupos de uma forma geral, concordam que a atividade turística é uma fonte de emprego e renda importante para o distrito. Nesse sentido, baseados em Bourdieu (2008) os

atores foram identificados como sendo adversários-cúmplices no campo social do turismo em Lavras Novas. Assim, mesmo na singularidade das ações de cada grupo existe um interesse comum orientando os posicionamentos, a manutenção da atividade turística o que quer dizer que a diversidade de objetivos aponta para um norte comum. Com exceção dos idosos, os grupos que vivem da atividade, entendem a necessidade do turismo para a sobrevivência de Lavras Novas. Dessa forma, mesmo os conflitos pautados nas divergências entre eles se assentam em uma base comum, aquela na qual todos estão direta ou indiretamente envolvidos, a atividade turística. Portanto, mesmo que o grupo heterodoxo tenha, por vezes, seus posicionamentos contrários a determinadas posturas e entendimentos dos grupos dominantes existe um pano de fundo que é compartilhado tanto pelos atores ortodoxos como pelos heterodoxos, o que Bourdieu (2008) chamou de doxa. Isso é compreensível, uma vez que é o turismo a principal fonte de renda do distrito. O que podemos verificar é que esse jogo de poder busca meios de modificar a estrutura – postura heterodoxa - ou de manter a ordem interna do campo – postura ortodoxa - entretanto, sem jamais romper com ela. Como aponta um dos entrevistados, em função dos interesses comuns que orientam ambos os grupos acaba havendo um meio termo e os atores interagem entre si somente em termos do contrato social firmado entre eles. De acordo com a fala desse entrevistado em Lavras Novas atualmente *“existe um meio termo, uma situação tolerável onde um tá tolerando o outro”* (Proprietário de pousada D, entrevistado em 17/12/2011) em função das necessidades de ambas as partes quanto à exploração do turismo no distrito. A população local precisa de trabalho e as pousadas, bares e restaurantes precisam de mão de obra. Existe, por assim dizer, um acordo social entre as partes.

A situação dos atores enquanto adversários-cúmplices pode ainda ser verificada nos posicionamentos contrários quanto ao trato com o meio ambiente. Tal situação pôde ser observada no discurso de um comerciante que se mostrou indignado pelas condições ambientais do distrito. De acordo com ele atualmente qualquer atividade pode ser realizada dentro do distrito com o consentimento dos nativos e que mesmo situações de degradação ambiental como o lançamento de esgoto sanitário nos cursos hídricos não são impedidas pela população local. O questionamento que esse entrevistado nos colocava era o que fazia a população fechar os olhos diante de problemas ambientais graves como a contaminação dos rios e nascentes por esgoto sanitário. Nessa análise é preciso considerar que Lavras Novas é conhecida pelos grupos por sua beleza e tranquilidade, e ainda o imaginário social está ancorado em torno de elementos como natureza, sustentabilidade, ecologia, etc.

Mas o que faria com que a população fechasse os olhos em relação aos problemas ambientais no distrito? Se por um lado as pessoas se posicionam contra a contaminação das nascentes por se sentirem afetadas pelos problemas, por outro existe uma parcela da população que fecha os olhos. Razões práticas ligadas à sobrevivência não permitem que a população denuncie situações que comprometem a sustentabilidade do turismo em Lavras Novas. Atualmente no Distrito, a maioria da população é dependente direta ou indiretamente da atividade. Em função disso, é de interesse da coletividade que a atividade prossiga. Portanto, evidencia-se mais uma vez a convergência entre os atores, os contrários à degradação e aqueles que fecham os olhos, ambos estão defendendo a atividade turística, cada um a seu modo. Na passagem abaixo verificamos o posicionamento de um proprietário de pousada que acredita que determinadas ações atribuídas a um público de baixo poder aquisitivo são prejudiciais ao futuro da atividade turística no distrito.

Então, tem muita coisa errada, muita coisa errada que todo mundo fecha o olho mesmo e faz de conta que não tá vendo, sabe? Agora já veio o outro e colocou moto. Dizem que vai colocar um bug. Já pensou como vai ficar isso aqui? Isso eles não tão vendo que isso não atrai o bom turista. Vem é um monte farofeiro no final de semana fazer churrasquinho nas cachoeiras deixar lixo. Isso tá tendo demais não tinha isso aqui. Agora é só isso que tá tendo. Isso ai não é uma coisa que traz futuro não, muito pelo contrário. Quer dizer, e o turista legal, consciente, que tem dinheiro pra gastar também, não vem não, vai fazer o que aqui? Ver a bagunça? Um carro de som ali em baixo na última altura com churrasquinho no meio da rua? É, tá sendo péssimo isso aqui. (Proprietário de pousada C, entrevistado em 10/12/2011)

Mesmo entre os nativos a situação de degradação ambiental resulta em contendas. Existem aqueles que acham importantes as denúncias como uma forma de sustentabilidade da atividade em Lavras Novas. Da mesma forma, existem entre os nativos aqueles que acham que tocar no assunto seria mais prejudicial do que ajudaria na manutenção da atividade turística em Lavras Novas. Assim, mesmo entre a população local a questão divide opiniões colocando uns contra os outros. Essa situação se converte ainda em mais um foco de tensão entre nativos e alguns proprietários de pousadas que lutam pela causa ambiental no Distrito, em função das representações sociais de natureza que são diferentes entre eles. Denúncias quanto à contaminação de nascentes por esgoto sanitário levaram à interdição temporária de uma pousada que foi liberada com o compromisso de tratamento individual dos dejetos lançados. A suspensão do alvará de funcionamento da pousada criou conflitos entre a população nativa, principalmente entre os funcionários do meio de hospedagem que acusaram

a Associação Moradores, a quem foi atribuída a denúncia, de prejudicar o turismo em Lavras Novas.

Em outra passagem o proprietário de uma pousada se coloca totalmente contrário à situação de degradação ambiental para a qual o turismo desordenado tem encaminhado o distrito de Lavras Novas. Ele atribui o problema, em grande medida, ao não posicionamento da população local quanto às questões. De acordo com o entrevistado *“É assim, quando a comunidade não quer, não acontece. Em última instância quem decide é o povo. É o povo que escolhe o presidente, é o povo que escolhe o senador, é o povo que escolhe se tem um meio ambiente limpo ou não”* (Proprietário de pousada E entrevistado em 18/12/2011). Assim, enquanto o entrevistado representante do grupo de empresários é a favor de levantar as questões que podem vir a atrapalhar o turismo futuramente, parcela dos moradores são contra as denúncias por acreditarem que tratar de tais pontos pode causar problemas ao distrito. É uma questão de projeção, enfim, mas pautadas no mesmo interesse, a manutenção da atividade turística no distrito. Ambos os posicionamentos têm como pano de fundo a mesma preocupação, porém, embasados em visões de mundo distintas sobre a natureza. Entre a população local aqueles que não se posicionam frente ao problema estão, na verdade, defendendo interesses de primeira ordem: emprego e renda. Assim, para Bourdieu (2008), o a indiferença diante de certos temas nada mais são do que reflexo de um sistema de interesses específicos.

A situação não gera apenas relações conflituosas entre os grupos que se apropriam do espaço de Lavras Novas, mas também entre os grupos sociais e a Prefeitura representada como ausente na prestação de serviços como saneamento básico ao distrito sendo atribuída a eles a responsabilidade pelo problema. Questionados sobre a situação, um representante do poder público municipal apontou que uma obra dessa natureza exige a captação de grande quantidade de recursos. Inclusive, fomos por ele informados que já existe um projeto pronto visando o tratamento do esgoto em Lavras Novas, entretanto, a dimensão dos recursos a serem captados para a realização da obra tem inviabilizado a solução do problema. Há que se considerar, contudo, que essa questão da contaminação dos cursos hídricos por esgoto sanitário não é um fenômeno isolado em Lavras Novas. Mesmo Ouro Preto não conta com uma estação de tratamento de esgoto para toda o perímetro urbano de acordo com o Vereador Flávio Andrade.

O parágrafo anterior nos encaminha ainda para uma outra constatação. Embora o turismo seja uma política pública as iniciativas em torno dele são, na sua maior parte, privadas. Lavras Novas é um laboratório vivo dessa colocação que estamos fazendo. Os grupos de neo-rurais vindos do meio urbano são aqueles que mais se beneficiam das políticas públicas em torno do turismo. Assim, enquanto uma classe mais abastada se direciona para o Distrito em busca de lucro, os habitantes desses locais acabam por se tornar assalariados (SOARES, 2007). Com relação à Estrada Real como sendo uma política pública, um proprietário de pousada nos coloca

(...) é pra querer aparecer [o Plano Estrada Real]. Nós fizemos uma caminhada ontem pela serra ali indo pra Chapada [Município Vizinho] e voltamos pela Serra do Trovão, tipo uns cinco, seis quilômetros. Tem aqueles mapas da Estrada Real aos montes, no meio do nada, assim. Eles falam que tão fazendo alguma coisa. Pra mim, enquanto não arrumar o esgoto, arrumar a água, tratar a água aqui e tiver certas políticas, assim, de apoiar a comunidade no turismo (...) Porque aqui o turismo foi feito sempre pela iniciativa dos moradores e por algumas pessoas de fora, nunca foi uma política pública (Proprietário de pousada E, entrevistado em 18/12/2011)

A fala desse entrevistado mostra um descompasso entre a política pública idealizada em cima de todo um *marketing* ambiental e a realidade vivida pela população. O paradoxo nessa situação nos aponta a ordem do discurso ambiental, tão presente no nosso dia a dia e que é assentada no termo sustentabilidade. Entretanto, entre a teoria e a prática existe uma distância considerável. O Estado, dessa forma, acaba por ser um dos grandes pilares dos conflitos ambientais resultantes do turismo enquanto política pública ao não oferecer as condições necessárias em termos de infra-estrutura o que acaba por colocar os grupos em oposição entre eles.

Entende-se que o Estado não é monolítico. Ele age influenciado por diversos interesses de classe. Essa discussão em torno do Estado enquanto gestor territorial nos remete a uma passagem escrita pelo filósofo e escritor tcheco Milan Kundera (2008) em “A insustentável leveza do ser”. O autor vem se questionar se o fato de sermos entusiastas, dotados de boas intenções em projetos promissores nos coloca menos responsáveis se algo não sair como o esperado. O fato de não se saber das conseqüências de um determinado ato não nos torna isentos de responsabilidade por ele. Embora as políticas públicas não venham a trazer o retorno esperado pelos seus idealizadores isso não faz deles menos responsáveis, ainda mais quando falamos do Estado, entidade responsável pelo controle do território. Como não se pode culpar o Estado, por ser uma entidade abstrata, a responsabilidade recai sobre os

governos nacional, estaduais e municipais. A questão central aqui não é ter consciência ou não a ter, mas sim os resultados que dela emergem. Assim é o com o poder público frente ao processo de turistificação dos espaços, conflitos resultantes das políticas públicas idealizadas para promover o desenvolvimento do meio rural são por assim dizer, também de responsabilidade do poder público enquanto gestor e enquanto agente ciente ou não dos resultados das suas ações. Mesmo os projetos mais entusiastas, mais promissores podem vir a gerar confrontos, tanto pela falta da infra-estrutura necessária para o sucesso da proposta, quanto pelo contato que promove de universos simbólicos distintos que são colocados frente a frente na disputa pela hegemonia das representações sociais. Isso porque buscar uma situação de consenso em meio a interesses tão diversos não é uma tarefa fácil de ser empreendida.

Dessa forma, é válido nos questionarmos como os representantes do Estado atualmente vêm e se posicionam diante das contendas geradas pelo turismo enquanto política pública. As intervenções no espaço pelo Estado são generalizadas. Assim sendo, o poder público não está considerando as minorias, já que homogeneíza os lugares por meio das políticas públicas o que o impede de trabalhar as diferenças. Ainda o Estado defende um conjunto de representações; ele é também um agente de representação sendo, por vezes, como aponta Boudieu (2008), mais um reproduzidor das representações sociais dominantes também por sofrer pressões por parte dos grupos ortodoxos. Portanto, o nível de conflito é muito mais amplo do que somente a esfera dos grupos sociais. Seria absurdo, como bem coloca Souza (2003) a separação entre Estado e mercado. Para esse autor, os pequenos conflitos somente mascaram os conflitos maiores vividos pelo país. De acordo com o autor, essa visão faz com que o Brasil nunca venha a pensar na questão das desigualdades sociais. Para ele o país se acostumou a viver com a idéia de que o mercado é virtuoso e o Estado é ausente e corrupto. Nesse raciocínio são reproduzidos preconceitos que são naturalizados pela classe dominada. Portanto, para o autor, a moralidade do mundo moderno é inarticulada, não é consciente, ou seja, não conjuga o comportamento social ao legado dos valores morais que são em si uma montagem institucional. O Estado, portanto, muitas vezes contribui para que se mascare a realidade, já que envolvido em jogo de poderes, prefere omitir que existe uma luta diária entre capital econômico e cultural entre os atores e que por isso, nem todos possuem as mesmas oportunidades.

Mais uma vez temos uma discussão em torno do Estado e do seu poder de gestão do território. Assim como as outras esferas da vida social, sabemos que a ação do Estado está inserida em

um modelo de sociedade e porque não dizer, um modo de produção. A visão desenvolvimentista que perpassa ambos os discursos está assentada sobre uma forte dicotomia entre meio ambiente e desenvolvimento. Para seguir a ordem do discurso ambiental adota-se o termo desenvolvimento sustentável que muito mais do que o cuidado com aos recursos naturais, busca uma não inviabilização de projetos dentro do paradigma da adequação (ZHOURI, LASCHEFSKI & BARROS, 2005). O que se percebe muitas vezes é que são criados sentidos comuns em torno da preservação ambiental cristalizando determinados discursos que muito pouco refletem a realidade. A questão ambiental é fortemente atrelada a um apelo social e midiático que não condiz com a realidade encontrada. Essa situação é vivida no distrito de Lavras Novas, onde há a atuação de uma política pública descontextualizada daqueles que deveriam ser os seus reais objetivos. Assim, os problemas ambientais encontrados em Lavras Novas, nada mais são do que reflexo da crise da sociedade industrial e as pressões sobre os recursos naturais que vivemos no momento presente, quando a aparência é muito mais importante do que a realidade, o que pode ser percebido no discurso modista da sustentabilidade em torno da atividade turística. Embora exista um aparato legal que regula as ações no espaço geográfico e, para certos grupos e ações ele realmente funciona, já que o campo político é também um jogo de interesses, existe da mesma forma, uma defasagem entre o discurso e a prática em determinados aspectos da questão ambiental por trás das políticas públicas sobre as quais se faz vista grossa.

Dessa forma, a questão central é a dominação, que é anterior a qualquer outra e está na vida diária e na própria esfera da ação estatal como podemos verificar por meio do turismo enquanto política pública. Existem as regras que são perceptíveis por todos os indivíduos. Todo princípio, portanto, acaba por classificar as pessoas como superiores ou inferiores de acordo com a posição social ocupada no interior do campo social (BOURDIEU, 2008). Também o Estado por meio dos processos educacionais acaba por corroborar com essa idéia, na qual existe uma classe vencedora e outra perdedora ancorada em condições sociais diversas. A questão colocada por Souza (2003), contudo, é em que momento o capitalismo e o neoliberalismo se transformam em drama humano? O que é certo é que a globalização erodiu as fronteiras do Estado-Nação e com isso afetou também o seu poder de decisão (ZHOURI, LASCHEFSKI, BARROS, 2010). Para Souza (2003) essa questão norteia um conflito muito maior, o conflito que perpassa as desigualdades sociais no país e que são invisibilizadas como forma de manter legítimo o jogo de dominação entre as classes. Em Lavras Novas, a situação não é diferente. As pessoas também estão presas em uma “jaula de

ferro” que contribui para a manutenção de posições sociais e, por conseguinte, das condições de desigualdade. A falta de apoio do poder público à comunidade acaba por comprometer ainda mais essas desigualdades que não são exclusivas do distrito de Lavras Novas e que como aponta o autor, são apenas a ponta do *iceberg* de uma problemática social que se encontra em uma dimensão bem mais ampla.

A concepção hegemônica, portanto, que está na “*ordem do discurso*” (FOUCAULT, 2007) do desenvolvimento dito sustentável ao longo da Estrada Real tem ocasionado problemas ambientais diversos ao distrito com o consentimento do Estado por meio das intervenções espaciais. Entre os tópicos mais salientes nas entrevistas pudemos observar o descontentamento em torno da infra-estrutura como uma tensão generalizada entre os grupos e o poder público. As reclamações concernentes às condições da estrada que dá acesso ao distrito e à qualidade da água sempre traziam ao imaginário dos entrevistados os vocábulos “*desleixo*”, “*pouco caso*”, “*falta de atenção*” por parte da prefeitura. A contaminação da água pelo esgoto sanitário proveniente das casas e pousadas são um dos pontos centrais da tensão. Apesar de a maioria das casas terem ligação com a rede pública de esgoto, não existe uma estação final para o tratamento dos resíduos, portanto, em muitos pontos do distrito encontramos esgoto a céu aberto. As residências mais próximas dos locais problemáticos sofrem com o mau odor proveniente da contaminação. Trata-se, ainda, de um problema de saúde pública em função das doenças que podem vir a afetar o distrito devido ao problema. Em Lavras Novas, obtivemos nas entrevistas informações de que é comum ocorrerem surtos de infecções intestinais que os entrevistados associaram à contaminação da água por esgoto. Diante da situação questionamos o poder público sobre as condições da água oferecida para consumo no distrito que mencionou não haver nenhum problema com sua a qualidade. Também informaram não ter conhecimento dessas infecções que ocorrem no distrito.

As críticas quanto a infra-estrutura disponível no distrito também partem dos turistas. Não percebemos uma associação entre a ausência de infra-estrutura e a Prefeitura de Ouro Preto. Apenas em uma das entrevistas foi defendida a emancipação do distrito em relação à sede. Entre as reclamações dos turistas está principalmente o acesso aos pontos de visitação no distrito, assim como da falta de sinalização nas estradas e de sinal de telefonia. Segundo os entrevistados no caso de acontecer qualquer problema com os visitantes nesses locais não há a possibilidade de pedir socorro. Se o casal tiver filhos pequenos, a dificuldade é ainda maior, devido às trilhas que são mal cuidadas e representam um risco para o turista que se vê então,

obrigado a contratar um serviço de guia. Outra questão que impera entre as reclamações é a falta de infra-estrutura médica, e que inclusive perpassa as indignações dos nativos que dependem diretamente das condições de saúde oferecidas em Lavras Novas.

Assim conformada, a situação alimenta o imaginário social em torno da ausência do poder público em Lavras Novas e mesmo noções de incompetência passam a nutrir a memória coletiva dos grupos sociais que exploram a atividade no distrito. Acostumados que estão com a situação atual, os entrevistados demonstram descrença quanto à possibilidade de melhorias futuras partindo de ações do poder público. Existe uma lacuna entre o que é dito e o que é feito pela Prefeitura de Ouro Preto em Lavras Novas. Há uma longa distância a ser percorrida quanto ao discurso proferido pelo poder público nas entrevistas e o que é notado em termos de ações efetivas pela população. Também os estudos de Chaves (2011) em Lavras Novas encontraram uma discrepância entre as políticas públicas e a experiência do cotidiano. Há assim, um desencanto em relação à esfera política, uma vez que a população passa a desacreditar que medidas tomadas pelo poder público no distrito possam ser possíveis.

A passagem abaixo é mais uma tentativa de expressar a tensão existente entre a população e o poder público em função das demandas de um distrito que convive com diversos problemas ambientais devido à massificação do turismo. A ironia expressa nas palavras do entrevistado demonstra um posicionamento conflitante em relação à ausência das ações do poder público em Lavras Novas. Assim, o entrevistado nos coloca:

Esse rio aqui de baixo aqui, diminuiu a água, tem uma bacia aqui em baixo destruída, não tá preparado pra esse tanto de coisa não. Tem que começar tudo do zero. As vezes um cara vem aqui me multar e eu pergunto pra ele “Você veio de que?” ele diz que veio de carro, aí eu falo “Achei que você tinha vindo de helicóptero, que você não tinha passado na estrada”. E eu pergunto “Você já tomou um pouquinho de água hoje? Quer um pouquinho de água? A água é poluída. Aqui tem água poluída, você quer?” Aí ele fala “isso que você tá querendo não é comigo”. Então eu falo “isso que você tá querendo também não é comigo.” Primeiro a prefeitura tem que fazer as coisas certas pra depois vir cobrar as coisas aqui. (Nativo G, entrevistado em 17/11/2011)

Essa passagem coloca em foco todo o conjunto de tensões tratadas anteriormente. Nessa fala o entrevistado é enfático ao apontar os problemas enfrentados atualmente no distrito e quem ele responsabiliza por eles. A ironia por trás da colocação “*Você já tomou um pouquinho de água hoje? Quer um pouquinho de água? A água é poluída. Aqui tem água poluída, você quer?*”

nos mostra o sentimento de revolta desse entrevistado em relação à ausência de ações do poder público no distrito.

No que concerne aos problemas estruturais relacionados à atividade de uma forma geral, o próprio Plano Nacional de Turismo, criado MTUR (2004) ainda não conseguiu dar conta do problema e nos aponta a deficiência crônica na gestão e na operacionalização de toda a infraestrutura básica (saneamento, água, energia, transportes) e turística. De lá para cá, pouca coisa mudou efetivamente. A desarticulação entre os diversos órgãos ligados à atividade turística, dado que se trata de uma política pública transversal, é um dos principais problemas ainda enfrentados. Essa situação somada à falta de apoio às pequenas comunidades receptoras dessa nova demanda do mundo moderno acaba se tornando um problema social e ambiental bastante complexo. Também em Ouro Preto observamos essa desarticulação por parte dos vários órgãos, que teoricamente, deveriam ser responsáveis pelo planejamento da atividade no distrito de Lavras Novas. As propostas para o turismo promovidas pelos órgãos públicos que são responsáveis direta e indiretamente pela política são feitas de forma setorial, não havendo um diálogo entre os atores responsáveis. Assim, que as entrevistas nos apontaram é que existe pouca integração entre as secretarias ligadas à prefeitura para a gestão da atividade no distrito. Os representantes do poder públicos mencionaram que mesmo a situação do turismo na sede se encontra problemática e que a situação, portanto, não é exclusiva do distrito de Lavras Novas. Ao que tudo indica a comunicação entre a comunidade de Lavras Novas e a Prefeitura tem crescido, muito em função da posição assumida pela Associação de Moradores de Lavras Novas que vem pleiteando junto ao poder público municipal um olhar mais atento para com o Distrito..

O que não podemos perder de vista, e que certamente, está na mente dos idealizadores de uma política pública, é a busca pela melhoria da qualidade de vida. Vale, portanto, ressaltar que a qualidade de vida de uma sociedade está correlacionada ao direito a um meio ambiente saudável o que também está relacionado com a execução de uma política urbana voltada para ao bem estar social, sem deixar de lado a sociedade civil como forma de legitimação da execução de questões de peculiar interesse local (TAVARES, 2011). As situações de contaminação dos cursos hídricos no distrito de Lavras Novas estão muito longe desse ideal de meio ambiente saudável para todos.

Outro conflito identificado está na relação dos proprietários rurais com o ramo do turismo aventura. Isso porque as trilhas feitas em motos, jipes e ainda os carros de passeio acabam por

causar problemas às propriedades. Entre as queixas está a erosão das trilhas e mesmo as porteiças que ficam abertas permitindo que o gado fugisse. Também existem reclamações com relação às visitas às cachoeiras em terras privadas. Isso porque o problema da geração do lixo traz problemas para a propriedade. Um entrevistado coloca que para ele o problema todo é gerado pelas motos de trilhas. Assim ele coloca *“esses negócios aí de fazer trilha de jipe, esses motoqueiros, isso aí é destruição. Isso é destruição. Isso é coisa que eles deviam de fazer dentro da área deles. Porque não tem estrada que agüenta não”*(Nativo entrevistado em 15/10/2011).

Percebemos, conforme bem nos coloca Acselrad (2004) que os conflitos ambientais podem ser entendidos como resultado de duas ou mais relações de poder expressas por representações sociais em disputa pelo domínio de uma organização sócio-espacial. No embate entre representações distintas o que está em jogo não são apenas posições, mas também direitos, hierarquias e, finalmente, a própria ordenação da estrutura social. Nesse sentido, o turismo no meio rural, ao colocar em contato grupos sociais diversos tanto nas atividades de lazer oferecidas quanto pela exploração econômica dos recursos naturais, se converte em um novo potencial de conflitos em torno da apropriação simbólica e material da natureza, ou do meio onde os diversos grupos realizam as suas atividades. A presença desses grupos, com suas novas propostas de ocupação do território, provindas da posse diferenciada de capitais para apropriação dos recursos oferecidos pelo meio, atraídos pelas representações sociais do Estado na regulação do espaço, modifica a territorialidade local. O turismo no meio rural, dentre as políticas públicas para o campo, tem sido uma das fontes para que possamos perceber representações sociais conflitantes sobre o mesmo espaço. Nestes conflitos ambientais que denominamos territoriais (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010) os interesses estão pautados em memórias e representações sociais distintas, o que não significa que uma delas é a mais legítima, apenas que existem formas distintas de apropriação do espaço.

As lógicas culturais e as representações em contestação compõem os conflitos no campo social do turismo. Trata-se de lutas em torno de formas diferenciadas de apropriação e uso materiais territorializados, ancorados em significados diversos atribuídos aos mesmos recursos. Os conflitos ambientais são, por um lado, uma disputa relativa à distribuição de poder quando diferentes tipos de capital se constituem como trunfos de legitimação e dominação e, por outro, um conflito simbólico sendo colocadas em foco as representações, as crenças e os esquemas classificatórios que estruturam e legitimam as ditas relações de poder.

No campo ambiental os agentes interativos estão desigualmente armados já que são detentores de instrumentos políticos, econômicos e simbólicos desiguais. Isso nos mostra que no espaço social onde se dão os embates, agentes e instituições estão dotados de possibilidades diferenciadas de fazer valer suas respectivas visões de mundo. Portanto, no caso dos conflitos ambientais, não estão em disputa apenas a conservação dos recursos naturais ou o “equilíbrio” dos ecossistemas; estão em jogo sim, as formas de apropriação de territórios associados a distintos “ambientes”; construções simbólicas da diversidade de sujeitos que constituem o espaço social (VIEGAS, 2009, ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010).

O que esse capítulo procurou demonstrar é que problemas relacionados à governança ambiental são os focos dos conflitos em Lavras Novas. Por um lado, parcela da população local, insatisfeita com a perda da autonomia do seu território, contesta as ações *ortodoxas* dentro do campo e procura romper com o *status quo*. Por outro lado, imaginários sociais distintos provocam um “racha” entre os nativos, dado que a outra parcela não contesta as ações e, ao contrário, corrobora com elas. Também as representações sociais estanques entre nativos e proprietários de pousadas em termos da funcionalidade do meio ambiente acabam por confrontar os dois grupos pela legitimação da visão de mundo legítima sobre o distrito. Ainda questões ambientais ligadas à distribuição dos recursos naturais no distrito causam certo mal-estar com a prefeitura de Ouro Preto, constantemente acusada de abandono pelos grupos de uma forma geral. Pelo que o leitor pôde verificar, a relação de desconforto com a Prefeitura não se assenta somente na questão da distribuição da água, mas principalmente quanto à contaminação dos cursos hídricos por esgoto sanitário que muito tem prejudicado a população local. Todo esse processo de degradação ambiental também incomoda os empresários locais, que vêem o problema como uma ameaça à imagem do distrito de Lavras Novas em relação ao turismo. Procuramos ainda informar que, embora os conflitos sejam inerentes ao convívio social, eles podem ser agravados pelas políticas públicas. Isso porque, em geral, não há apoio às comunidades que passam, de repente, a participar mais fortemente da esfera do capital sem, contudo, estarem preparadas, tanto em termos de infra-estrutura quanto em termos de capitais sociais, culturais e financeiros. Diante dessa diferenciação em termos dos capitais necessários para a ocupação das melhores posições no interior do campo, os moradores do meio rural são encaminhados para uma condição de subalternidade (SOUZA, 2003) em relação aos grupos de neo-rurais que passam a se apropriar da atividade como busca pelo lucro.

4- Considerações finais

Com essa proposta de trabalho assumimos a missão de entender os universos simbólicos que orientam a prática social quanto à relação dos grupos sociais em Lavras Novas com a atividade turística. Propusemos, de uma forma geral, avaliar a existência de tensões ambientais no Distrito de Lavras Novas provenientes de diferentes visões de mundo sobre a exploração dos recursos naturais para o turismo. Procuramos tratar dos conflitos ambientais (ACSELRAD, 2004; VIÉGAS, 2009; ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010) encontrados em campo a partir do olhar da Teoria das Representações Sociais, dialogando ainda com Bourdieu (2008) por considerarmos que as representações são elementos estão embutidos na estruturação do campo social.

Lavras Novas convive diariamente com uma diversidade de agrupamentos sociais. Entre os diferentes grupos existem diferenças sócio-econômicas e culturais. A dissonância de capitais acumulados pelos grupos que exploram o turismo configura formas distintas de apropriação do meio natural no distrito. Diante dessa conjuntura encontramos em Lavras Novas um espaço de diferentes percepções e representações sociais, como também diferentes formas de poder atuando no território, elementos centrais na configuração de um conflito ambiental territorial. Além das transformações culturais, com o turismo não planejado, o local passa a enfrentar também conflitos ambientais espaciais, como a poluição, o barulho, a falta de alguns serviços sanitários, a ocupação desordenada dos ambientes, o aumento do lixo deixado nas vias públicas, a contaminação dos cursos hídricos por esgoto sanitário, a falta de água, etc.

Com base nos nossos levantamentos de campo chegamos à confirmação da hipótese proposta de que existem conflitos ambientais em Lavras Novas resultantes das diferentes visões sobre a exploração dos recursos naturais pela atividade turística. Vale ressaltar que as contendas identificadas não estão relacionadas com a existência da atividade no distrito, mas sim com as desigualdades em termos de possibilidade de exploração. Essa relação é mais dramática quando a população local está sendo colocada como subalterna a outra classe social para quem vem perdendo a autonomia quanto às decisões voltadas para o turismo no distrito. O que se pode verificar é que, com exceção dos idosos, os grupos sociais em Lavras Novas são favoráveis ao desenvolvimento da atividade no distrito, o que os coloca, portanto, de acordo nesse ponto. Existe um paradoxo nessa disputa, dado que cada um dos grupos defendem posições contrárias quanto a forma como a atividade turística é explorada no interior do

campo social. Mesmo diante da singularidade dos interesses envolvidos existe entre eles um ponto de concordância, aquele que se assenta sobre a necessidade da exploração do turismo para a sobrevivência do Distrito de Lavras Novas. Portanto, o desenvolvimento da atividade turística é de interesse de ambos os lados envolvidos nas tensões que envolvem o turismo.

No entanto, a atividade tal como vem se desenvolvendo tem causado certo desgaste nas relações entre os grupos sociais que vivem da atividade. O principal conflito identificado se passa entre os empresários e a população local, e podem ser entendidos com base em dois critérios. Por um lado, a situação conflituosa deriva do fato de que nem todos se apropriam dos frutos do turismo da mesma forma. O turismo, portanto, acaba se convertendo em uma ferramenta concentradora de renda. O que pudemos perceber é que a exploração das atividades turísticas desenvolvidas atualmente no distrito é feita quase que totalmente por uma classe de neo-rurais, aqueles a se apropriarem em maior escala das divisas geradas pelo turismo no distrito. As diferenças de poder dentro do distrito, dada pelo acúmulo dos capitais sociais, econômicos, culturais distintos, acabam permitindo a uns mais do que a outros a apropriação do espaço geográfico por meio da atividade turística. Por outro, com a chegada dos grupos neo-rurais ao Distrito, visões de mundo distintas com relação à exploração do turismo passaram a conviver entre si. Assim, determinadas representações estão se fortalecendo e modificando a relação com o meio ambiente no distrito. Esses são os principais focos de desavenças porque acabam por confrontar dois dos grupos sociais em função das territorialidades estabelecidas pelas visões de mundo distintas. Diante da imposição de um conjunto de racionalidades da classe dominante do campo, a população se sente excluída dos processos decisórios com relação à atividade. A perda da autonomia por um lado os tornam menos gestores do seu território e mais dependentes dessa classe, o que não tem agrado à população. Diante disso, os nativos, por meio da Associação de Moradores, adotam estratégias de subversão para modificar as relações no campo. Como exemplo dessas estratégias podemos citar as festas de comemoração do Carnaval e do Réveillon que fogem totalmente ao imaginário dos grupos dominantes sobre a imagem a ser adotada pelo distrito para o turismo. Percebemos que por meio de tais estratégias há uma disputa pelas representações sociais a serem legitimadas no campo. Trata-se, então de conflitos em torno da apropriação simbólica e material do território de Lavras Novas.

Nossas entrevistas apontam que as visões de mundo que orientam as ações sobre o espaço local diferem mesmo no interior de um mesmo grupo social. Isso porque entre os grupos

sociais que se apropriam da exploração do turismo como atividade econômica e ainda entre aqueles que dela não fazem uso, mas acabam sofrendo com os impactos por ela gerados. Nem mesmo entre os nativos as representações em torno do turismo são consensuais, o que configura uma quebra no equilíbrio social anterior. Para muitos a exploração do turismo é importante por ser fonte de emprego e renda para os moradores. Já outros se sentem afetados pelas transformações que a atividade acarreta para o espaço local. Assim, barulho, lixo, falta de água, muitas pessoas transitando diariamente pelo distrito, falta de segurança, etc., são elementos que surgem na fala dos nativos, principalmente dos idosos, que se sentem afetados negativamente pelo turismo. Também os neo-rurais se queixam dessa situação, porém considerando que o perfil de turista que visita Lavras Novas são pessoas de maior poder aquisitivo que buscam no Distrito paz e tranquilidade.

Também mapeamos tensões entre os grupos e a Prefeitura de Ouro Preto. Esses conflitos ambientais eram de ordem distributiva (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010) em torno da qualidade e disponibilidade do abastecimento de água no Distrito e ainda de ordem espacial ligados à contaminação dos cursos hídricos pelo esgoto sanitário e ainda às péssimas condições da estrada que dá acesso ao distrito. Vale considerar que alguns conflitos ambientais, principalmente os distributivos, podem ser resolvidos por meio da atenção dos órgãos públicos às demandas da população. Em Lavras Novas, as reclamações em torno das falhas no abastecimento e da qualidade da água disponível para consumo eram constantes entre os grupos sociais. Esse conflito, segundo a Prefeitura de Ouro Preto, já está sendo solucionado com a construção de um novo reservatório. Também as tensões quanto às condições físicas da estrada que dá acesso ao distrito estavam em via de serem resolvidas com o asfaltamento da estrada que já estava em vias de ser começado quando terminamos os levantamentos de campo. O que se manteve inalterada durante a realização dessa pesquisa é a situação da contaminação dos cursos hídricos por esgoto. A Prefeitura argumenta não ter condições financeiras para empreender um projeto de tal dimensão no Distrito, visto que existem outras prioridades e mesmo a sede não conta com um eficiente sistema de tratamento de esgoto.

Observamos, além disso, de forma mais ampla, a existência de representações sociais conflitivas quanto aos interesses da população local e as representações sociais do Estado emplacadas por um modelo de desenvolvimento que acaba por concentrar ainda mais a renda no campo brasileiro. O que se percebe é a busca pelo lucro por meio da natureza como

mercadoria sem, contudo, oferecer às comunidades locais o aparato necessário para que elas consigam entrar no circuito do capital não se tornando somente mão-de-obra assalariada. Pelo que podemos verificar as diferenças de capitais acumulados são fundamentais para a ocupação de determinada posição no campo social seja lá qual for, o que leva a população local à condição de subalternidade. Esse macro-conflito, contudo, pode ser também entendido como um conflito ambiental distributivo devido a desigualdade em relação ao acesso aos riquezas produzidos a partir dos recursos naturais da região.

Os resultados das entrevistas, portanto, trouxeram a necessidade de se considerar a subjetividade dos grupos sociais para entender a dinâmica das transformações espaciais por meio de suas representações sociais. Esse seria o caminho por conciliar os interesses objetivos e subjetivos que deveriam envolver uma política pública. Estudos dessa natureza abrem espaço para se pensar nas limitações das políticas públicas de incentivo ao turismo a partir das dificuldades enfrentadas na vida diária pelos grupos por elas afetados.

Este estudo vem reforçar a idéia de que em um processo de planejamento turístico deve-se passar pela valorização dos grupos sociais nele envolvidos para que seja possível pensar formas de inclusão daqueles para os quais a política foi criada. A lei que regulamenta a exploração da Estrada Real cria uma defasagem em relação ao dito e ao feito o que aponta ainda para a necessidade de se repensar determinadas políticas públicas e as bases sobre as quais elas estão idealizadas.

Vimos por meio desse trabalho oferecer elementos para a Extensão Rural moderna por meio de mais uma tentativa de reflexão sobre os moldes nos quais se embasa o discurso sobre o meio rural. É necessário verificarmos que o campo tem se aproximado cada vez mais da cidade em termos de serviços oferecidos. Essa situação é verificada no turismo, por exemplo. Para a Extensão Rural a maior contribuição dos nossos levantamentos é apontar a necessidade de o Estado ampliar a política pública do turismo que, voltada para o meio rural, não venha a priorizar somente os grupos privadas. Caberia dessa forma, fazer uma análise de texto e contexto no qual as comunidades receptoras estão inseridas antes de direcionar uma política pública generalista. Um novo olhar sobre o turismo enquanto política pública teria como foco permitir a todos as mesmas oportunidades de acesso aos frutos da atividade da mesma forma que um maior poder de gestão sobre o próprio território. Tais iniciativas seriam vantajosas não somente em termos de promover uma maior igualdade social entre os grupos, mas no sentido de permitir a manutenção das diferenças culturais, não “impondo” um modelo de

comportamento para determinados grupos. Políticas generalistas em torno da atividade turística contribuem para a perda em termos ambientais e culturais nos ambientes dos quais elas se apropriam.

Além disso, consideramos que uma das maiores contribuições do nosso trabalho é exatamente apontar para o distanciamento que existe entre o dito e o feito em relação à prática do turismo. O que queremos dizer com isso é que mesmo após quase dez anos da elaboração do Plano Nacional do Turismo (2003) a realidade da exploração da atividade no campo ainda não mudou. Entre os discursos dos documentos que regulam o turismo como política pública e as ações para viabilizá-lo enquanto tal existe uma distância considerável. Portanto, estamos propondo uma análise em micro escala que não descontextualize o fato das ações que o criaram. Sendo assim, os problemas em torno do meio ambiente não podem ser deslocados do seu tempo e espaço, e da mesma forma, da ação de um grupo social e de seu sistema de organização.

Assim, torna-se preponderante para o sucesso de uma intervenção no meio rural não igualar os atores sociais como se todos tivessem as mesmas oportunidades de fazer parte dela, o que está muito longe da realidade vivida. As desigualdades sociais estão por todos os lados e são, sem dúvida, um combustível para incendiar as relações sociais. Partimos de uma análise local que não está descontextualizada de uma situação de conflito global, aquela que confronta diferenças sociais gritantes entre os grupos. Em nível microscópico a Política Nacional do Turismo cria configurações específicas nas quais diferentes atores, com pesos políticos diferentes, entram em conflito através de suas representações, práticas e resultados obtidos nessa disputa. A própria Prefeitura Municipal é um desses atores.

É importante não perdermos de vista que a Extensão Rural enquanto aparelho de política pública que possui normas e documentos que a regulam. As ações extensionistas são embasadas nas representações sociais do Estado de como gerir um território. No entanto, sabemos que o olhar do Estado é generalizante, homogêneo e, portanto, reduzido, não enxergando as micro-relações em um determinado espaço. O paradoxo nessa questão é que políticas públicas que deveriam se constituir em um instrumento apaziguador de conflitos acabam se constituindo em um foco de tensões.

Entendemos que a valorização das representações sociais dentro de uma organização social é central para o processo interventivo, pois são a base das diferentes formas de apropriação

simbólica e material do espaço local As políticas desenvolvimentistas são políticas territoriais que se chocam com territorialidades dos grupos locais e seus modos da apropriação da Natureza e/ou do meio onde vivem. Nesta situação surgem conflitos ambientais territoriais, que configuram - diferentemente dos conflitos ambientais espaciais ou distributivos mencionados acima - os maiores desafios em relação a sua resolução (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010). Isto porque no caso de conflito territorial as possibilidades da negociação são limitadas, com a consequência que um lado tem que abrir mão das suas representações sociais sobre o recorte espacial em questão. Assim, se induz a mudança social forçada, algo evidenciado a partir das representações distintas da atividade turística entre as gerações mais velhas e as mais novas dos moradores nativos em Lavras Novas. Dessa forma, a criação de políticas públicas generalizadas para o local sem pensar nas diferenças como há muito vem sendo feito pelas políticas públicas significa se fechar para o diálogo com as diferenças sócio-culturais. O que é necessário, ao nosso ver, é uma mudança de postura, pois muitas vezes as ações não surtem efeito porque estão centradas em uma única visão de mundo, da qual nem todos compartilham. O entendimento da pluralidade das representações sociais, sobretudo em relação à Natureza e ao ambiente, se torna fundamental para que seja possível entender as relações de poder em jogo no campo. Nesse processo entender o “outro” se torna essencial para construir medidas que favoreçam o diálogo entre os atores e seus diferentes projetos de uso e significação do espaço. O entendimento da organização territorial, portanto, é um ponto importante porque nos possibilita uma visão não somente das questões objetivas que estão envolvidas nas tensões, como também a subjetividade daqueles que nele estão envolvidos. Portanto, a conclusão a que chegamos é que o turismo enquanto política pública voltada para o meio rural, embora priorize a busca pela cidadania e melhoria de vida, tem aumentado disparidades, promovendo a concentração de renda no campo e colocado em choque visões de mundo distintas em um mesmo território.

Referencial bibliográfico

ACSELRAD, H. *As Práticas Espaciais e o Campo dos Conflitos Ambientais*. In: ACSELRAD, H. (org.) *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ACSELRAD, H. Apresentação. In: *A Insustentável Leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socio-Ambientais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

ALMASSY JUNIOR, A. A. *Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, Ouro Preto/MG*. Tese de doutorado. Viçosa/MG. UFV. 2004. xiv. 132f. il 29cm.

ALMEIDA JR; HÖEFFEL, J. L. de M. & QUEDA, O. *A propriedade rural como símbolo*. São Paulo: Hucitec, 2008.

ASSIS, M. C. L. *O programa estrada real e o desenvolvimento turístico: um estudo de caso no trecho Ouro Preto-Ouro Branco*. (Tese de Doutorado) Centro Universitário UMA, UNA, Belo Horizonte.

APPOLINÁRIO, F. *Metodologia da Ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa*. São Paulo: Thompson, 2006.

BACZKO, B. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1. Memória e História. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, p. 296-331

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Edição bilíngüe. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BONNEMAISON, J. *"Voyage Autour du Territoire"*. In: *L'espace géographique*, 1981, p. 249-262.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2008

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural*. Brasília: MDA/SAF/Dater, 2004.

BRASIL, Missão do Ministério do Turismo. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/missao/index.html Consultado em 19/03/2012

BRASIL. Ministério do Turismo. Cadernos e Manuais de Segmentação. Marcos conceituais. Brasília: MTUR/Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, s/d.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil*. Brasília: MTUR/Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, 2004.

CARDOSO JR, J. C.; JACCOUD, L. *Políticas sociais no Brasil: organização, abrangência e tensões da ação estatal*. In: JACCOUD, L. (Org.). *Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo*. Brasília: Ipea, p. 181-260, 2005.

CARLOS, A. F. A. O turismo e a produção do não - lugar. In *Turismo: espaço, paisagem e cultura*, org. Eduardo Yázigi e outros, São Paulo, Hucitec, 1996, p. 25-37.

CHARTIER, R. A. *História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAVES, F. N. *As festas populares e o contexto midiático: Lavras Novas e o futuro de sua identidade cultural*, 2004.

CORDEIRO, E. D. *O Turismo como fomentador da configuração espacial do município de Ouro Preto: o novo distrito de Lavras Novas*. *Cultur - Revista de Cultura e Turismo*. Ano 2, n. 2, jul., 2008.

DOUGLAS, M. *Como as instituições pensam*. São Paulo: EDUSP, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, A.; OLIVEIRA, E. H.; SANTOS, M., SAADI, A. *Estrada Real Análise crítica das políticas de exploração turística da Estrada Real adotadas pelo Governo do Estado de Minas Gerais período de 1999 a 2003*. 2003, 59 f.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R.; LIMONADE, E. *O território em tempos de globalização*. GeoUERJ. Revista do Departamento de Geografia. N.1 Rio de Janeiro: UERJ, 1997

HALL, M. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. São Paulo: Contexto, 2001.

JODELET, D. *As representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, D. (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001;

JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000, 232p.

LASCHEFSKI, K. *Licenciamento e Equidade Ambiental: As racionalidades distintas de apropriação do ambiente por grupos subalternos*. In: ZHOURI, Andréa. (Org.). *AS TENSÕES DO LUGAR: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental*. Belo Horizonte: Editora UFMG (Humanitas), 2011, v. , p 28-29.

Lavras Novas Turismo. Hospedagens – Pousadas. Disponível em: http://www.lavrasnovas.com.br/hosp_pousadas.php. Acessado em 10/10/2011.

LEFÈVRE, H. *The Production of Space*, Oxford: Blackwell, 1991

LEFF, H. *Epistemologia ambiental*. São Paulo:Cortez, 2001

FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LUZ, E. M. T. *A competência municipal em matéria de proteção ao meio ambiente artificial. O confronto entre o mundo do ser e do dever ser*. Jus Navigandi, Teresina, ano 10,n.984,12mar. 2006. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8071>>. Acessado em: 04 de abril de 2012.

MOSCOVICI, S. *Das representações sociais às representações coletivas*. In: JODELET, D. (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001

MOTA, K. C. N. *Marketing Turístico: promovendo uma atividade sazonal*. São Paulo: Atlas, 2001

MOTA, K. C. N. *Marketing Turístico: promovendo uma atividade sazonal*. São Paulo: Atlas, 2001

MUGGLER, C. C.; PINTO SOBRINHO, F. de A.; MACHADO, V. A. *Educação em solos: princípios, teoria e métodos*. *Rev. Bras. Ciênc. Solo*, Viçosa, v. 30, n. 4, Aug. 2006
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-06832006000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Nov. 2010.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. *Bourdieu & Educação*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OPSCHOOR, J. B. *Environment, Economics and Sustainable Development*. Groningen: Wolters Noordhof Publishers, 1992

PAES, M. T. D. *Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais: um olhar geográfico*. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.) *Turismo de base comunitária – diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. Letra e Imagem; Ministério do Turismo, 2009. p. 162-176. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf>>. Acesso em: 26/04/2012.

Prefeitura de Ouro Preto. *Plano de inventário do acervo cultural de Ouro Preto*: Secretaria Municipal de Cultura, 2005.

Receptivo Lavras Novas Turismo. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Receptivo-Novas-Lavras-Turismo/135913226482873>. Acessado em: 05/03/2012.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, L. M. A.; GOMES, E. T. A.; SANTOS, M. F. S. *Diferentes olhares sobre a natureza– representação social como instrumento para educação ambiental*. Estudos de Psicologia, Natal, v. 10, n. 1, p. 41-51, 2005.

SILVA, V. G. “Nos bastidores da pesquisa de campo”. Cadernos de Campo, São Paulo, ano 8, n.7, 1997-8, p. 239-42

_____. *O antropólogo e a sua magia: Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Edusp. 2000.

SOARES, M. D. O. (2009) *As contradições do Turismo no Espaço Rural: vida, trabalho, renda e exclusão*, (Tese de Doutorado), Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SOUZA, J. *A Construção Social da Subcidadania: para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

TÁRCIA, C. *Jornal Santo da Casa*. Ouro Preto: 2003, n. 45.

TRAVASSOS, L. E. P.; GUIMARÃES, R. L.; VARELA, I. D.. *Áreas cársticas, cavernas e a Estrada Real. Pesquisa em turismo e paisagens cársticas*. Campinas, v.1, n.2, p.107-120, 2008.

VIÈGAS. R. N. *Conflitos ambientais e lutas materiais e simbólicas. Desenvolvimento e Meio Ambiente*, UFPR, n. 19, p. 145-157, jan./jun. 2009.

YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A. e CRUZ, R. C. A. (orgs.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. *Desenvolvimento e conflitos ambientais: um novo campo de investigação*. In: ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. (Org.). *Desenvolvimento e conflitos ambientais*. Belo Horizonte: UFMG, 2010, p. 11-33.

ZHOURI, A. *A Re-Volta da Ecologia Política: conflitos ambientais no Brasil*. Ambiente e Sociedade (Campinas), Campinas, v. 7, n. 2, p. 206-207, 2004.

Apêndice

Roteiro semi-estruturado utilizado para a entrevista com os turistas

1. Como você caracteriza (esta vendo) o distrito de Lavras Novas?
2. Como são os moradores de Lavras Novas?
3. Como é foi a acolhida dos moradores de Lavras Novas?
4. Qual a forma utilizada para chegar à Lavras Novas?

() Carro particular () Moto () Bicicleta () Ônibus de linha () Van/Ônibus de excursão () Carro alugado () Outros. Qual?

5. O que você mais valorizou ao escolher Lavras Novas para visitar. Escolher três possibilidades e atribuir pesos a elas.

Elementos avaliados	1	2	3	4	5
Belezas cênicas					
Passeios ecológicos					
História local					
Esportes radicais					
Manifestações culturais					
Contato com a cultura local					
Gastronomia					
Tranquilidade					
Atendimento					
Serviços oferecidos pelos meios de hospedagem					
Fins educativos					

6. O que você encontrou no distrito está de acordo com o que imaginou encontrar?

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

7. Você conhece as atrações naturais do entorno de Lavras Novas?

() Sim. Quais? _____ () Não

8. Qual a importância da natureza/meio ambiente para você?

9. Como os recursos naturais da cidade são percebidos e tratados pelos moradores de Lavras Novas?

Elementos avaliados	0	1	2	3	4	5
Cachoeiras						
Serras						
Represa						

10. Como as atrações naturais da cidade são percebidas e tratadas pelos visitantes/turistas?

Elementos avaliados	0	1	2	3	4	5
Cachoeiras						
Serras						
Represa						

11. Como Lavras Novas é tratada pela prefeitura de Ouro Preto?

Elementos avaliados	0	1	2	3	4	5
Água						
Rede de esgoto						
Lixo						
Energia Elétrica						
Cachoeiras						
Serras						
Represa						
Mirantes						
Limpeza das ruas						
Segurança						

Serviços médicos						
------------------	--	--	--	--	--	--

12. Onde você se hospeda ao visitar Lavras Novas?

() Pousada () Chalé () Quartos nas casas de moradores () Casa alugada () Casa própria () Não faz uso de meios de hospedagem (por que?) () Outros. Quais?

13. O que você valorizou quando fez a escolha do meio de hospedagem?

14. Você observa a existência de problemas ambientais em Lavras Novas? Quais?

15. Quem você acredita serem os responsáveis pelos problemas ambientais em Lavras Novas?

Responsável	0	1	2	3	4	5
Moradores						
Prefeitura						
Comerciantes						
Proprietários de meios de hospedagem						
Empresários do ramo do turismo aventura						

() Outros. Quais? _____

16. Quais os aspectos positivos e negativos do turismo para Lavras Novas?

17. Durante o tempo no qual visita o distrito você tem percebido alguma modificação? Qual?

18. Qual a sua expectativa ou sugestões com relação ao turismo em Lavras Novas?

19. Satisfação quanto aos serviços oferecidos no distrito.

Elementos avaliados	Excelente	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Não satisfatório	Não respondeu	Comentários
Água								

Rede de esgoto								
Lixo								
Energia Elétrica								
Atrativos Naturais								
Atrativos históricos culturais								
Acesso pontos turísticos								
Estrada de acesso ao distrito								
Ruídos								
Ar								
Limpeza das ruas								
Segurança								
Serviços médicos								
Serviços alimentação								
Serviços banco								

Número:
Idade:

Sexo: Escolaridade:

Profissão:

() menos de 18 anos () de 19 a 29 anos () de 30 a 39 anos
() de 40 a 49 anos () de 50 a 59 anos () Mais de 60 anos

Cidade de origem:

Tempo em que permanecerá no distrito: () Menos de 1 dia () De 1 a 3 dias () Mais de 3 dias

Renda mensal: () Até 1000 reais. () Entre 1000 – 2500 reais. () Entre 5000 – 7500 reais.
() Entre 7500 – 10000 reais. () Entre 10000 – 15000 reais. () Acima 15000 reais.

Roteiro semi-estruturado para entrevista com os moradores locais

1. Como você caracteriza o distrito de Lavras Novas?
2. O que você mais valoriza no distrito? Escolher três opções e atribuir peso a elas.

Elementos avaliados	1	2	3	4	5
Belezas cênicas					
Passeios ecológicos					
História local					
Esportes radicais					
Manifestações culturais					
Gastronomia					
Tranqüilidade					
Qualidade de vida*					

*Em quais aspectos? _____

3. Você se mudaria de Lavras Novas para outro lugar? () Sim () Não. Por quê?

4. Quais são as atividades mais tradicionais no distrito?
5. Elas ainda acontecem?
6. Existe, por parte dos moradores, da prefeitura ou do setor privado, tentativas de resgate da cultura local?
7. Você conhece as atrações naturais existentes no distrito de Lavras Novas?
8. O que eles representam para você?
9. Quais as suas ações e dos moradores de Lavras Novas para cuidar da natureza/meio ambiente do distrito?
10. Quais as ações da prefeitura para cuidar da natureza/meio ambiente do distrito?
11. Você observa mudanças em relação à da natureza/meio ambiente no distrito após à chegada do turismo?
12. Você observa modificações na cultura local devido à chegada do turismo?
13. Como se comportam os turistas que visitam Lavras Novas?
14. Como você recebe os turistas que chegam à Lavras Novas?
15. Quem são os maiores beneficiados pela exploração do turismo em Lavras Novas?

() Moradores () Prefeitura () Comerciantes () Proprietários de pousadas () Empresários do ramo dos turismo aventura () Outros

16. Você observa a existência de problemas ambientais no distrito?

() Sim. Quais? _____ () Não

17. Quem você acredita serem os responsáveis pela geração desses problemas (permitir 3 respostas e atribuir peso de importância)?

Responsável	0	1	2	3	4	5
Moradores						
Prefeitura						
Comerciantes						
Proprietários de meios de hospedagem						
Empresários do ramo do turismo aventura						

() Outros. Quais?

18. Qual seria uma medida para evitá-los na sua opinião?

19. Existem aspectos positivos e negativos da exploração do turismo para o distrito?

20. Você está satisfeito com a forma como o turismo vem sendo explorado no distrito? Se pudesse mudar algo, mudaria?

21. Como é hoje a relação dos moradores nativos de Lavras Novas com os comerciantes, proprietários de pousadas e demais grupos que exploram o turismo no lugar?

22. O que você espera para o seu futuro em Lavras Novas no que tange à exploração do turismo?

23. Grau de satisfação com a infra-estrutura local

Elementos avaliados	Excelente	Muito bom	Bom	Regular	Ruim	Não satisfatório	Não respondeu	Comentários
Água								
Rede de esgoto								
Lixo								
Energia Elétrica								
Atrativos naturais								
Atrativos históricos culturais								

Acesso pontos turísticos								
Estrada de acesso ao distrito								
Ruídos								
Ar								
Limpeza das ruas								
Segurança								
Serviços médicos								
Serviços alimentação								
Serviços banco								

Número:
Escolaridade:

Sexo:
Profissão:

Idade:

() menos de 18 anos () de 19 a 29 anos () de 30 a 39 anos
() de 40 a 49 anos () de 50 a 59 anos () Mais de 60 anos

Cidade de origem:

Tempo em que vive em Lavras Novas:

Renda mensal: () Até 1000 reais. () Entre 1000 – 2500 reais. () Entre 5000 – 7500 reais.
() Entre 7500 – 10000 reais. () Entre 10000 – 15000 reais. () Acima 15000 reais.

Roteiro semi-estruturado para entrevista com os meios de hospedagem

1. Há quanto tempo possui o estabelecimento?
2. Por que optou por Lavras Novas para abrir o negócio?

3. Você usou recursos de terceiros para abrir o estabelecimento?
 Não Sim. Quais?
4. Como você caracteriza o distrito de Lavras Novas?
5. Como você foi recebido pelos moradores de Lavras Novas?
6. Como é hoje a relação com os moradores nativos de Lavras Novas?
7. Existe concorrência entre os estabelecimentos em Lavras Novas?
8. Quantos funcionários o negócio possui?
 1 2 3 4 5 Entre 5 e 10 mais de dez
9. Quantos são nativos?
 1 2 3 4 5 Mais de cinco Entre 5 e 10 Mais de dez
10. Serviços oferecidos pelo estabelecimento no caso dos meios de hospedagem.

Serviço oferecido	Sim	Não
Limpeza do quarto		
Lavagem de roupas		
Alimentação matinal		
Almoço e jantar		
Massagem		
Yoga		
Banhos (orientais, por exemplo)		
Piscina		
Piscina privativa		
Passeios ecológicos		
Apartamentos com vista para montanhas		
Lareira		
Bar		
TV a cabo		

Outros. Quais?

11. Como são as condições sociais de vida dos moradores de Lavras Novas?
12. Você conhece as atrações naturais de Lavras Novas? Quais?

13. O que elas representam para você?
14. Quais as suas ações e dos moradores de Lavras Novas para cuidar da natureza/meio ambiente no distrito?
15. Quais as ações da prefeitura para cuidar da natureza/meio ambiente no distrito?

16. Você percebe ações do governo local e do estado buscando atrair mais turistas para o distrito?

17. Você observa mudanças no distrito após a chegada do turismo?

() Não () Sim. Quais? _____

18. Nos últimos meses, a atividade desenvolvida pelo estabelecimento foi limitada por algum fator? Se assinalar mais do de um fator indicar o mais importante.

() Insuficiência da Procura () Preços de venda elevados

() Dificuldades Financeiras () Insuficiente capacidade de oferta

() Dificuldades em encontrar pessoal com formação apropriada

() Excesso de burocracia e regulamentações estatais

() Relação com a população local e com os conselhos administrativos locais desfavorável a continuidade do negócio.

19. Como se comportam os turistas que visitam Lavras Novas? (sendo 0 muito ruim e 5 muito bom)

Elementos avaliados	0	1	2	3	4	5
Organização						
Barulho						
Lixo gerado						
Uso entorpecentes						
Gorjeta						
Embriaguez						

() Outros. Quais? _____

20. Como você recebe os turistas que chegam à Lavras Novas?

21. Quem são os maiores beneficiados pela exploração do turismo em Lavras Novas? Três possibilidades de resposta às quais devem ser atribuídos pesos.

Responsável	0	1	2	3	4	5
Moradores						
Prefeitura						

Comerciantes						
Proprietários de meios de hospedagem						
Empresários do ramo do turismo avulso						

22. Você observa a existência de problemas ambientais no distrito?

() Sim. Quais? _____ () Não

23. Quem você acredita serem os responsáveis pela geração desses problemas? Três possibilidades de resposta às quais devem ser atribuídos pesos.

Responsável	0	1	2	3	4	5
Moradores						
Prefeitura						
Comerciantes						
Proprietários de meios de hospedagem						
Empresários do ramo do turismo avulso						

() Outros. Quais? _____

24. Qual seria uma medida para evitá-los na sua opinião?

25. Existem aspectos positivos e negativos da exploração do turismo para o distrito?

26. Você está satisfeito com a forma como o turismo vem sendo explorado no distrito? Se pudesse mudar algo, mudaria?

27. Como é hoje a relação com os demais grupos que exploram o turismo no lugar?

28. O que você espera para o seu futuro em Lavras Novas no que tange à exploração do turismo?

29. Satisfação quanto à infra-estrutura local.

Elementos	Excelente	Muito	Bom	Regular	Ruim	Não	Não	Comentários
-----------	-----------	-------	-----	---------	------	-----	-----	-------------

avaliados		bom				satisfatório	respondeu	
Água								
Rede de esgo								
Lixo								
Energia Elétri								
Atrativos nat								
Atrativos históricos culturais								
Acesso pontos turísticos								
Estrada de acesso ao distrito								
Ruídos								
Ar								
Limpeza das								
Segurança								
Serviços médicos								
Serviços alimentação								
Serviços banco								

Número:

Sexo:

Escolaridade:

Profissão:

Idade:

() menos de 18 anos

() de 19 a 29 anos

() de 30 a 39 anos

() de 40 a 49 anos

() de 50 a 59 anos

() Mais de 60 anos

Cidade de origem:

Forma de acesso ao distrito:

Renda mensal: () Até 1000 reais. () Entre 1000 – 2500 reais. () Entre 5000 – 7500 reais.

() Entre 7500 – 10000 reais. () Entre 10000 – 15000 reais. () Acima 15000 reais.

Roteiro semi-estruturado para entrevista com as autoridades locais

- 1) Qual é o seu cargo na Associação?
- 2) Para que serve a Associação?
- 3) Você acredita que Lavras Novas está se desenvolvendo por meio do turismo? Como?
- 4) Quais os pontos positivos e negativos do turismo em Lavras Novas?
- 5) Existem ações da Associação para tentar amenizar os pontos negativos? Quais?
- 6) A Associação promove ações voltadas para o turismo em Lavras Novas? Quais?
- 7) As ações promovidas pela Associação tem apoio dos empresários locais? (Lembrar Carnaval)
- 8) Existem ações conjuntas entre a Associação e os empresários locais?
- 9) Existem ações conjuntas entre Associação e a prefeitura?
- 10) Existem ações conjuntas entre a prefeitura e o empresariado local?
- 11) Quem tem mais vantagens com a exploração do turismo em Lavras Novas? Por que?
- 12) Hoje em dia quem você considera que tem mais poder de decisão dentro do distrito sobre o turismo? Por que?
- 13) O povo de Lavras Novas tem liberdade de decidir sobre as ações voltadas para o turismo?
- 14) Como é a relação da associação com a prefeitura de Ouro Preto?
- 15) A Associação tem participação nas decisões voltadas para o turismo em Lavras Novas por parte da prefeitura?
- 16) No seu modo de ver, como Lavras Novas é tratada pela prefeitura de Ouro Preto?
- 17) Na sua opinião, a prefeitura de Ouro Preto tem interesse em desenvolver o distrito via turismo? Por que?
- 18) A prefeitura de Ouro Preto estimula a população local a oferecer serviços aos turistas? Como?
- 19) Existem serviços que poderiam ser prestados pela população local, mas que ainda não são explorados? Qual o motivo?
- 20) Você verifica a existência de problemas ambientais em Lavras Novas? Quais?
- 21) Quem você acredita serem os responsáveis pelos problemas ambientais em Lavras Novas?
- 22) Existe um plano de gestão para o turismo em Lavras Novas?
- 23) Você considera que o turismo desenvolvido em Lavras Novas é sustentável? Por que?

- 24) Na sua opinião, qual é hoje o principal problema de Lavras Novas?
- 25) Qual a sua expectativa ou sugestões para o futuro do turismo em Lavras Novas?
- 26) Quadro avaliativo da infra-estrutura local

Elementos avaliados	Excelente	Muito	Bom	Regular	Ruim	Não satisfat	Não respo	Comentários
Água								
Rede de esgoto								
Lixo								
Energia Elétrica								
Atrativos naturais								
Atrativos históricos culturais								
Acesso pontos turísticos								
Estrada de acesso ao distrito								
Ruídos								
Ar								
Limpeza das ruas								
Segurança								
Serviços								

médicos								
Serviços alimentação								
Serviços banco								

Roteiro para entrevista com a Secretaria de Meio Ambiente

- 1) Quais são as atribuições atuais da secretaria?
- 2) Quais são as ações da secretaria de meio ambiente em relação ao turismo?
- 3) Quais as ações desenvolvidas atualmente pela secretaria no distrito de Lavras Novas?
- 4) A secretaria realiza atividades de licenciamento, fiscalização e monitoramento da atividade turística em Lavras Novas?
- 5) Existe parceria com outros departamentos da prefeitura para as ações da secretaria de meio ambiente?
- 6) Existe autonomia por parte da secretaria para executar ações de proteção ao meio ambiente em Ouro Preto e em seus distritos?
- 7) Quais são as demandas atuais do povo de Lavras Novas?
- 8) Já houve alguma reclamação formal por parte da população quanto às ações da secretaria no distrito? Quais?
- 9) Em caso afirmativo, algo foi feito pela secretaria para entrar em acordo com a população?
- 10) A secretaria contribuiu para a elaboração do plano diretor de Ouro Preto? Como?
- 11) O turismo tem gerado impactos ambientais no distrito de Lavras Novas? Quais?
- 12) Quais as causas desses problemas?
- 13) Existem proposições no plano diretor para evitar os impactos ambientais negativos da atividade turística?
- 14) Para a secretaria qual é a motivação do turista que visita Lavras Novas?
- 15) O que tem sido feito para manter esse produto turístico?
- 16) A secretaria possui monitora os impactos negativos da atividade turística no distrito? Se sim, como?
- 17) Vocês verificaram problemas com relação à qualidade da água em Lavras Novas?
- 18) O município realiza monitoramento da qualidade da água local?
- 19) A água das cachoeiras está contaminadas por esgoto sanitário?
- 20) Em caso afirmativo, existem planos para tentar solucionar o problema?

- 21) A Secretaria tem poder de veto as construções consideradas irregulares do ponto de vista ambiental?
- 22) É comum esse tipo de procedimento para Lavras Novas?
- 23) Qual é o papel da Secretaria na liberação das licenças de construção das pousadas?
- 24) Como tem sido a ação da secretaria no sentido de conter o comprometimento das nascentes em Lavras Novas pelo desmatamento e construções irregulares?
- 25) A Secretaria possui apoio da população para as ações de cuidado com o meio ambiente?
- 26) Existem, por parte da secretaria, ações de educação ambiental junto a (aos):
 - a) Escola municipal?
 - b) População em geral?
 - c) Empresários locais?
 - d) Turistas?
- 27) Existe engajamento por parte da população local nesse tipo de ação?
- 28) A que é atribuído esse interesse ou possível desinteresse?
- 29) Quais as suas expectativas e sugestões para o aprimoramento do turismo em Lavras Novas?
- 30) Existem expectativas em relação ao aumento do fluxo de turistas em Lavras Novas para os próximos anos?
- 31) Em caso afirmativo, existem estratégias por parte da secretaria para minimizar os impactos sobre os recursos naturais?

Roteiro para entrevista com a Secretaria de Turismo

- 1) Quais são as atribuições atuais da secretaria?
- 2) Como são decididas as ações da Secretaria para a promoção do turismo no distrito de Lavras Novas?
- 3) Lavras Novas tem apresentado bons índices de desenvolvimento via turismo?
- 4) Existem ações por parte da secretaria para estimular o turismo em Lavras Novas? Quais?
- 5) Existem ações da prefeitura no âmbito da promoção de infra-estrutura para a recepção do turista em Lavras Novas?
- 6) Existem expectativas de aumento do turismo no distrito?
- 7) Em caso afirmativo, existe um plano de melhoria da infra-estrutura local para esse possível aumento?
- 8) Qual a sua percepção dos efeitos do turismo para o distrito com relação:
 - a) Renda
 - b) Arrecadação
 - c) Investimento privado
 - d) Índice de emprego
 - e) Divulgação
 - f) Preservação do patrimônio
- 9) A população tem participação nas decisões? Como?
- 10) O empresariado local tem participação nas decisões?
- 11) Como é a relação da prefeitura com os grupos de empresários locais?
- 12) Como é a relação da prefeitura com as associações locais?
- 13) Como é a relação da prefeitura com a população de Lavras Novas?
- 14) Vocês têm recebido alguma demanda do povo de Lavras Novas?

- 15) O que tem sido feito no sentido de atender aos anseios da população? Quais?
- 16) Você saberia falar sobre o grau de satisfação ou insatisfação da população quanto às condições atuais do distrito?
- 17) Existem ações no sentido de resgate e preservação do patrimônio histórico e cultural de Lavras Novas? Quais?
- 18) Quais são as ações atuais da Secretaria em Lavras Novas quanto à promoção e divulgação da atividade turística?
- 19) A secretaria oferece cursos de capacitação de mão de obra ligada aos produtos turísticos oferecidos pelo distrito?
- 20) Quais foram os resultados alcançados pela exploração do turismo em Lavras Novas, na sua opinião?
- 21) Você observa algum tipo de envolvimento da população de Lavras Novas no sentido de promover o turismo local?
- 22) Existe por parte da prefeitura o interesse em estimular a população local a promover o turismo em Lavras Novas?
- 23) As ações da prefeitura tem o apoio da população local? Como?
- 24) Existe parceria ou desacordo entre os grupos envolvidos com turismo para o planejamento da atividade no distrito?
- 25) Se sim, esses interesses dificultam em alguma medida a ação da secretaria no distrito?
- 26) Você consegue identificar pontos positivos e negativos do turismo em Lavras Novas hoje?
- 27) Existem ações futuras idealizadas pela prefeitura para a promoção do turismo no distrito? Quais?
- 28) Atualmente, quais os problemas ou desafios enfrentados para alcançar o desenvolvimento e/ou aprimoramento do turismo distrito?
- 29) Qual a situação da infra-estrutura local disponível para o turismo?

Elementos avaliados	Excelente	Muito	Bom	Regular	Ruim	Não satisfat	Não respo	Comentários
Água								
Rede de esgoto								
Lixo								

Energia Elétrica								
Atrativos naturais								
Atrativos históricos culturais								
Acesso pontos turísticos								
Estrada de acesso ao distrito								
Ruídos								
Ar								
Limpeza das ruas								
Segurança								
Serviços médicos								
Serviços alimentação								
Serviços banco								

Roteiro para entrevista com o representante da Câmara Municipal

- 1) O senhor acha que o distrito de Lavras Novas tem se desenvolvido?
- 2) Se sim, esse desenvolvimento é decorrente de que?
- 3) Quais as ações atuais da prefeitura em Lavras Novas?
- 4) Existe um projeto de tombamento da rua central?
- 5) Em que isso beneficia o distrito?
- 6) As festividades (religiosas, carnaval, réveillon) realizadas no distrito têm apoio da prefeitura? Por que?
- 7) E dos empresários locais?
- 8) Esse tipo de festa atrai o turista?
- 9) Quais os pontos positivos e negativos do turismo para Lavras Novas, na sua opinião?
- 10) Existem expectativas de aumento das visitas?
- 11) A prefeitura tem se empenhado em divulgar o distrito para isso? Como?
- 12) Em caso afirmativo, existe um plano de melhoria da infra-estrutura local para esse possível aumento?
- 13) Quais os problemas principais hoje enfrentados no distrito de Lavras Novas?
- 14) A prefeitura identifica alguma demanda no distrito de Lavras Novas atualmente?

- 15) Quais são elas?
- 16) Algo vem sendo feito em busca de atender tais demandas?
- 17) Você percebe um crescimento desordenado do turismo em Lavras Novas?
- 18) É possível perceber muitas edificações em desacordo com a legislação ambiental em Lavras Novas. Por que a prefeitura tem permitido esse tipo de construção?
- 19) Qual é a situação atual do abastecimento de água em Lavras Novas?
- 20) Qual é a situação atual da rede de esgoto sanitário em Lavras Novas?
- 21) Existem planos futuros para a estrada que dá acesso a Lavras Novas?
- 22) Qual a imagem você acredita que o poder público de Ouro Preto tem para a população de Lavras Novas?
- 23) Quais os problemas ambientais atuais, encontrados no distrito?
- 24) O que tem sido feito na tentativa de solucioná-los?
- 25) O que tem sido feito em termos de preservação do patrimônio natural, histórico e cultural em Lavras Novas?
- 26) Como é a relação atual entre os moradores nativos, proprietários de meios de hospedagem, bares, restaurantes e turistas?
- 27) Você observa ações integradas para a manutenção do produto turístico entre os grupos que vivem do turismo em Lavras Novas?
- 28) Os moradores de Lavras Novas têm autonomia nas decisões para o turismo no distrito?
- 29) Você consegue identificar interesses divergentes com relação à exploração do turismo em Lavras Novas?
- 30) Esses interesses dificultam em alguma medida a ação do poder público no distrito?
- 31) Existe hoje a Lavras Novas do turista e a Lavras Novas do nativo?
- 32) Como é o diálogo da prefeitura com:
 - a) Meios de hospedagem;
 - b) Bares e restaurantes;
 - c) Nativos.